

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Rafaela Silva Thomaz



**APRENDER A LÍNGUA INGLESA:**

**Um imperativo para o sujeito empreendedor de si**

Porto Alegre

2018

Rafaela Silva Thomaz

**APRENDER A LÍNGUA INGLESA:**

**Um imperativo para o sujeito empreendedor de si**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Wanderer

Linha de pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre

2018

## CIP - Catalogação na Publicação

Silva Thomaz, Rafaela

Aprender a Língua Inglesa: Um imperativo para o  
sujeito empreendedor de si / Rafaela Silva Thomaz. --  
2018.

133 f.

Orientador: Fernanda Wanderer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Educação. 2. Língua Inglesa. 3. Capital humano.  
4. Empreendedorismo. I. Wanderer, Fernanda, orient.  
II. Título.

Rafaela Silva Thomaz

**APRENDER A LÍNGUA INGLESA:**

**Um imperativo para o sujeito empreendedor de si**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovação em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Prof. Dra. Fernanda Wanderer – Orientadora

---

Prof. Dra. Clarice Saete Traversini

---

Prof. Dra. Daiane Bocasanta – UFRGS

---

Prof. Dra. Maria Luísa Bredemeier – Unisinos

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Vera, para quem a educação dos filhos sempre esteve em primeiro lugar. Aos meus irmãos, Raquel e Renan, ao meu noivo Thiago, aos cunhados Leandro e Gabriela, e ao mais novo membro da família, Daniel, por entenderem minhas ausências, me incentivarem e apoiarem em todas as horas, com amor, paciência e dedicação.

À Professora Dra. Fernanda Wanderer, por acreditar no meu projeto e nas possibilidades de realização deste trabalho. Pelas ótimas explicações e contribuições que enriqueceram as discussões aqui presentes e que foram de extrema importância para minha formação enquanto pesquisadora. Da mesma forma, agradeço imensamente pelo carinho com que formaste o nosso grupo de pesquisa, com os colegas Fernando, Marília, Mônica, Polliane, Fernanda, Cecília, Gicele e Camila, que souberam retribuir todo esse carinho sendo amigos e companheiros uns dos outros, compartilhando seus conhecimentos, certezas e incertezas, dúvidas e conquistas com recíproca generosidade.

Às Professoras Doutoras Adriana Thoma, Clarice Salette Traversini, Daiane Bocasanta e Maria Luísa Bredemeier, pela gentileza de participarem de minhas bancas examinadoras e pelo carinho com que leram meu projeto e se dedicaram em apresentar sugestões que enriquecessem este trabalho e contribuíssem para que se tornasse uma dissertação. Espero ter acertado nas escolhas e cumprido com suas expectativas.

Aos amigos e colegas de trabalho, pelo apoio, dedicação e carinho com que me ouviram, compartilharam suas experiências e me incentivaram.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa na contemporaneidade. Para isso, foram analisadas enunciações sobre a aprendizagem da Língua Inglesa presentes em redações de professores dessa área do conhecimento. O material de pesquisa é formado por um conjunto de 70 redações de candidatos à vaga de docente de inglês em uma instituição de ensino profissionalizante no Rio Grande do Sul, no período de 2016 a 2018. Como aportes teóricos, a investigação sustentou-se, basicamente, na produção de autores como Michel Foucault (2008a, 2008b), Sylvio Gadelha (2009a, 2009b), López-Ruiz (2004, 2009) e Zygmunt Bauman (1999; 2001; 2005), operando com conceitos como empreendedorismo de si, Capital Humano e Globalização. Os resultados encontrados pela pesquisa foram agrupados em três eixos principais, os quais apontaram que 1) os professores percebem a aprendizagem da língua inglesa como forma de transformarem seus futuros, serem melhores pessoas e tornarem-se partícipes de uma nação desenvolvida; 2) a língua inglesa não é vista como uma habilidade de capital humano qualquer, ela completa o sujeito aprendiz com aquilo que ele necessita para ser, estar e agir em uma sociedade notoriamente marcada pelos impactos da globalização e do fenômeno da revolução tecnológica; 3) em um contexto que não aceita outras formas de sobrevivência a não ser a inclusão no mundo dos “negócios”, saber inglês é considerado indispensável para a obtenção de um emprego nos moldes das “grandes empresas” e dos “melhores” e “mais altos” cargos. Assim, a pesquisa concluiu que a aprendizagem da língua inglesa é posicionada em um lugar privilegiado em nossa sociedade e vista como elemento primordial para o sucesso do indivíduo contemporâneo. Ao mesmo tempo em que serve como ferramenta para legitimar o emprego dos sujeitos falantes de inglês, marcando-os como úteis e produtivos, a falta dessa habilidade resulta na exclusão em um mundo que se mostra repleto de oportunidades. Nesse sentido, o trabalho demonstrou que a Língua Inglesa é uma ferramenta que se alinha ao sucesso profissional, sendo, ao mesmo tempo, uma forma de governo da população.

Palavras-chave: Educação; Língua Inglesa; Capital Humano; Empreendedorismo.

## ABSTRACT

This work aims to examine the meanings attributed to the learning of the English Language in contemporary times. In order to do so, we have analyzed statements about English language learning written by teachers of this area of knowledge. The research material is formed by a set of 70 essays from candidates for the position of English teacher in a vocational education institution in Rio Grande do Sul, from 2016 to 2018. As theoretical contributions, the research was basically based on the production of authors such as Michel Foucault (2008a, 2008b), Sylvio Gadelha (2009a, 2009b), López-Ruiz (2004, 2009) and Zygmunt Bauman (1999, 2001, 2005), working with concepts such as entrepreneurship, Human Capital and Globalization. The results found by the research were grouped into three main axes, which pointed out that 1) teachers perceive English language learning as a way to transform their futures, become better people and become participants in a developed nation; 2) the English language is not seen as a skill of any human capital, it completes the learner with what he needs to be and act in a society strongly characterized by the impacts of globalization and the phenomenon of technological revolution; 3) in a context that does not accept other forms of survival other than inclusion in the world of "business", knowing English is considered indispensable for obtaining a job in the standard of the "big companies" and "the best" and "the highest " positions. Thus, the research concluded that the learning of the English language is positioned in a privileged place in our society and seen as a primordial element for the success of the contemporary individual. While serving as a tool to legitimize the employment of English-speaking subjects, marking them as useful and productive, the lack of this ability results in exclusion in a world that is full of opportunities. In this sense, the work demonstrated that the English Language is a tool that aligns with professional success, being, at the same time, a tool for the government of the population.

Keywords: Education; English Language; Human capital; Entrepreneurship.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>SENDO DE OPORTUNIDADE: O QUE FAZER PARA CHEGAR LÁ .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>CONHECENDO O UNIVERSO DA LÍNGUA INGLESA.....</b>	<b>23</b>
<b>3</b>	<b>DAS IDEIAS ÀS SELEÇÕES: PRODUZINDO UMA DISSERTAÇÃO .....</b>	<b>49</b>
<b>4</b>	<b>INVESTIR NA LÍNGUA INGLESA: UM IMPERATIVO .....</b>	<b>61</b>
4.1	<i>A EDUCAÇÃO É A ÚNICA PONTE QUE LEVA AS PESSOAS A MELHORES FUTUROS</i>	<b>62</b>
4.2	<i>SE AS PESSOAS QUEREM SE ADAPTAR AO MUNDO DE HOJE, O INGLÊS É UMA OBRIGAÇÃO .....</i>	<b>75</b>
4.3	<i>AS PESSOAS QUE NÃO SABEM INGLÊS ESTÃO EM DESVANTAGEM EM RELAÇÃO ÀS QUE SABEM.....</i>	<b>86</b>
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO FINAL: TECENDO CONCLUSÕES PROVISÓRIAS.....</b>	<b>98</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>113</b>

## 1 SENSO DE OPORTUNIDADE: O QUE FAZER PARA CHEGAR LÁ

Chegamos a tal ponto, hoje, e isso faz doer à alma, que já não é mais visto como sábio senão quem faz do estudo da sabedoria uma fonte de lucro. (MIRANDOLA, 2003, *apud* ORDINE, 2016, p. 156).

Desde o início do processo seletivo o qual me habilitou a ingressar formalmente como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, reflito sobre o lugar de pesquisadora e as possíveis contribuições de um trabalho que pretendia se constituir em Dissertação de Mestrado. Na escrita deste capítulo, descrevo algumas das motivações que considero relevantes na minha formação acadêmica e profissional e apresento a justificativa para a escolha do tema central que guiou esta investigação.

Iniciando pelas escolhas quanto aos cursos de graduação, no ano de 2007 ingressei na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no curso de Bacharelado em Comunicação – Habilitação Publicidade e Propaganda, e, no ano seguinte, devido ao meu grande interesse pelos estudos das linguagens, prestei vestibular para Bacharelado em Letras – Habilitação Português/Inglês, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), passando a cursar as duas graduações concomitantemente. Assim, por um longo período, desdobrei-me entre encaixes e desencaixes de créditos de um curso e de outro e me formei nas duas áreas.

Apesar do carinho que tenho pela comunicação, inclusive sendo essa a área onde atualmente exerço atividade profissional, em 2010 comecei a trabalhar como monitora de inglês<sup>1</sup> em uma escola de idiomas, adquirindo, nos anos seguintes, inúmeras experiências como professora em mais de uma escola de idiomas, ensinando alunos de diversas idades e perfis. Desde 2015, atuo também como ministrante em uma turma de servidores na Escola de Desenvolvimento da UFRGS<sup>2</sup>. Em virtude dessas experiências, me vejo bastante envolvida com o ensino de inglês, apesar de não ter optado inicialmente pelo curso de licenciatura. A

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, serão utilizadas letras maiúsculas nos nomes de áreas/campos de pesquisa, como Língua Inglesa, Língua Estrangeira e a disciplina Inglês. Em outros casos, serão utilizadas letras minúsculas, como em “aprendizagem da língua inglesa” ou “ensino de inglês”.

<sup>2</sup> A Escola de Desenvolvimento de Servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EDUFRGS) tem o objetivo de promover a capacitação de servidores, contando com a promoção de atividades de aprendizagem interdependentes, que promovam o desenvolvimento pessoal e profissional do servidor. As aulas de inglês que ministram fazem parte do programa de idiomas da EDUFRGS, o qual contempla o ensino de alemão, espanhol, francês, inglês e italiano, em níveis sequenciais, cada um com carga horária de 30 horas semestrais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2018).

aproximação com a área da educação deu-se por uma série de coincidências, sem as quais eu não teria vivenciado experiências que me conduziram à docência. Foi por esses motivos que busquei a pós-graduação em Educação, no sentido de complementar minha formação acadêmica para o ensino de inglês.

Quando, em 2016, ingressei como mestranda na Linha de Estudos Culturais, no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS, eu já havia cursado uma disciplina como aluna especial<sup>3</sup>, a qual havia me inspirado a compor o projeto requerido como uma das etapas do processo seletivo. Apesar da simpatia pelo projeto, o qual estava relacionado à exposição *As meninas do quarto 28*, realizada no Museu da UFRGS, e de acreditar em seu potencial, decidi, após algum tempo, revê-lo, com a proposta de encontrar um tema que estivesse mais próximo de minhas inspirações profissionais. Como a inspiração está em se “[...] achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante [...]” (CORAZZA, 2012, p. 125), não foi por acaso que escolhi a Língua Inglesa.

Após a escolha do tema, foi preciso destacar um conjunto de questionamentos para o qual fosse possível olhar com vontade de problematizar. Em minha memória, começaram a surgir *flashbacks* de alguns episódios vivenciados em sala de aula, e que provocaram desconforto, como, por exemplo, certa vez em que uma aluna adolescente falara com desdém aos colegas: “Sou muito mais americana do que brasileira”. Na ocasião, lembro-me de ter ficado desconcertada, pois sua declaração não fazia menção a questões de nacionalidade puramente. Ela tinha relação com o que a aluna compreendia como cultura, e com sua forma de relacionar-se com sua cultura e com a estrangeira.

Foi nesse sentido que fui revendo alguns questionamentos que me faziam repensar noções aparentemente firmes sobre a Língua inglesa. Nesse movimento de reflexão sobre as “verdades”<sup>4</sup> que cercam a Língua Inglesa, lembrei-me de momentos, por exemplo, em que eu elencava junto aos alunos – geralmente nos primeiros dias de aula – quais os motivos que os levavam a frequentar um curso de idiomas. Enquanto um grande número de crianças e adolescentes afirmava estar ali porque *os pais* consideravam que *aprender inglês era importante para o futuro*, um número menor de alunos era indiferente à pergunta, alguns poucos não sabiam por que estavam ali, e uma minoria respondia que gostava de aprender o

---

<sup>3</sup> No primeiro semestre de 2016, cursei a disciplina *Educação, saúde & ética (na pesquisa) dos corpos “fora de lugar”* como aluna no Programa de Educação Continuada, o qual possibilita alunos já graduados a cursarem uma disciplina por semestre no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS.

<sup>4</sup> O conceito será abordado no terceiro capítulo deste trabalho.

idioma. A fim de garantir que todos se sentissem estimulados a aprender o idioma, lembrome de (eu mesma!) ir até o quadro e escrever, com convicção, para que os alunos jamais esquecessem: *O inglês é importante para o futuro.*

Hoje, enquanto pesquisadora, não enxergo essa postura com os mesmos olhos. Foi necessário, no entanto, ver e rever a mesma cena em minha cabeça muitas vezes, a fim de problematizar questões como essas e enxergar a possibilidade de dar a elas novas significações. Como salienta Bujes (2007), ao pôr em questão minhas convicções, eu tentava me colocar num outro ponto focal, assumir outro registro, sair em busca de novas perspectivas. Tratava-se de “me educar para olhar de outra maneira aquilo que eu não podia ver senão com as velhas e confortáveis lentes [...]” (BUJES, 2007, p. 15). Assim, a aprendizagem da língua inglesa, os motivos que levam os sujeitos a quererem aprender o idioma, as práticas discursivas que engendram o imperativo de aprender inglês passaram a ser temáticas constantes em minhas reflexões.

Nesse sentido, alguns estudos realizados por instituições vinculadas ao ensino de inglês chamaram-me a atenção. Dentre eles, a pesquisa desenvolvida pelo *British Council Brasil* (2014), o qual apontou que, no Brasil, 5% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês. O mesmo estudo afirma que os departamentos de Recursos Humanos entendem que o domínio da língua inglesa é um diferencial entre os candidatos, que os colocam em posição de destaque na hora do recrutamento. Outro estudo, o Índice de Proficiência em Inglês (EF EPI) da *Education First* (2016), apresenta informações sobre os níveis de proficiência em inglês em 40 países e 16 setores, identificando três benefícios principais de falar inglês para as empresas: a) capacidade de comprar e vender para uma gama mais diversificada de clientes, fornecedores e parceiros de negócios; b) melhor comunicação entre funcionários geograficamente dispersos; c) aumento da aptidão em fusões e aquisições transnacionais.

Já o estudo realizado pela *Global English* (2013) com 24.000 trabalhadores de mais de 90 países, mostra que os mesmos veem uma crescente conexão entre a proficiência em inglês para os negócios e a progressão na carreira. A investigação apontou, também, que há um sentimento quase unânime - 94% - entre os trabalhadores de que o inglês é importante, ou mesmo necessário, para se obter uma promoção.

Nesse sentido, este trabalho busca examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da língua inglesa na contemporaneidade, especialmente aqueles que sustentam o idioma como uma ferramenta imprescindível para o sucesso profissional e pessoal dos indivíduos. Utilizando autores como Zygmunt Bauman (1999; 2001; 2005) e Richard Sennett (2008), busco indagar sobre como é formada a noção de *sucesso*, e como esse é atrelado à aprendizagem da língua inglesa. Enquanto aprender alemão, francês ou russo não soa como uma tarefa que deva ser atribuída ao bom trabalhador de hoje, aprender inglês parece fundamental.

Em uma cultura notadamente marcada pela superficialidade, o conhecimento, a técnica e a experiência que se desenvolvem ao longo do tempo dão lugar às relações interpessoais e às redes de relacionamento, que se articulam e se desfazem rapidamente, na medida da necessidade. O foco está, nos dias de hoje, sobre a capacidade de aprendizagem de novas habilidades exigidas a cada momento, e na transitoriedade necessária para que o trabalhador seja bem-sucedido em ambientes de trabalho que a todo instante se transformam e depreciam seu conhecimento (LOPEZ-RUIZ, 2009).

Nesse sentido, como apresentado pela epígrafe que abre este capítulo, não é sábio aquele que se compromete com a arte do aprender ou com o fazer bem feito pelo prazer. Ao contrário, é considerado sábio aquele que faz do saber a arte do lucro, pois, como exposto por Bauman (2001),

[...] o mundo se torna uma coleção infinita de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas. Há mais – muitíssimo mais – possibilidades do que qualquer vida individual, por mais longa, aventureira e industriosa que seja, pode tentar explorar, e muito menos adotar. (BAUMAN, 2001, p. 73).

Diante desse panorama, o *senso de oportunidade*, uma das características exigidas pelo novo espírito do capitalismo, se torna necessário à medida que habilita o sujeito a distinguir, dentre as infinitas possibilidades, quais lhe serão mais convenientes em termos econômicos. Dessa forma, aprender um dos idiomas mencionados, ou até mesmo matemática e gastronomia, faz do sujeito um bom ou um mal administrador de si mesmo, de suas competências, de sua vida. Do mesmo modo, não saber fazer boas escolhas não é

uma opção, pois, a responsabilidade dos acertos e erros é exclusivamente sua (GADELHA, 2009b).

Ao questionar esse sistema, o filósofo italiano Nuccio Ordine (2016, p. 09) escreve, em sua obra *A utilidade do inútil*, que a nossa realidade se encontra bastante afastada de um estado ideal de sociedade, pois vivemos em uma lógica onde o lucro supera o valor do saber em si, cedendo espaço para que sejam reconhecidos apenas aqueles saberes vinculados à capacidade de produzir ganhos imediatos ou benefícios comerciais. Para ele, não há espaço para reflexões sobre o valor da arte, da poesia, da curiosidade e dos saberes que desempenham papel fundamental no “cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade”. Na ânsia pela eficiência, explica o autor, “[...] os saberes humanísticos e, de modo mais geral, todos os saberes que não trazem lucro são considerados inúteis.” (Ibid., p. 9). Na confluência dessa e de outras reflexões é que surge esta pesquisa com o intuito de examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa na contemporaneidade. Para dar conta deste propósito, farei uso das seguintes perguntas, as quais pretendem auxiliar na construção da análise empreendida nesta dissertação:

- a) Quais enunciações estão presentes nas redações dos candidatos à docência em inglês relacionadas à importância da aprendizagem dessa língua?
- b) São evidenciadas, nessas enunciações, marcas que associam a Língua Inglesa com o sucesso pessoal e profissional? Quais?
- c) Pode-se visualizar nas redações dos candidatos atributos que associam a aprendizagem da língua inglesa a um investimento? Se sim, que investimento seria esse?

Com base nessas reflexões, e com o intuito de responder às ideias elencadas acima, os primeiros passos de confecção desta dissertação incluíram um mapeamento das investigações acadêmicas já produzidas sobre a temática da Língua Inglesa em suas relações com o empreendedorismo de si e com a Teoria do Capital Humano. Dessa forma, passo a relatar como procedi à busca de trabalhos que se aproximassem de minhas intenções de pesquisa em sete bancos de teses e dissertações, sendo eles: 1) Lume: Repositório Digital da

UFRGS; 2) BDTD - Teses e Dissertações Online da ULBRA; 3) Repositório PUCRS: Dissertação e Tese; 4) RDBU: Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos; 5) BDTD UFSM: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Santa Maria; 6) Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); 7) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Tal seleção justifica-se primeiramente pela busca de trabalhos na instituição onde foi desenvolvido este estudo, seguida de instituições locais, e, por fim, no portal Capes, por sua abrangência nacional. Em cada um dos portais utilizados, escrevi as palavras “Língua Inglesa”, “Empreendedorismo” e/ou “Capital Humano” separadamente.

Como se pode observar nos quadros abaixo, que têm como objetivo mostrar os achados dessa revisão, busquei primeiro fazer um levantamento de pesquisas que tivessem estudado a Língua Inglesa, encontrando resultados majoritariamente nos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Educação. Considero que as pesquisas encontradas foram de extrema importância para dar suporte a muitos dos argumentos que serão apresentados nesta dissertação. Também foram fundamentais à medida que me ajudaram a delinear o escopo do meu trabalho, servindo-me de embasamento teórico e provocando reflexões. Abaixo, relaciono as pesquisas que mais se aproximam do meu estudo, a partir do “Quadro 1: sobre a língua inglesa” e do “Quadro 2: sobre o empreendedorismo e o Capital Humano”, comentando, em seguida, alguns dos pontos que me levaram a destacá-las.

Quadro 1 - Sobre a Língua Inglesa

Título/Autor/Orientador	Universidade/ Ano/ Programa	PORTAL
<b>Globalização, anti-imperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna</b> Elisabete Andrade Longaray Orientadora: Dra. Marília dos Santos Lima	UFRGS (2009) Programa de Pós-Graduação em Letras Doutorado em Estudos da Linguagem	Lume

<p><b>Língua inglesa: um universo imperativo na constituição de sujeitos contemporâneos</b></p> <p>Gisvaldo Bezerra Araújo-Silva</p> <p>Orientadora: Dra. Marisa Vorraber Costa</p>	<p>UFRGS (2012)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Educação</p> <p>Mestrado em Educação</p>	<p>Lume</p>
<p><b>Relações de poder: análise do discurso de duas escolas de idiomas</b></p> <p>Marla Soares dos Santos</p> <p>Orientadora: Dra. Carmen Z. Bolonhini</p>	<p>UNICAMP (2009)</p> <p>Instituto de Estudos da Linguagem</p> <p>Mestrado em Linguística Aplicada</p>	<p>Capes</p>
<p><b>Yes, vamos correr para “dominar” a língua: como a língua inglesa é representada em dois textos da Veja</b></p> <p>Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite</p> <p>Orientadora: Dra. Dylia Lysardo-Dias</p>	<p>UFSJ (2013)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Letras</p> <p>Mestrado em Letras</p>	<p>Capes</p>
<p><b>Ensino infantil da língua inglesa no Brasil: uma análise discursiva da evidência do "quanto mais cedo melhor"</b></p> <p>Alan Febraio Parma</p> <p>Orientadora: Dra. Claudia Regina Castellanos Pfeiffer</p>	<p>Unicamp (2013)</p> <p>Instituto de Estudos da Linguagem</p> <p>Mestrado em Linguística</p>	<p>Capes</p>
<p><b>Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica</b></p> <p>Nilva Conceição Miranda</p> <p>Orientadora: Dra. Deise Cristina de Lima Picanço</p>	<p>UFPR (2015)</p> <p>Curso de Pós-Graduação em Educação</p> <p>Mestrado em Educação</p>	<p>Capes</p>

<p><b>Análise do discurso das políticas para o ensino de inglês: tensões entre público e privado</b></p> <p>Rafaela Spezzia Capuani</p> <p>Orientadora: Dra. Raquel ALS Venera</p>	<p>UNIVILLE (2013)</p> <p>Mestrado em Educação</p>	<p>Capes</p>
<p><b>Tramas discursivas em cena: o espetáculo da língua inglesa em uma instituição universitária</b></p> <p>Priscila Steffens Orth</p> <p>Orientadora: Dra. Angela Derlise Stübe</p>	<p>UFFS (2014)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos</p> <p>Mestrado em Estudos Linguísticos</p>	<p>Capes</p>

Quadro 2 - Sobre Empreendedorismo e Capital Humano

Título/Autor	Programa/Linha	Portal
<p><b>Desenvolvimento e governamentalidade (neo)liberal: da administração à gestão educacional</b></p> <p>Viviane Klaus</p> <p>Orientador: Dr. Alfredo Veiga-Neto</p>	<p>UFRGS (2011)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Educação</p> <p>Doutorado em Educação</p>	<p>Lume</p>
<p><b>Um herói contemporâneo em Você S/A: problematizando a produção do sujeito empreendedor</b></p> <p>Fabiane Langon Lorenzi</p> <p>Orientadora: Dra. Inês Hennigen</p>	<p>UFRGS (2014)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional</p> <p>Dissertação de Mestrado</p>	<p>Lume</p>
<p><b>Educação matemática e formação do técnico agrícola: entre o “aprender pela pesquisa” e o “aprender a fazer fazendo”</b></p> <p>Neila de Toledo e Toledo</p> <p>Orientadora: Dra. Gelsa Knijinik</p>	<p>UNISINOS (2017)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Educação</p> <p>Doutorado em Educação</p>	<p>RDBU</p>

<p><b>Um estudo sobre a educação financeira e instituição escolar</b></p> <p>Paulo Roberto Ribeiro Vargas</p> <p>Orientadora: Dra. Gelsa Knijinik</p>	<p>UNISINOS (2014)</p> <p>Programa de Pós-Graduação em Educação</p> <p>Doutorado em Educação</p>	<p>RDBU</p>
---	--	-------------

Entre os estudos encontrados na revisão de literatura, elenquei, acima, os que mais se relacionam com a pesquisa desenvolvida, com o intuito de comentar os principais deles a seguir<sup>5</sup>. Início pelo trabalho *Relações de poder: análise do discurso de duas escolas de idiomas*, de Marla Soares dos Santos (2009), o qual investiga aspectos discursivos presentes nos dizeres produzidos por duas instituições de ensino de LI<sup>6</sup> no Brasil, uma escola privada e outra pública. Analisando enunciados de textos produzidos pelas escolas por ocasião de datas comemorativas da fundação das mesmas e textos publicitários ao longo das décadas de 60, 70 e 90, Santos constata que as escolas construíram, através de suas propagandas, uma rede discursiva em que os sentidos produzidos sobre o ensino/aprendizagem de LI fazem parte da formação dos alunos e dos professores, além de constituir os ambientes onde o ensino/aprendizado de línguas pode se dar: a própria escola de idiomas e a escola regular.

Também com o objetivo de identificar as representações dos jovens sobre o ensino de inglês na escola regular, Rafaela Spezzia Capuani, escreve, em 2013, a dissertação intitulada *Análise do discurso das políticas para o ensino de inglês: tensões entre público e privado*. Os dados de sua pesquisa apontam para uma cultura escolar onde os jovens se sentem desmotivados, ao mesmo tempo em que desacreditam no ensino de inglês. Para a autora, isso causa falta de interesse do aluno em aprender, visto que o conteúdo, da forma como é praticado, oferece poucos elementos que despertem seu desejo. Para a pesquisadora, é necessário combater o discurso puramente mercadológico que cerca o ensino da língua inglesa, o qual difunde a ideia de que estudar inglês abre portas para o mercado, de que seu conhecimento é imprescindível para a profissão no futuro, constituindo-se em uma ferramenta obrigatória para ingresso no mercado de trabalho.

<sup>5</sup> Os mesmos serão referenciados de forma mais detalhada ao longo da Dissertação, junto a outros trabalhos que compõem os achados da revisão de literatura.

<sup>6</sup> Ao longo do trabalho, adotar-se-á a sigla LI para referir-se ao termo Língua Inglesa.

A esse respeito, o trabalho de Nilva Conceição Miranda (2015) é bastante importante. Intitulada *Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica*, a dissertação investiga, dentre outros aspectos, a formação de sujeitos aprendizes de inglês na escola, embates sociais que surgem no contexto escolar e aproximações e distanciamentos entre o mundo do trabalho e o ensino da Língua Inglesa. Segundo a pesquisa, a relação estabelecida entre a Língua Inglesa e o mercado de trabalho presente nos discursos que circulam na mídia apresenta visões reducionistas e homogeneizantes da função das línguas estrangeiras na sociedade contemporânea. A pesquisadora reflete sobre o porquê de se ensinar a LI na rede pública, como e para que esse ensino foi estabelecido no Brasil, a fim de retomar os conceitos da disciplina e a ressignificação da função social da mesma para a formação dos educandos da escola pública.

Em *Yes, vamos correr para “dominar” a língua: como a língua inglesa é representada em dois textos da Veja*, Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite (2013) busca identificar e analisar como a língua inglesa é representada em dois textos da revista *Veja* na seção Educação. A partir de levantamento de dados feito por meio do acervo digital da *Veja* entre 2005 e 2010, a pesquisadora coletou textos que versam sobre a língua inglesa, observando que os mesmos a representam de vários modos que se assemelham: como passaporte para subir na vida tanto pessoal, quanto profissional e socialmente; como a língua do mundo globalizado; como a língua obrigatória, principalmente na infância; como impossibilitada de ser aprendida na escola regular; como a língua do nativo; como a língua que deve ser aprendida rapidamente por todos e como sendo uma fonte de prazer.

A fim de ampliar o cenário de instituições onde se aprende inglês, selecionei também a dissertação *Tramas discursivas em cena: o espetáculo da língua inglesa em uma instituição universitária*, de Priscila Steffens Orth (2014). Em sua investigação, a pesquisadora busca compreender como emergem representações de língua inglesa e como elas são sustentadas por diferentes discursividades que circulam em uma instituição universitária. Para recorrer à análise das sequências discursivas articuladas no estudo, Orth toma como referência um questionário de dimensionamento respondido por servidores, para problematizar, a partir deles, as seguintes noções: a língua inglesa como instrumento de ascensão pessoal/profissional; o tempo e o espaço em consonância com a mobilidade do sujeito na

contemporaneidade; e a emergência do sujeito em relação à fluência e ao 'domínio' da língua designada como universal.

Outro estudo relevante é *Ensino infantil da língua inglesa no Brasil: uma análise discursiva da evidência do “quanto mais cedo melhor”*, de Alan Febraio Parma (2013). No trabalho, o pesquisador observa que, em nossa sociedade, há um crescente aumento pela procura por cursos de língua inglesa para crianças desde a primeira infância, sustentado pelo argumento do “quanto mais cedo, melhor”, o qual circula como uma verdade estabilizada. O autor baseia-se na análise do discurso para compreender como a língua inglesa se constitui, no imaginário brasileiro, como a língua estrangeira necessária a ser ensinada cada vez mais cedo (dentre outras línguas estrangeiras), permitindo que surgissem e se estabilizassem tantos cursos infantis de língua inglesa no país. O autor mostra que o argumento do “quanto mais cedo, melhor” é sustentado por uma rede de significação na qual jogam o discurso científico, o da globalização e o mercadológico, permitindo que o sujeito imerso nesse espaço discursivo do ensino infantil do inglês (pais, alunos, professores, gestores, administradores) trabalhe na evidência de que quanto mais cedo se inicia o ensino do inglês como língua estrangeira – por razões científicas –, mais cedo está-se garantindo o sucesso financeiro e pessoal de um indivíduo na sociedade global, permitindo que ele se destaque dos demais, subjugando-os.

Quanto às pesquisas acerca do referencial teórico adotado nesta dissertação, aproximam-se de meu estudo a Dissertação de Mestrado de Fabiane Langon Lorenzi (2014) e as Teses de Doutorado de Viviane Klaus (2011), de Neila de Toledo e Toledo (2017) e de Paulo Roberto Ribeiro Vargas (2012). A partir das lentes teórico-metodológicas dos Estudos Foucaultianos, Viviane Klaus procura compreender como se deu a mudança de ênfase de uma concepção da administração educacional para a gestão educacional, tendo como fontes principais um documento produzido pela CEPAL e pela UNESCO e um documento produzido pelo Ministério da Educação Brasileiro, a partir da década de 1990. Na tese de Klaus, intitulada *Desenvolvimento e governamentalidade (neo)liberal: da administração à gestão educacional*, a noção de desenvolvimento, a qual passo a utilizar também nesta dissertação, aparece como uma das condições de possibilidade de emergência da administração educacional ao partir do pressuposto de que a administração coloca em funcionamento um conjunto de práticas que são utilizadas estrategicamente no governo da população

porque possibilitam maior planejamento, planificação e modernização. O estudo também demonstra como a Teoria do Capital Humano, aliada a outras mudanças sociais, econômicas e políticas, provoca uma série de discontinuidades nas formas de governo da população nas décadas de 1970, 1980 e, em especial, na década de 1990. Outra noção de destaque no trabalho de Klaus é a da educação enquanto investimento, o que me ajudou a compreender a Teoria do Capital Humano e o empreendedorismo como valores sociais.

Também a partir dos Estudos Foucaultianos, Neila de Toledo e Toledo (2017), em sua tese *Educação matemática e formação do técnico agrícola: entre o 'aprender pela pesquisa' e o "aprender a fazer fazendo"*, discute, como tema central, a formação do técnico agrícola do IFRS-Sertão, no que se refere, em especial, à educação matemática. Dentre os achados da pesquisa, Toledo relaciona a formação atual do técnico em agropecuária do IFRS-Sertão com o princípio pedagógico do "aprender pela pesquisa". Para dar conta dessa relação, a pesquisadora defende que tal formação se encontra alinhada a uma perspectiva neoliberal que, nos dias de hoje, rege o mundo globalizado. Dentre as características presentes nessa lógica de mercado, Toledo descreve, a partir de Sylvio Gadelha, a formação de uma sociedade fixa na direção do individualismo, da competição e do empreendedorismo, na qual o sujeito é governado pelo poder normativo dos valores econômicos, que migram da economia para a vida privada.

Já na tese intitulada *Um estudo sobre a educação financeira e instituição escolar*, Paulo Roberto Ribeiro Vargas (2012) busca analisar como os programas de Educação Financeira, inicialmente praticados apenas pelas instituições financeiras, foram estendidos para a instituição escolar. Utilizando conceitos foucaultianos de biopolítica e de governamentalidade, Vargas examinou o programa intitulado "Estratégia Nacional de Educação Financeira", organizada pelo Governo Federal, concluindo que o mesmo consiste em uma forma de investimento para toda a população e ao mesmo tempo um empreendimento de si mesmo. Para tanto, o autor mostra como a Educação Financeira é uma estratégia na condução das condutas e de que modo o empreendedorismo e a noção de risco aparecem de forma frequente no material por ele analisado. A partir dessa discussão, Vargas argumenta que as habilidades que as empresas buscam nos dias de hoje são características como a formação continuada, carreira atualizada e dedicação exclusiva e

totalitária, sendo esses alguns dos requisitos indispensáveis na constituição do perfil de trabalhador da contemporaneidade.

Em consonância com tais características, a investigação conduzida por Fabiane Langon Lorenzi (2014) contribui com este estudo ao problematizar a produção do sujeito empreendedor a partir da análise de reportagens e capas selecionadas da revista de negócios *Você/SA*. Intitulada *Um herói contemporâneo em Você S/A: problematizando a produção do sujeito empreendedor*, a dissertação aponta para a circulação de um discurso que desqualifica de forma geral os profissionais, evidenciando a necessidade de que procurem por qualificação constante, apontando para a produção do sujeito como “o” modo de vida contemporâneo. Segundo ela, o sujeito empreendedor é “[...] o preenchimento das expectativas contemporâneas. É ele que queremos, para ele apontamos nossas flechas”. (Ibid., p. 78). É nesse sentido que o presente trabalho irá abordar a relação de incitamento que atravessa os sujeitos contemporâneos para que ocupem seu papel de empresas de si mesmos em diversas esferas de suas vidas.

Considerando as pesquisas mencionadas já desenvolvidas em torno da temática que abordo, destaco que uma das possíveis contribuições deste estudo está no *locus* investigado: redações de candidatos à vaga de docente de inglês em uma instituição de ensino profissionalizante. Também nas leituras que realizei, não encontrei pesquisas que tratassem especificamente da Língua Inglesa em suas relações com a teoria do Capital Humano, que é uma aproximação que empreendi neste estudo, sendo essa, portanto, uma das contribuições desta dissertação.

Para dar conta dessas discussões, o presente trabalho está organizado em cinco capítulos, acrescidos de uma parte final onde constam as referências bibliográficas. Neste primeiro capítulo, busquei apresentar os motivos que me fizeram escolher a Língua Inglesa como temática desta investigação, indicando algumas das discussões que serão abordadas ao longo do trabalho. Além disso, a apresentação dos estudos já realizados por pesquisadores brasileiros referentes à mesma temática teve o objetivo de expor alguns dos conceitos teóricos que serão utilizados.

No *Capítulo II*, há a apresentação de um panorama da Língua Inglesa no Brasil, o qual acompanha um recuo ao início do século XVI, quando as línguas estrangeiras são primeiramente adotadas nos sistemas de ensino do país. Perpassando um percurso de

implicações políticas e econômicas, apresento discussões provocadas por linguistas, estudiosos da área da educação e outros pesquisadores sobre o ensino da Língua Inglesa, apontando algumas das características do idioma e de sua trajetória no país, as quais fizeram, e hoje ainda hoje fazem, com que o mesmo seja associado à conquista de empregos no mercado de trabalho.

Entendendo a importância da discussão sobre o currículo como objeto político, o capítulo II traz também uma discussão apoiada nos estudos de Alfredo Veiga-Neto (2004) e Tomaz Tadeu da Silva (2007), com o intuito de refletir sobre documentos e diretrizes que hoje legislam sobre o ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil. Com o objetivo de me aproximar do contexto onde foi produzido o material empírico deste estudo, apresento, também nesse capítulo, uma reflexão sobre como o idioma é tratado por escolas privadas de inglês em seus materiais publicitários.

No *Capítulo III*, tratarei das escolhas metodológicas e dos caminhos investigativos que conduziram este estudo. Para contextualizar como foi formado o material empírico – redações escritas por professores de inglês que querem concorrer a uma vaga de docência em uma instituição de ensino profissionalizante no RS – descrevo o processo seletivo em suas diversas etapas, destacando seus objetivos, dinâmica e parâmetros avaliativos. Da mesma forma, o capítulo aborda a Análise do Discurso, como proposta por Michel Foucault, método analítico utilizado para operar sobre o material empírico produzido.

No *Capítulo IV*, apresento excertos e segmentos das redações que constituem o material empírico, os aproximando dos aportes teóricos, a fim de encontrar respostas para os questionamentos propostos. Para tanto, trago contribuições de autores como Sylvio Gadelha (2009a; 2009b), Lopez-Ruiz (2004; 2009), Michel Foucault (2008a; 2008b) e Zygmunt Bauman (1999; 2001; 2005) a fim de dialogar com a Teoria do Capital Humano e com a Cultura do Empreendedorismo de si, conceitos teóricos centrais para este trabalho. Também os aspectos referentes à globalização, como fenômeno que borra as fronteiras espaço-temporais, foram contemplados nessa parte do estudo, com o intuito de evidenciar sua estreita interface com o que hoje consideramos o profissional de sucesso, e sua relação com o sujeito pós-moderno, empreendedor de si, ou seja, aquele que pode circular livremente pelo mundo globalizado. No mesmo capítulo, discuto também sobre alguns efeitos da LI enquanto ferramenta que serve ao mesmo tempo como técnica de

governo e como uma habilidade que atua para legitimar o emprego de sujeitos úteis e produtivos, excluindo os que não são aprendizes do idioma.

Por fim, o *Capítulo V* apresenta algumas das considerações que foram permitidas observar a partir do desenvolvimento deste trabalho. Também retomo brevemente os eixos centrais da pesquisa realizada, destacando desafios vivenciados e algumas considerações sobre possíveis estudos a serem ainda desenvolvidos sobre o tema.

## 2 CONHECENDO O UNIVERSO DA LÍNGUA INGLESA

Neste capítulo, apresento um panorama histórico sobre o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Atualmente, um conjunto de leis e documentos normativos, tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio, determinam o ensino de língua estrangeira no país. Para tanto, ao longo da contextualização, serão abordados tais documentos, entendendo que os mesmos auxiliam na compreensão do panorama atual do ensino de Língua Inglesa no país. Somam-se a esse cenário os esforços publicitários por parte dos cursos privados de inglês, que apresentam a importância de se aprender o idioma em qualquer faixa etária, desde a infância até a maturidade. Mostrando que é necessário aprender inglês para alcançar a realização pessoal e profissional, os cursos privados constituem-se em um vasto nicho para o consumo.

A contextualização histórica do ensino de línguas estrangeiras no Brasil desenvolvida por autores como Gileno (2013), Miranda (2015) e Santos (2009), demonstra que as mesmas se encontram presentes no sistema educacional do país desde meados do século XVI, acompanhando momentos políticos e econômicos cujos interesses ora penderam para o ensino das chamadas línguas clássicas (grego e latim), ora para as línguas modernas, que fazem ou já fizeram parte das políticas públicas e educacionais brasileiras (francês, alemão, inglês e, mais recentemente, espanhol).

No que se refere especificamente à Língua Inglesa, a mesma começou a compor o currículo educacional brasileiro somente no século XIX, decorrendo sua permanência até os dias de hoje de um percurso significativo nos diversos contextos de sua trajetória no país (Miranda, 2015). Desde sua inserção nos programas curriculares brasileiros (1809), o idioma estabeleceu uma hegemonia resultante de políticas públicas e educacionais que se delineararam especialmente a partir das relações entre Brasil e Inglaterra (1808 – 1920) e entre Brasil e Estados Unidos (1920 - dias atuais).

A influência do imperialismo britânico no contexto político e econômico da época e suas manifestações culturais tiveram estreita relação com as decisões das políticas linguísticas adotadas no Brasil, as quais necessitavam atender às demandas daquele mercado e os interesses do capital (GILENO, 2013). Nesse sentido, cabe destacar que, já àquela época, o ensino de inglês tinha como finalidade a capacitação de profissionais

brasileiros para a demanda do mercado de trabalho através das relações comerciais estabelecidas com as nações estrangeiras, especialmente a Inglaterra.

Na sequência desses acontecimentos, o fortalecimento da economia norte-americana, no século seguinte (durante e após a Segunda Guerra Mundial), deu lugar à hegemonia do modelo político norte-americano no território brasileiro e, por conseguinte, o estabelecimento da língua inglesa nas escolas brasileiras em detrimento de outras línguas estrangeiras<sup>7</sup>. A instalação de empresas multinacionais no Brasil, especialmente a partir da década de 1950, também conferiu destaque à aprendizagem de inglês, que começava a se tornar uma oportunidade única (SANTOS, 2009) de conseguir um emprego nesses locais.

Assim, a língua inglesa sempre teve força por ser a língua das grandes potências mundiais, e, conseqüentemente, é a ela atribuído, como demonstrado ao longo desta dissertação, o papel de língua oficial dos negócios e das transações globais. Enunciações presentes nas redações que compõem o material empírico deste trabalho, tais como *O inglês tem sido importante desde o final da II Guerra Mundial, quando os EUA se tornaram o maior país do mundo* (R 01)<sup>8</sup>, destacam a importância dos Estados Unidos no cenário mundial e carregam consigo um peso político-histórico do país e de seu idioma oficial, o qual se perpetua ainda hoje.

Parma (2013) destaca que, sendo os Estados Unidos a maior potência econômica, política e militar do mundo atual, sua língua oficial também se constitui como a “língua do poder”, garantindo, mesmo que imaginariamente, acesso aos melhores empregos e melhores relações interpessoais. Assim, tem-se o que se convencionou chamar de “Língua Franca”, pois o inglês “[...] é a língua que, nas condições atuais, assumiu o efeito de língua global, aquela que seria a mais importante entre as línguas do mundo, para relações comerciais, políticas, de turismo, etc.” (PARMA, 2013, p. 155). Nessa perspectiva, a língua inglesa vem se desenvolvendo no Brasil como língua de prestígio social e profissional desde

---

<sup>7</sup> Nesse período, ocorre o surgimento dos primeiros cursos particulares de idiomas no Brasil. Em 1934, na tentativa de reestabelecer o domínio econômico perdido para os Estados Unidos, o Governo Britânico decide fundar a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Mais tarde, o Governo Americano, em resposta a essa iniciativa, cria o Instituto Binacional União Cultura Brasil - Estados Unidos. Segundo Miranda (2015), um dos objetivos desses institutos era o de disseminar as culturas britânica e americana.

<sup>8</sup> Ao longo da dissertação, serão apresentados dizeres extraídos das redações que compõem o *corpus* deste trabalho, a fim de embasar as discussões em que são pertinentes. Alguns dizeres, em especial quando forem pouco extensos, aparecerão nos moldes acima (com fonte em itálico). Em outros momentos, aparecerão dentro de caixas retangulares, conforme será indicado no capítulo IV. Em ambos os casos, a entrada R (Redação), acompanhada de uma numeração, indica quais das redações (em um conjunto que totaliza 70) os excertos selecionados pertencem.

sua instituição no país, o que só pode ser atingido através de um processo histórico, que, como visto, “[...] elevou os países falantes de língua inglesa a potências mundiais [...]” (Ibid., p. 155). Assim, durante seu percurso, a língua inglesa passou a acumular associações e a ser vista na evidência de língua de negócios, língua de relações internacionais, língua das viagens internacionais, língua das tecnologias de comunicação e informação, tal como sugerem as falas dos candidatos analisadas nesta pesquisa.

Pelas demandas geradas pela língua inglesa como língua global, responsável pela comunicação do mundo digital (ARAKI, 2013), é a partir da década de 1970 que se ouve falar, no Brasil, em cursos formais de Inglês Instrumental<sup>9</sup>, com o objetivo de suprir as necessidades de pesquisadores e professores universitários brasileiros de aprimorem a leitura de materiais de suas respectivas áreas de especialidade. Apesar de o Inglês ter sido incorporado formalmente apenas nesse período, o estudo desenvolvido por Rosângela Gileno (2013, p. 38) aponta que, já à época de sua inserção no contexto nacional, o idioma foi introduzido com caráter instrumental, o qual se perpetua ainda nos dias de hoje:

[...] se no Império, [a língua inglesa] servia como instrumento de comunicação nas relações comerciais com a Inglaterra, ainda hoje é procurada, frequentemente, por objetivos instrumentais como passar no vestibular ou em exames de proficiência, para viajar, para se comunicar pela Internet, entre outros.

Nesse sentido, sabe-se que uma parte significativa do conhecimento hoje veiculado mundialmente, principalmente pela internet, está em inglês (TILIO, 2014). Além disso, o conhecimento da língua estrangeira, no Brasil, possui também a função instrumental de acesso ao Ensino Superior, já que a entrada neste inclui provas em língua estrangeira, tanto no nível de graduação (vestibular<sup>10</sup>, ENEM<sup>11</sup>), quanto de pós-graduação *stricto-sensu* (exames de proficiência).

---

<sup>9</sup> O inglês instrumental é uma abordagem caracterizada pelo reduzido tempo focado em habilidades específicas ou com enfoque em um tema em especial. Já à época de sua inserção, essa abordagem tinha o foco na leitura de artigos, entre outros gêneros acadêmicos.

<sup>10</sup> O *vestibular* é uma forma de seleção para o ingresso nos cursos superiores, sendo facultado às universidades, que gozam de autonomia para sua implementação (Parecer 98/99, Conselho Nacional de Educação). Dessa forma, algumas universidades, como a PUCRS, oferecem como opção de Língua Estrangeira Moderna as

De acordo com Orlando Vian Jr. (2003, p. 02), com as mudanças advindas de um mercado cada vez mais globalizado, “[...] a necessidade instrumental chegou até as empresas, onde os funcionários veem-se na iminência de aprender o idioma para contatos não só com países falantes de inglês, mas com o mundo como um todo [...]”. Assim, o chamado *Business English* oferecido pelos cursos de idiomas, mas também, em alguns casos, pelas próprias empresas, considera a impossibilidade de os funcionários frequentarem um curso de longa duração (tais como os cursos de inglês geral), pois precisam aprender o idioma e aplicá-lo a um contexto imediato. De acordo com o pesquisador, os funcionários têm que receber pessoas estrangeiras, falar ao telefone, receber e enviar e-mails e realizar inúmeras outras tarefas utilizando a língua estrangeira. Dessa forma, o ensino instrumental focaria em habilidades específicas, atendendo objetivamente a essas necessidades.

À semelhança do curso de inglês instrumental para negócios descrito por Vian Jr. (2013), os materiais publicitários abaixo, dos cursos de inglês CCAA<sup>12</sup> e Education First<sup>13</sup>, exemplificam como o *Bunisess English* é descrito pelas empresas:

---

línguas Espanhol e Inglês, enquanto a UFRGS, por exemplo, oferece prova de Língua Estrangeira Moderna nos seguintes idiomas: alemão, espanhol, francês, inglês ou italiano.

<sup>11</sup> O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) prevê, desde 2010, a competência de conhecimento e uso de uma língua estrangeira moderna, na qual o candidato opta por inglês ou espanhol. Sua reformulação, ocorrida em 2009, implicou na sua transformação em um exame de acesso ao ensino superior, tornando-se uma das principais formas de ingressar nas Universidades Federais do Brasil (DAL MORO, 2017).

<sup>12</sup> Essa peça do CCAA, bem como as seguintes apresentadas, foi extraída do *website* da empresa e está disponível em < <https://www.ccaa.com.br/cursos/ingles/business-english>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

<sup>13</sup> Essa peça do Education First foi extraída do *website* da empresa e está disponível em <<https://www.ef.com.br>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Figura 1 – Business English [1]



**BUSINESS ENGLISH**

## Tenha um novo cartão de visitas: o seu inglês.

No mundo profissional, falar inglês faz toda a diferença. Você abre espaço para novas conquistas importantes desde se sentir confiante para uma entrevista de trabalho em inglês até aquela *conference call* inesperada em que você participa para dar sua opinião.

No *Business English* do CCAA, você vai viver situações que simulam o universo dos negócios e aprender a se sair bem em todas elas. Aqui, jovens e adultos desenvolvem as quatro habilidades essenciais para uma comunicação efetiva: ouvir, falar, ler e escrever; tudo para preparar você para o mercado de trabalho.

Curso de inglês ideal para:  
**Jovens e adultos com mais de 18 anos.**

Fonte: Página do curso CCAA

Figura 2 – Business English [2]



## Business English - Curso de inglês para negócios

### BUSINESS ENGLISH - CURSO DE INGLÊS PARA NEGÓCIOS

**ESTUDE INGLÊS NO EXTERIOR FOCADO EM NEGÓCIOS. CONHEÇA O BUSINESS ENGLISH EF!**

O mercado globalizado exige profissionais com domínio e fluência em inglês, em especial o inglês para negócios. Diferente do inglês falado no dia-a-dia, o inglês para negócios tem as suas próprias expressões e nuances. É por isso que a EF oferece cursos de inglês para executivos focado em negócios (Business English) e treinamentos de idiomas para empresas.

Se você quer se destacar em sua carreira e atingir objetivos maiores em sua área profissional, é fundamental que opte por um tipo de curso como esse. Tenha uma experiência de imersão em um país onde o inglês é falado e estude o Business English, inglês para negócios. Existem **opções de cursos** intensivos e gerais para todos os níveis de inglês.

#### CATÁLOGO GRÁTIS

Receba em casa o catálogo grátis da EF para saber mais sobre nossos programas de Business English.

\* Seleccione a forma de entrega:  
 Correo e email  E-mail

\* Nome

Fonte: Página do curso Education First

Nas afirmações *no Business English do CCAA, você vai viver situações que simulam o universo dos negócios e aprender a se sair bem em todas elas, e [os aprendizes desenvolvem] tudo para se prepararem para o mercado de trabalho*, há o entendimento de que os negócios ao redor do mundo ocorrem na língua inglesa. Além disso, gera-se uma promessa de que a superação da barreira linguística dará ao sujeito as condições necessárias das quais ele precisa para fechar um negócio e estabelecer uma relação comercial, desconsiderando outras habilidades que influenciam tais situações, como o perfil desse sujeito, suas habilidades interpessoais, dentre outras.

Da mesma forma, os dizeres “o mercado globalizado exige profissionais com domínio e fluência em inglês, em especial o inglês para negócios” e “diferente do inglês falado no dia-a-dia, o inglês para negócios tem as suas próprias expressões e nuances”, a empresa estabelece que não basta aprender qualquer forma de inglês. Mesmo que o aluno já tenha aprendido o inglês geral, a empresa o incita a fazer um novo investimento no idioma, justificando sua necessidade pelo fato de que esse mesmo sujeito tem como aspiração se transformar em um destaque profissional e atingir *objetivos maiores*.

Em uma crítica ao modo como hoje se dá o ensino/aprendizagem da Língua em escolas brasileiras, Nilva Conceição Miranda (2015) afirma que os discursos que circulam na mídia apresentam visões reducionistas e homogeneizantes da função das línguas estrangeiras na sociedade contemporânea ao aproximarem-se exclusivamente do viés utilitarista do mercado de trabalho. Segundo seu estudo, deveria haver maior aproximação entre a aprendizagem da disciplina Língua Inglesa e sua prática social, desvinculando seu uso exclusivo ao mercado de trabalho. Com isso, o que se vê como prática no sistema escolar ao longo dos anos, afirma a autora, é um “esvaziamento” (MIRANDA, 2015, p. 17) da função social da Língua Inglesa enquanto disciplina do currículo, tendo como uma de suas causas as lacunas e contradições oriundas de questões político-econômicas acompanhadas pela globalização da economia. Ainda, de acordo com a autora, o resultado desse panorama é o ensino nas escolas de uma língua carregada de atribuições inerentes às relações de trabalho e de produção de renda, em um complexo sistema que restringe a formação dos educandos para atuarem de acordo com as necessidades ditadas pelo capital, deixando de lado o potencial que a língua poderia ter no que consta às relações e às práticas sociais.

No que se refere à prática docente, hoje, um conjunto de leis, normas e documentos oficiais compõem a regulamentação brasileira do ensino da disciplina de Língua Estrangeira Moderna. Tal conjunto inclui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>14</sup> (PCN/1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), os quais são utilizados pelas escolas brasileiras, seja para elaborar seu Projeto Político Pedagógico, seja para direcionar as práticas dos professores.

Entendendo esses documentos como uma manifestação de o Governo Federal expressar sua posição em relação aos conteúdos curriculares, orientando as equipes escolares em sua forma de agir, pensar, planejar aulas e conduzir os alunos, torna-se necessário considerar tais documentos, pois, ao contextualizá-los, pode-se compreender o panorama atual da Língua Inglesa no Brasil. Do mesmo modo, “a elaboração dos textos oficiais corresponde ou responde a uma série de discussões, questionamentos, reivindicações, implicações sociais presentes na sociedade” (MIRANDA, 2015, p. 113). Isso significa dizer que atuam, no currículo, relações de poder, as quais fazem com que determinados conhecimentos sejam selecionados e outros não, que certos valores sociais e culturais sejam ou não produzidos (SILVA, 2007).

De mesma importância é o questionamento sobre quem é o sujeito que o currículo deseja formar, que habilidades se espera que os alunos adquiram, que condutas se espera desse sujeito, pois o currículo pretende, de alguma forma, modificar as pessoas que vão segui-lo. Tomaz Tadeu da Silva (2007, p. 15) indica que algumas perguntas podem servir para a análise de um currículo, como, por exemplo: “Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade?” [...] “Será a pessoa otimizada e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação?”. Excertos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, abordam a informatização da sociedade, onde o jovem, para estar “[...] preparado para responder às exigências do novo mundo [...]” (BRASIL, 1998, p. 38), deve ter acesso à informação também na língua estrangeira. O documento diz, ainda, que:

[...] Para ser um participante atuante é preciso ser capaz de se comunicar. E ser capaz de se comunicar **não apenas na língua materna**, mas também em uma ou mais línguas estrangeiras. O desenvolvimento de habilidades

---

<sup>14</sup> Mesmo ciente de que os Parâmetros Curriculares Nacionais não são mais os documentos que direcionam as práticas escolares, os mesmos ainda circulam nas escolas, produzindo significados sobre as línguas estrangeiras e, em especial, sobre a Língua Inglesa.

comunicativas, em mais de uma língua, **é fundamental para o acesso à sociedade da informação**. Para que as pessoas tenham acesso mais igualitário ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia etc., é indispensável que o ensino de Língua Estrangeira seja entendido e concretizado como o ensino que oferece instrumentos indispensáveis de trabalho. (BRASIL, 1998, p. 38, grifo nosso).

É possível inferir, a partir do texto, que o jovem que os Parâmetros Curriculares Nacionais desejam formar é aquele comprometido com o mundo dos negócios sob a ótica neoliberal, onde a Língua Estrangeira mostra-se importante para o sujeito preocupado com sua inserção no mercado de trabalho. Em outras palavras, apresenta-se aí a necessidade de formar um jovem competitivo, que irá fazer uso da língua estrangeira para seu contexto social imediato, ou seja, investimento no trabalho.

Em outro trecho, os PCN ainda dizem que “a importância do inglês no mundo contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômica, não deixa dúvida sobre a necessidade de aprendê-lo.” (BRASIL, 1998, p. 48-49). Dessa forma, questiono, em que medida os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 já vinham antecipando a tendência que veio a se concretizar pela Medida Provisória nº 746, posteriormente convertida na Lei nº 13.415, que deu nova redação à Lei de Diretrizes e Bases em 2017.

Como se sabe, a obrigatoriedade do ensino da disciplina de línguas estrangeiras modernas, a partir da quinta série (sexto ano atual), estava legalmente prevista pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Contudo, na nova redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017, a obrigatoriedade da Língua Estrangeira recai exclusivamente para a Língua Inglesa, tornando facultativo o ensino de outras línguas estrangeiras, como mostra a comparação dos seguintes trechos legislativos:

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996):

Art. 26. § 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de **pelo menos uma língua estrangeira moderna**, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Art. 36. [N]o currículo do ensino médio [...]:

III - será incluída **uma língua estrangeira moderna**, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição. (BRASIL, 1996, grifo nosso).

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), alterada pela Lei nº 13.415, de 2017:

Art. 26. § 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, **será ofertada a língua inglesa.**

Art. 35. § 4º Os currículos do ensino médio incluirão, **obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa** e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 1996, grifo nosso).

Cabe refletir que tais mudanças trazem consigo uma série de questionamentos decorrentes dessa trajetória de prestígio da Língua Inglesa em nosso país. Para a pesquisadora Ana Lúcia Recuero (2017), que estuda a Língua Espanhola no sistema de ensino brasileiro, a obrigatoriedade da oferta do inglês dada pela alteração da lei em questão apenas “[oficializa] o que desde muito tempo se estabelecia na maioria das escolas, sem a necessidade de que uma lei o determinasse: o inglês colocado em primeiro plano.” (Ibid. p. 224). Para a autora, que discute o embate de forças e contradições acerca do ensino do Espanhol, o “monolingüismo do inglês como língua estrangeira” (Ibid., p. 221) é um dos fatores geopolíticos que coloca a oferta do espanhol apenas como *optativa* desde 2005<sup>15</sup>.

Em paralelo à alteração da LDB (1996), outro documento que se mostra relevante, no sentido de instituir oficialmente a Língua Inglesa no currículo e que também foi reestruturado recentemente é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017). O documento, que pretende orientar o sistema educacional brasileiro na elaboração das propostas curriculares, vem sendo parte de um longo processo de consultas e discussões desde 2014, produzindo um “amplo debate entre a sociedade civil, educadores/as, entidades de classe, associações, especialistas e órgãos governamentais.” (TOMASEL, 2017, p. 92). Tal processo culminou, em dezembro de 2017, na homologação do documento, o

---

<sup>15</sup> Entre 2005 e 2016, vigorou no país a Lei nº 11.161/2005, também conhecida como “Lei de 2005” ou “Lei do Espanhol”, que dispunha, em seus sete artigos, sobre o ensino da Língua Espanhola, cuja oferta deveria ser “obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno” (BRASIL, 2005). A mesma foi revogada primeiramente pela Medida Provisória nº 746, e depois pela sua conversão na Lei nº 13.415. Para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, é possível consultar a tese de doutorado *Por que (não) ensinar espanhol no Brasil? As políticas linguísticas e a gramatização no ensino do espanhol a partir da glotopolítica*, de Ana Lúcia Recuero (2017).

qual “estabelece o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica” (BRASIL, 2017 p. 05).

Abordando algumas implicações do documento para o currículo, o trabalho investigativo de Gustavo Ferreira Dias (2018, p. 28), aponta que a Base Nacional Curricular Comum, no que concerne ao ensino de Inglês, reforça o *status* do idioma como *língua franca*, sendo esse o idioma que tem “a capacidade tanto de viabilizar como de otimizar o acesso às tecnologias e aos conhecimentos acadêmicos e científicos.” Nesse sentido, os documentos por ora descritos devem ser atentamente observados, procurando lembrar que os conteúdos escolares não resultam de relações neutras. Nas palavras de Alfredo Veiga-Neto,

[...] somos induzidos a naturalizar os processos de ensino-aprendizagem, as práticas e os artefatos escolares, deixando de enxergar o caráter radicalmente contingente daquilo que a escola inventa. [Também] não nos aparelhamos adequadamente para compreender que as mudanças que hoje estão acontecendo na escola não são exclusivas a essa instituição e, por isso, nem mesmo são direcionáveis ou contornáveis de dentro dela; ao contrário, tudo o que se passa na escola está indissolúvelmente ligado às mudanças que rapidamente estão ocorrendo no amplo âmbito da sociedade e da cultura contemporâneas. (VEIGA-NETO, 2004, p. 167).

Assim, documentos oficiais que estabelecem o Inglês como *Língua Franca*, com base no seu *status* de língua das tecnologias, língua dos conhecimentos acadêmicos e científicos ajudam a reforçar o “caráter inventado” daquilo que ele representa.

Sobre tais impactos na sociedade e na cultura, pesquisadores como Santos (2009), por exemplo, demonstram, por meio de suas investigações, que enunciados que versam sobre a grandiosidade dos EUA e da Inglaterra advindos de suas relações comerciais com o Brasil, perpetuam-se ainda nos dias de hoje, fazendo com que os alunos de inglês busquem se equiparar aos estadunidenses e ingleses como padrão ideal a ser alcançado, uma vez que eles enxergam a aprendizagem do idioma como sinônimo de ascensão pessoal e profissional.

A autora identifica, na materialidade discursiva a qual investiga – textos publicitários de duas escolas privadas de idiomas – uma postura “tributária” (SANTOS, 2009, p. 62) das instituições de ensino em relação aos Estados Unidos. Nessa perspectiva, não encontra vestígios de que o aprendiz brasileiro ofereceria contrapartidas para o povo estadunidense

ao estudar o idioma inglês, enfatizando um conjunto de formulações que caracterizam essa relação unilateral. De acordo com sua pesquisa, os estudantes brasileiros se veem como meros “receptores das benesses de falar inglês” (Ibid., p. 63). Dessa forma, cabe pensar as normativas que regem o ensino de língua estrangeira no Brasil a partir de uma postura atenta às suas implicações sociais, econômicas e políticas.

Segundo o linguista e pesquisador brasileiro Luiz Paulo da Moita-Lopes (2007), muitos brasileiros estabelecem relação de inferioridade em campos dos mais variados, como na culinária, na saúde, no sistema financeiro, em tudo o que se pode contemplar. De acordo com o autor, o próprio professor é o responsável por engajar os alunos em uma admiração pela cultura estrangeira, pendendo para que o autor chama de “conduta colonizadora”. Pensa-se a “[...] metrópole a terra dos deuses – o país-modelo – onde tudo funciona e onde tudo dá certo” (MOITA-LOPES, 2007, p.47).

O linguista defende que essa posição demarcada de “admiração” do brasileiro pela cultura estrangeira deve ser tensionada pelos professores de língua estrangeira, adotando-se, quando possível, uma postura reflexiva. Remeto a um trecho da obra *Oficina de Linguística Aplicada*, onde o autor expõe essa relação:

Não se pode esquecer de que as formas do verbo *to be*, por exemplo, na maioria dos casos serão esquecidas, mas as ideias etnocêntricas serão de mais difícil esquecimento. Seria interessante pesquisar o que ficou na mente dos alunos depois de terem parado de estudar inglês: as formas linguísticas ou os valores sobre os comportamentos dos falantes nativos da LE? Obviamente, esta tendência de quase embasbacamento pelo que é estrangeiro está ligada à atitude colonizada. (MOITA-LOPES, 2007, p. 41, grifo do autor).

Essas questões demonstram a importância de que o professor mantenha uma postura de relativização cultural, com o objetivo de evitar a supervalorização da cultura estrangeira. Na mesma direção, o autor afirma que os alunos nativos de inglês em relação a culturas estrangeiras não se mostram tão abertos a elas, e até mesmo indiferentes. O que se passa no caso da nossa cultura é que essa ideia de supervalorização do que é “estrangeiro”, alimentada, sobretudo, pela indústria cultural, é frequentemente ensinada e reiterada pelos sujeitos brasileiros, contribuindo para a consolidação do lugar especial que a língua inglesa possui em nosso país.

Não apenas nas aulas de idiomas, mas nos mais diversos espaços do dia a dia, a língua inglesa se mostra presente, interpelando os sujeitos, e fazendo da cultura desse “outro” um modelo a ser seguido. É o caso, por exemplo, das músicas, das séries televisivas, das roupas de grife, e demais artefatos culturais com que temos contato diário. Em sua tese de doutorado intitulada *Língua inglesa: um universo imperativo na constituição de sujeitos contemporâneos*, Gisvaldo Bezerra Araújo-Silva (2012) analisa videoclipes de artistas estadunidenses, dentre outros materiais midiáticos, estabelecendo relações de cultura e consumo. A partir de seu trabalho, é possível observar que o aprendizado da língua inglesa extrapola a esfera do conhecimento linguístico puramente, pois, ao consumir o idioma, os aprendizes consomem também os hábitos e modos de vida associados aos países anglófonos, especialmente os já mencionados Estados Unidos e Inglaterra. Imagens de carros de luxo, roupas de grife, mansões, joias, são exemplos de produtos destacados pelo pesquisador em sua análise, a qual afirma que os videoclipes fazem parte de uma engrenagem que apresenta coisas a serem desejadas, pessoas a serem invejadas num mundo esfuziante de momentos sucessivos de prazer e de felicidade. Para ele, é intrínseca a relação entre cultura e consumo, uma vez que esse padrão de vida desejado é adquirido por meio do consumo. Os artefatos culturais, aponta Araújo-Silva, contribuem para afirmar o papel desses países enquanto modelo de democracia e civilização e evidenciar a “superioridade” dos colonizadores.

Em respeito a esse modo de querer consumir modelos de vida de outras culturas, Elisabete Andrade Longaray (2009, p. 202) fala sobre a “brisa silenciosa que carrega consigo culturas das nações hegemônicas”. Por meio de estudo etnográfico, a autora pesquisa como alunos de uma determinada escola de Porto Alegre/RS reproduzem valores incorporados ao ensino de inglês como LE. Por meio dos dados gerados em seu estudo, Longaray afirma que foi possível perceber a crença no inglês como língua do desenvolvimento e das possibilidades futuras. A pesquisadora também percebe, junto aos participantes do estudo, a força da hegemonia da língua inglesa propagada pelos Estados Unidos. De acordo com o estudo, a língua inglesa surge quase sempre atrelada a uma imagem de sucesso econômico e à noção de desenvolvimento.

Para Longaray (2009), as identidades dos aprendizes de inglês parecem estar à mercê dos fluxos econômicos e culturais globais. A pesquisadora conclui que os aprendizes de

inglês das escolas públicas do país acabam por ser penalizados pela padronização e pelo desejo de pertencimento a comunidades imaginadas inatingíveis. De acordo com seu estudo, isso ocorre, também, devido à falta de reflexão por parte do professor de LE de questões político-econômicas relacionadas à aprendizagem do inglês. Isso significa dizer que a educação em LI pode também colaborar para que o educando se aproxime mais de si mesmo. Consoante com Moita-Lopes (2007), a autora entende que, ao estudar uma cultura estrangeira, o estudante amplia sua visão acerca de seus próprios valores, noções culturais, políticas e históricas, entendendo melhor a si mesmo e a sua própria cultura.

Na mesma esteira, os trabalhos de Orth (2014) e Miranda (2015) compreendem que as instituições escolares devem se distanciar do ensino de idiomas atualmente vigente, o qual se concentra apenas no reduzido viés utilitário, que dentre seus principais objetivos foca no desenvolvimento do indivíduo no mercado de trabalho. Entendendo a cultura como um complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico, Miranda (2015, p. 18-19) defende que o estudo de uma segunda língua deve proporcionar aos sujeitos condições de analisar as diferentes culturas, “[...] possibilitando [aos] sujeitos um melhor entendimento das relações sociais nos diversos âmbitos”. Constituindo-se em um processo dinâmico e conflituoso, fruto das interações sociais, o ensino de uma língua estrangeira “[...] é capaz de permitir ao sujeito remodelar, refletir, redefinir valores, conceitos, costumes e padrões da própria cultura”. (Ibid. p. 19).

Esse potencial social que o ensino de línguas estrangeiras possui, não é, entretanto, evidenciado pelo mercado que movimenta o ensino de inglês no Brasil: escolas privadas de idiomas, professores e educadores. Trabalhos acadêmicos como a dissertação de Marla Soares dos Santos (2009), intitulada *Relações de poder: análise do discurso de duas escolas de idiomas*, e a dissertação de Rafaela Spezzia Capuani (2013), denominada *Análise do discurso das políticas para o ensino de Inglês: tensões entre público e privado*, demonstram os modos como a Língua Inglesa está amparada, em nossa sociedade, pelo discurso mercadológico, no sentido de constituir-se como saber necessário com enfoque para o desenvolvimento do sujeito *no mercado de trabalho*.

Considerando que a linguagem constitui os sujeitos, as pesquisadoras – a partir de materiais empíricos diversos – evidenciam que “reverbera o aprendizado da Língua Inglesa como [necessário para o] ingresso e permanência no mercado de trabalho [...]” (CAPUANI,

2013, p. 12), pois a mesma é vista como aquela “[...] capaz de oferecer a possibilidade de se adquirir cultura e de se ‘subir na vida’, isto é, ter acesso a boas oportunidades de emprego e renda [...]” (SANTOS, 2009, p. 101).

Ao examinar algumas propagandas de cursos de inglês expressivos no Brasil, pude observar que o repertório de dizeres publicitários sobre a língua inglesa é diversificado, abrangendo diversas oportunidades que serão conquistadas pela aprendizagem do idioma, tal como evidencio a seguir com a seguinte sequência de peças do curso CCAA:

Figura 3 – Um novo idioma para você... [1]



Fonte: Página do curso CCAA

Figura 4 – Um novo idioma para você... [2]



Fonte: Página do curso CCAA

Figura 5 – Um novo idioma para você... [3]



Fonte: Página do curso CCAA

Figura 6 – Um novo idioma para você... [4]



Essa peça está fixada no topo da página de abertura do site que hospeda a empresa CCAA. Em questão de segundos, a palavra grifada em vermelho apaga-se, como utilizando a função “deleta” do computador, dando espaço para novas palavras. Assim, a peça permanece a mesma, alternando-se os verbos que expressam a importância de aprender a língua inglesa. Na sequência das promessas trazidas pelo curso CCAA, a aprendizagem da língua inglesa se destaca por inúmeros motivos, baseando-se na premissa de que “Um novo idioma [é necessário] para você *namorar, viajar, fazer amigos e crescer*”. Além desses verbos, os seguintes compõem a continuação do anúncio: “Um novo idioma [é necessário] para você *descobrir, se aventurar, bater papo, cantar, se divertir*”.

Além disso, foi possível observar que os dizeres publicitários se estendem também aos públicos de idades distintas, como nas peças abaixo, dos cursos CCAA e Fisk<sup>16</sup>, respectivamente:

<sup>16</sup> Essa peça do Fisk foi extraída do *website* da empresa e está disponível em < <https://www.fisk.com.br>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Figura 7 – Diversos públicos [1]

<h2>Crianças</h2> <p>• 3 A 9 ANOS •</p> <p>O aprendizado é tão envolvente que as crianças nem percebem que estão aprendendo.</p> 	<h2>Pré-adolescentes</h2> <p>• 10 E 11 ANOS •</p> <p>Aqui o inglês do seu filho não para de evoluir. Temos um curso que é a cara da garotada: ativo e interativo.</p> 
<h2>Adolescentes</h2> <p>• A PARTIR DE 12 ANOS •</p> <p>O CCAA tem um curso que acompanha o ritmo de uma turma conectada com o mundo.</p> 	<h2>Adultos</h2> <p>• A PARTIR DE 16 ANOS •</p> <p>Para quem quer dar um passo adiante na vida acadêmica, profissional ou social, o CCAA tem um curso ideal.</p> 

Fonte: Página do curso CCAA

Figura 8 – Diversos públicos [2]



Fonte: Página do curso Fisk

Como no curso para pré-adolescentes, que informa “Temos um curso que é a cara da garotada: ativo e interativo”, ou no curso para adolescentes, que oferta a esse público “um curso que acompanha o ritmo de uma turma conectada com o mundo”, os cursos de inglês são especializados em cativar os mais diversos públicos. Apoiada no trabalho de Parma (2013), por exemplo, percebo que as propagandas para crianças encontram sustentação no discurso científico que diz que haverá melhora cognitiva do aluno quando o idioma é aprendido na infância. Os cursos para essa faixa etária oferecem aos pais uma gama de atrativos como, por exemplo, abordagem lúdica, tais como “Buddy, o ursinho que fala inglês”, atividades com desenhos e contação de histórias.

Para o público adolescente, os cursos oferecem a “conectividade própria dessa faixa etária”, seja por meio de tecnologias que imitam as redes sociais mais convencionais, ou por focarem no intercâmbio, bastante procurado pelos jovens. Já a comunicação com o público adulto é predominantemente relacionada ao mercado de trabalho, trazendo argumentos sobre sucesso profissional e ascensão social. Por fim, não seria possível deixar de lado um nicho também em ascensão, que é o público da maturidade. A essa faixa etária, as escolas de inglês reservam cursos onde seja possível “trocar experiências”, “preparar-se para

viagens”, além de acionar novamente o discurso médico, uma vez que “aprender novas línguas retarda o envelhecimento” – informa uma escola de inglês em texto institucional. Outros exemplos de argumentos publicitários que demonstram a preocupação em incluir todas as faixas etárias são os seguintes:

*O CCAA tem o curso ideal para todas as idades e objetivos.*

*A Cultura Inglesa S.A. é uma tradicional instituição de ensino de inglês [...] que investe na qualificação de professores e na tecnologia para tornar o aprendizado do idioma mais interessante, fácil e eficiente **em todas as idades**.*<sup>17</sup>

Além de usar o recurso tecnológico para tornar a aprendizagem do idioma acessível para todas as idades, outra forma de conquistar grupos específicos de alunos é oferecendo cursos que apresentam características diversas, com a possibilidade de ser presencial, “100% Online”, ou, ainda, uma combinação dos dois, além de oferecer modalidades mais compactas, que duram poucas semanas, ou pacotes completos sequenciais e de longa duração. O enfoque também pode variar, a partir de cursos cujo principal objetivo seja aprender o idioma para comunicar-se no dia a dia até cursos que visem à preparação para exames de proficiência exigidos por instituições internacionais.

Nos materiais observados, como aponte, foi possível perceber que as escolas privadas de idioma apostam nas ferramentas tecnológicas e nos recursos interativos, como materiais didáticos importados, recursos multimídia, como *tablets* e *e-boards*, opções de flexibilidade de horários e dias de atendimento para aulas individuais ou em grupo, no ritmo mais adequado ao aluno e com acesso ilimitado em plataformas 24h, como apresentam as seguintes peças gráficas, dos cursos CCAA, Wise Up<sup>18</sup> e Open English<sup>19</sup>, respectivamente:

---

<sup>17</sup> Esse texto publicitário do curso Cultura Inglesa, bem como os seguintes textos e peças apresentadas, foi extraída do *website* da empresa e está disponível em <<https://www.culturaonline.com.br>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

<sup>18</sup> Essa peça do WiseUp, bem como as seguintes apresentadas, foi extraída do *website* da empresa e está disponível em <<https://wiseup.com/aprenda-ingles/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

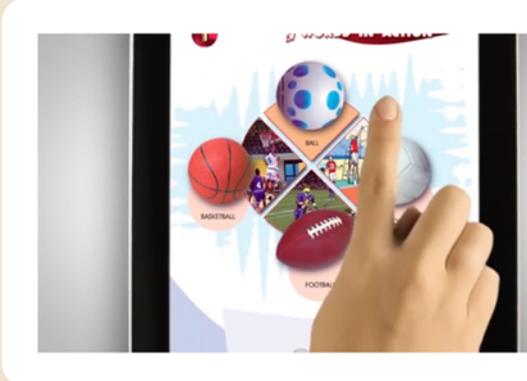
<sup>19</sup> Essa peça do Open English foi extraída do *website* da empresa e está disponível em <<https://www.openenglish.com.br/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Figura 9 – Um mundo de tecnologias [1]

## Conhecimento e praticidade na sua mão

O CCAA para *tablets* é uma mãozinha para aqueles que curtem o digital. Lá você encontra todo o conteúdo dos livros, áudios e vídeos das lições.

O aplicativo está disponível gratuitamente na *App Store* e no *Google Play*, mas não é de uso obrigatório. É ideal para praticar o inglês nos momentos livres do seu dia, em casa, no ônibus ou na viagem do fim de semana.



Fonte: Página do curso CCAA

Figura 10 – Um mundo de tecnologias [2]

### E-BOARD

## Tecnologia na sala de aula.

O e-board é um portal para um mundo além da sala de aula. Com uma versão do livro do aluno para que você esteja sempre em contato com a turma e com mais recursos: Se um aluno pergunta o significado de palavras ou mesmo explicações de pontos gramaticais, o e-board está preparado para ajudá-lo.

**COMECE AGORA**



Fonte: Página do curso Wise Up

Figura 11 – Um mundo de tecnologias [3]

Aprenda inglês online sem sair de casa e no seu ritmo.

Estude inglês com um método inovador, flexível e eficiente.

open english Inicio Progresso Curso

Plano de estudo

Meu Progresso

7 0% 50% 100% 8

Aulas ao Vivo 40%

Próxima aula ao vivo em 00:05:32

New York Aprenda o vocabulário que você deve usar quando for ao mercado!

Reunião de negócios Aprenda o vocabulário que você deve usar quando for uma reunião de negócios.

Viando alto Aprenda o vocabulário que você deve usar quando for dividido ao ar livre.

Fonte: Página do curso Open English

Destaco que os dizeres “Conhecimento e praticidade em suas mãos”, “Aprender Inglês sem sair de casa” e “Uma versão do livro do ano para que você esteja sempre em contato com a turma” reforçam a ideia de que hoje em dia deve-se investir em educação constante para aprender e “ir mais longe”. Além disso, as peças dialogam com a tendência de que as tecnologias não estão apenas a nosso serviço, como *devem* ser utilizadas por nós em todos os aspectos de nossas vidas, seja para aprender, interagir com um amigo, ou em outras possibilidades de lazer. Embora essas noções sejam apresentadas no capítulo de análise deste trabalho, acredito ser importante apontá-las aqui, pois tais argumentos reforçam a ideia de que os cursos de inglês estão preparados para contemplar os mais variados públicos e “necessidades”, mostrando-se uma ferramenta “imprescindível” para todos os tipos de finalidades, ora dando relevância para o sucesso acadêmico, ora para a importância do inglês para o mercado de trabalho, para as viagens ou para o contato com novas culturas, como demonstram também os dizeres publicitários a seguir:

*Quer falar inglês e crescer na carreira? A gente prepara você. (Cultura Inglesa)*

*Saber inglês é uma vantagem competitiva para quem quer ser um profissional de sucesso e ganhar bem. (CCAA)*

*Tenha um novo cartão de visitas: o seu inglês. (CCAA)*

*Falar mais de um idioma não é uma questão de escolha é a conquista de seu futuro, conviver com novas culturas e ver o mundo a 360º. (Michigan)<sup>20</sup>*

*O inglês ainda lidera a produção de conhecimento acadêmico. Isso significa que estudos relevantes, realizados pelas universidades de maior prestígio, são divulgados nessa língua. (CCAA)*

Para além de tais dizeres, foram selecionados os seguintes materiais gráficos, consoantes com a proposta de que o inglês é necessário em todas as esferas da vida social e profissional:

Figura 12 – O inglês abre portas [1]

O banner publicitário do curso CCAA possui uma barra superior vermelha com o logo CCAA e os links: Cursos, Unidades, Teste de Nivelamento, Certificação, Convênios, e um botão amarelo 'Precisa de ajuda?'. O fundo principal é azul escuro com o slogan 'O inglês é a chave para você abrir portas.' em branco. Abaixo do slogan, há duas seções de texto com imagens de estudantes e professores.

**Aulas envolventes que geram assunto**  
Todas as aulas são uma oportunidade de praticar o idioma com muita conversação. Assim fica mais fácil fixar tudo o que você aprendeu e conquistar a confiança necessária para se comunicar na nova língua.

**Professores rigorosamente treinados**  
Cada professor passa por um processo de capacitação para que a aula flua tão bem quanto o idioma.

Fonte: Página do curso CCAA

<sup>20</sup> Esse texto publicitário do curso Michigan foi extraído do *website* da empresa e está disponível em < <http://www.escolasmichigan.com>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Figura 13 – O inglês abre portas [2]



Fonte: Página do curso Wise Up

Figura 14 – O inglês abre portas [3]



Fonte: Página do curso Wise Up

Figura 15 – O inglês abre portas [4]



Fonte: Página do curso Cambridge

Nessas imagens temos como algumas ideias principais: “O inglês é a chave para você abrir portas”, “Se você quiser ganhar o mundo, terá que falar inglês” e “O inglês impacta na sua faixa salarial”. Dizeres como esse foram bastante recorrentes na análise que desenvolvo neste trabalho, evidenciando a ideia de que o idioma traz inúmeros e importantes benefícios para o sujeito contemporâneo. Outras enunciações importantes são as seguintes: “Ajudamos você a aprender inglês e comprovar sua competência para o mundo”<sup>21</sup> e “Mostre para o mundo o que você tem de melhor. Fale inglês”. Tais ideias, também presentes nas redações analisadas nesta dissertação, tratam de características hoje desejadas pelos sujeitos empreendedores de si: usar de sua ambição para ir em busca do tão desejado *sucesso*, em busca de se destacar de seus amigos, familiares, concorrentes, de todos ao seu redor. O inglês, nesse sentido, auxilia o indivíduo tanto a encontrar as melhores oportunidades, como a acessá-las, sendo também meio linguístico para comunicar esse feito ao mundo. Diante desse panorama, percebe-se que as escolas de idiomas se mostram preparadas para oferecer o ensino de um idioma que se diz acessível e necessário a todo e qualquer indivíduo.

<sup>21</sup> Essa peça do curso Cambridge foi extraída do *website* da empresa e está disponível em <<https://www.cambridgeenglish.org/br>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Cabe salientar também que a revisão de literatura realizada neste estudo indicou que as escolas privadas de idiomas se beneficiam, ainda, da noção de que não basta aprender inglês: o inglês que leva ao sucesso deve ser aprendido nas escolas de idiomas. Analisando enunciados de textos produzidos por instituições de ensino de LI no Brasil, ao longo das décadas de 60, 70 e 90, Santos (2009) apresenta fatos importantes sobre a trajetória das instituições privadas e as escolas regulares, demonstrando que as mesmas vêm atuando como coautoras da história da língua inglesa no Brasil. A autora aponta que, enquanto a escola regular é posicionada como aquela capaz de oferecer somente o inglês “ruim”, a escola de idiomas se dispõe a atender a demanda do mercado oferecendo o inglês “bom”, completando o sujeito com aquilo que lhe falta e com o que vai lhe garantir o sucesso no mercado de trabalho.

Por fim, com o objetivo de identificar os modos como os jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio compreendem o ensino de inglês na escola pública e nos cursos particulares de idiomas, Capuani (2013) também observa a existência de uma relação assimétrica que caracteriza as escolas públicas como o lugar onde não se aprende a LI, uma vez que “os estudantes dos cursos de idiomas, em especial aqueles do Ensino Médio em escolas públicas, creditam seu aprendizado apenas ao ensino do curso privado” (CAPUANI, 2013, p. 11). Dentre os achados da pesquisa, a autora apontou que os jovens tendem a responsabilizar a escola pública pelo fracasso do ensino do inglês ao afirmar que há pouco incentivo por parte da escola ou que a metodologia escolhida não é apropriada. Dessa forma, os dados produzidos apontam para uma cultura escolar onde os jovens se sentem desmotivados ao mesmo tempo em que desacreditam no ensino do inglês nas escolas públicas, procurando na escola privada a oportunidade de aprender o idioma que “abre portas para o mercado” e que “é imprescindível para a profissão no futuro” (CAPUANI, 2013, p. 102).

Para ampliar o cenário de instituições onde o inglês é ensinado/aprendido, e por se assemelhar ao ambiente onde hoje ensino inglês, acredito ser importante mencionar também a dissertação intitulada *Tramas discursivas em cena: o espetáculo da língua inglesa em uma instituição universitária*, de Priscila Steffens Orth (2014). A partir do lugar social servidor público, a autora buscou compreender como emergem representações de língua inglesa e como elas são sustentadas por diferentes discursividades que circulam na

Universidade Federal da Fronteira Sul (Santa Catarina), onde atua como ministrante de inglês em curso de capacitação para servidores. Utilizando um questionário de dimensionamento respondido pelos alunos/servidores, Orth problematiza a língua inglesa como instrumento de ascensão pessoal/profissional. Para ela, a consolidação da LI esteve sempre ancorada em objetivos que representassem a projeção social. Em sua análise, a autora evidencia a presença de alguns desses objetivos, os quais sejam a academia, as pesquisas, a educação, a ciência e as redes de trabalho.

Dessa forma, a língua inglesa é representada no trabalho de Orth (2014) como uma língua-instrumento que possibilita que o sujeito-servidor possa ser: proficiente, mestre, doutor, pesquisador e profissional, para, então, poder desfrutar de progressão por capacitação e qualificação, ter destaque no espaço universitário, poder participar de eventos internacionais e publicar em revistas estrangeiras, gozando de prestígio na universidade, no trabalho e na ciência. “Esse espetáculo”, explica a pesquisadora, “[...] assusta e instiga, move o sujeito em uma direção ascendente, pois a LI marca-se produtiva para um sujeito produtivo.” (ORTH, 2014, p. 104).

É a partir desse complexo panorama de ensino/aprendizagem de inglês que esta dissertação se articula, no intuito de tensionar algumas dessas reflexões junto à Teoria do Capital Humano e do Empreendedorismo de si. Antes de realizar tal interlocução, explorarei, no próximo capítulo, os caminhos investigativos percorridos e explicitarei o objeto de estudo desta pesquisa.

### 3 DAS IDEIAS ÀS SELEÇÕES: PRODUZINDO UMA DISSERTAÇÃO

A escolha de um tema, operações para constituir um problema de pesquisa, tratamento metodológico dado ao material empírico, etc., tudo se conecta ao intrincado jogo que vem a se constituir no nosso processo de investigação. (BUJES, 2007, p. 18).

Compartilhando a visão de Bujes (2007) sobre os processos investigativos, vejo, nos caminhos que percorri para a confecção desta dissertação, um verdadeiro cruzamento de ideias, de regras, de inspirações, de questionamentos e possibilidades. Como em um jogo de varetas – pois gosto muito das metáforas –, não há um caminho único por qual trilhar. Podem-se estabelecer estratégias de antemão, mas sem garantias duradouras. Como ao puxar de uma vareta em falso um novo cenário se apresenta, também no jogo investigativo é necessário que, a cada novo passo, se atente às novas configurações, às novas possibilidades, aos cenários produzidos. O objetivo, no entanto, deve sempre ser lembrado, a fim de que as novas estratégias ajam em harmonia. É nesse sentido que este capítulo apresenta os trajetos desta pesquisa, com a intenção de compartilhar como foi se dando, ao longo dos meses dedicados a este estudo, a composição de uma dissertação.

Ao definir a Língua Inglesa como tema de estudo, inúmeros questionamentos passaram a emergir a partir das aulas que frequentei como aluna do Mestrado, das leituras indicadas e dos debates junto ao grupo de orientação e com os colegas e professores das disciplinas que cursei. Foi também pelo contato com diversas leituras que acabei por me deparar com o conceito do *empreendedorismo de si*, o qual pareceu fazer sentido junto às reflexões que surgiam sobre a Língua Inglesa. A partir de então, passei a produzir outros olhares sobre aquilo que buscam os alunos em um curso de inglês e os significados que atribuem à aprendizagem do idioma, com especial atenção para a possibilidade de qualificação para o mercado de trabalho.

Como ministrante de idiomas da Escola de Desenvolvimento da UFRGS (EDUFRGS), tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas. Foi assim que o material empírico surgiu nessa história: um dos alunos da turma na qual atuo como ministrante me indicou para a vaga de corretora de redações em uma instituição de educação profissionalizante no Rio Grande do Sul. Tais redações, escritas na língua inglesa, compõem uma das etapas do

processo seletivo para candidatos que desejam trabalhar como docentes de inglês na instituição. Após um período desenvolvendo essa atividade, e sem qualquer intenção de interagir com as redações além dos limites de avaliação, passaram a existir momentos, no entanto, em que me percebi dialogando com esse material enquanto pesquisadora. Passei a questionar algumas das verdades presentes nessas redações, percebendo a recorrência com que o idioma era associado às ideias de sucesso e de progresso. Assim, passei a produzir novos olhares sobre esse material e sobre o que ele dizia a respeito da Língua Inglesa.

Essas reflexões emergiram, principalmente, após leituras e estudos que desenvolvi no campo do pós-estruturalismo. Aproximando-se da noção de Michel Foucault sobre “discurso”, Tomaz Tadeu da Silva (2007) destaca que o pós-estruturalismo concebe a linguagem como sistema de significação. Nessa perspectiva, afirma o autor, “não existe sujeito a não ser como o simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social.” (SILVA, 2007, p. 120). A linguagem, para Foucault, possui caráter atributivo. Isso significa dizer que é pela linguagem que atribuímos sentidos às coisas, ao mundo e às experiências que vivemos. Em outras palavras, o sentido não está puramente no universo. Não há qualquer correspondência entre as palavras e as coisas. Sendo assim, é a partir da linguagem que damos sentido a elas (coisas).

Segundo Veiga-Neto (2005, p. 109), Foucault dá “as costas para a busca de uma suposta razão pura e [volta-se] para a análise das relações da linguagem consigo mesma e das relações entre a linguagem e o mundo.” Seguir Foucault, nessa perspectiva, significa descartar perguntas tais como “O que é isso?”, para dar preferência a perguntas do tipo “Como isso funciona?”, a fim de questionar como funcionam as ideias pelas quais construímos as coisas. Veiga-Neto (Ibid., p. 110) ainda expressa que: “dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos.”. Dessa forma, são as práticas discursivas que moldam as maneiras de construir o mundo. Ou seja, a verdade é construída pela linguagem. Logo, os conjuntos de regras que formam os discursos definem o que é *dizível* e o que é *indizível*, *pensável* e *impensável*, *verdadeiro* e *falso* (Ibid.).

A estratégia analítica utilizada para operar sobre as redações dos candidatos orientou-se pela análise do discurso, como discutido por Michel Foucault. Para ele, os “laços aparentemente tão fortes” (2008a, p.55) entre as palavras e as coisas se desfazem e dão

visibilidade a um conjunto de regras que são próprias da prática discursiva. “Certamente”, diz o filósofo,

os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008a, p.55).

Outro elemento importante para a discussão aqui proposta é o destaque que Foucault atribui ao enunciado, pois “em praticamente todos os escritos sobre discurso, o autor menciona o enunciado como parte fundamental.” (DAL MORO, 2017, p. 71). Dessa forma, seguindo na esteira de Foucault (2008a), tomando o enunciado não como uma formulação, mas como uma modalidade repetível, que circula por diferentes redes de significação e se modifica, pode-se elencar alguns exemplos. Hernandez reflete sobre o enunciado “o mundo todo fala inglês”, o qual adquiriu *status* de verdade em nossa sociedade ao ser disseminado repetidamente em diferentes veículos de mídia que veiculam propagandas de escolas de idiomas, reportagens, artigos, depoimentos e entrevistas com especialistas, como educadores, pesquisadores e empresários de sucesso (HERNANDEZ, 2014).

Segundo Hernandez (2014), a propagação do enunciado de que o mundo todo fala inglês implica na construção de sentidos tais como a expectativa de que o falante do inglês não encontrará problemas de comunicação em nenhum lugar do planeta. Como característica inerente ao discurso, o enunciado “o mundo todo fala inglês” acaba por se inserir ainda em outras formações discursivas, como a psicologia, a neurologia, a linguística, as quais produzem e adicionam outras verdades sobre a proposição inicial, tais como: “deve-se aprender o inglês até uma determinada idade da infância porque depois o indivíduo não obterá fluência” (HERNANDEZ, 2014, p. 84).

Da mesma forma, enunciados como *O inglês abre portas para o mundo* e *Aprender inglês é importante para qualquer um*, recorrentes no material empírico em análise nesta pesquisa e nos materiais midiáticos apresentados no segundo capítulo desta dissertação, estão presentes em nossa sociedade, amparados por diversas discursividades. Pensar sobre as “coisas ditas”, como proposto por Foucault, exige o esforço de pensar sobre tais enunciados além de palavras que falam sobre as coisas, descrevendo e fazendo aparecer os

sentidos que acompanham tais enunciados e marcam nossa sociedade. Isso porque, como explica Rosa Maria Bueno Fischer (2001), nossos atos de fala, inscritos no interior de formações discursivas, se estabelecem a partir de regimes de verdade,

“[...] o que significa dizer que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. As coisas “ditas”, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo.” (FISCHER, 2001, p. 219).

Do mesmo modo que os discursos sobre surdez fazem circular hoje enunciados como “o surdo é um sujeito visual” em relatórios do MEC, em pesquisas acadêmicas da área da surdez, em manifestações dos surdos, em publicações sobre surdez e sobre educação matemática para surdos, entre outros documentos (CARNEIRO, 2017), os mesmos podem modificar-se durante o tempo, ou até mesmo deixar de existir. Para isso, dependem de como os sujeitos se apropriam deles ou não. Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva.

O discurso também está vinculado às relações de poder e, com elas, a inúmeros saberes. Para reforçar tal ideia, utilizo as palavras de Fischer (2001, p. 200), que faz a seguinte leitura dos ensinamentos de Foucault sobre as relações de poder:

[...] enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. Nesse sentido, o discurso ultrapassa a simples referência a coisas, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera expressão de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria.

Foucault ensina a deixar de lado a pergunta “O que é o poder?”. Ao invés disso, os pesquisadores que o seguem devem se preocupar em determinar: “quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, esses diferentes dispositivos de poder que se exercem, em níveis diferentes da sociedade, em campos e com extensões tão variadas?”.

(GADELHA, 2009a). É nesse aspecto que as ideias de Foucault foram de extrema importância para este estudo, me fazendo questionar as práticas que constituem os sujeitos e a pensar possíveis tensionamentos entre as “verdades” que nos perpassam e os poderes que estão em jogo nessa relação.

Para iniciar a empreitada de uma análise discursiva a partir de tais pressupostos, é preciso “[...] recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas”. (FISCHER, 2001, p. 198). Poder-se-ia pensar que na análise do discurso não se trata da busca de significantes ocultos, dissimulados e intencionalmente deturpados com o objetivo de revelar sua verdadeira intenção. Foucault ensina a pensar nas “coisas ditas”, nas práticas *concretas* que estão vivas nos discursos e que deles se alimentam.

Sob essa perspectiva, uma análise preliminar da totalidade dos excertos, apresentada à banca examinadora na fase de qualificação da dissertação, mostrou que falar inglês figura como uma aptidão necessária para o desenvolvimento, o progresso e o sucesso do indivíduo, bem como é representada como uma oportunidade de diferenciação indispensável no mercado de trabalho. Posso dizer que nas redações há um *imperativo* associado à aprendizagem da língua inglesa. À palavra imperativo atribuo o caráter de obrigatoriedade, amparada na noção desenvolvida pelo filósofo Immanuel Kant na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Diferenciando-se do imperativo hipotético, por tratar-se de uma lei e não de um princípio, o imperativo categórico é definido pelo autor como o seguinte: "Procede apenas segundo aquela máxima, em virtude da qual podes querer ao mesmo tempo que ela se torne em lei universal". (KANT, 2009, p. 421). Tal qual proponho argumentar neste trabalho, aprender Inglês é, portanto, uma ação necessária, que não depende de condição para existir. É sobre essa “lei universal”, como princípio objetivo válido para todo ser racional segundo o qual ele *deve* agir, que proponho discutir a aprendizagem da língua inglesa como um imperativo. Sobre algo que aparece nas redações como uma necessidade irreversível para que o sujeito aja, exista, se torne produtivo, uma pessoa de negócios, com sucesso, e uma ótima carreira.

Compreendendo o fazer investigativo como um exercício de busca de verdades (BUJES, 2007), tenho o propósito de discutir sobre essas questões ciente de que estarei apresentando algumas das múltiplas possibilidades de análise acerca da presença da

aprendizagem da língua inglesa em nossa sociedade. Nessa esteira, a pesquisa aqui apresentada tem o objetivo de examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa na contemporaneidade. Para dar conta deste propósito, farei uso das seguintes perguntas, as quais me auxiliaram a construir a análise empreendida nesta dissertação:

- d) Quais enunciações estão presentes nas redações dos candidatos à docência em inglês relacionadas à importância da aprendizagem dessa língua?
- e) São evidenciadas, nessas enunciações, marcas que associam a Língua Inglesa com o sucesso pessoal e profissional? Quais?
- f) Pode-se visualizar nas redações dos candidatos atributos que associam a aprendizagem da língua inglesa a um investimento? Se sim, que investimento seria esse?

Para responder às perguntas acima elencadas, tentarei seguir os passos de Michel Foucault, no sentido de procurar ver além das aparências imediatas, problematizando a noção de que “é necessário aprender inglês”. Além disso, através da compreensão dos mecanismos discursivos, busco apontar o que as enunciações presentes nas redações produzem e fazem circular sobre a aprendizagem da língua inglesa. Para tanto, foi selecionado como material empírico um conjunto de 70 redações escritas por sujeitos que se submeteram ao processo seletivo de docente de inglês em uma instituição de ensino profissionalizante no Rio Grande do Sul entre 2016 e 2018.

Para participar desse processo, os profissionais interessados devem inicialmente acessar o portal da empresa na internet e fazer um cadastro, preenchendo as informações referentes aos seguintes aspectos: dados pessoais; cargos desejados; experiência profissional; formação; cursos e certificações. Após finalizar o cadastro, o candidato poderá consultar as oportunidades na empresa e demonstrar interesse pelas vagas disponíveis. As vagas são ofertadas de acordo com a necessidade da instituição, selecionando-se candidatos das mais variadas áreas e formações para atuarem em setores diversos, como, por exemplo,

jurídico, recursos humanos, controladoria e secretaria, entre outros. O trabalho focou no setor pedagógico, especificamente nas vagas destinadas aos futuros docentes de inglês.

Com a possibilidade de trabalhar em uma das 40 unidades da instituição no Rio Grande do Sul, o candidato à docência em inglês deve apresentar, dentre outros requisitos, curso de graduação completo e formação na língua inglesa ou vivência em países cuja língua oficial seja o inglês, além de “desejável experiência docente em cursos de idiomas”, como consta na divulgação da vaga. Além disso, a instituição informa que a competência linguística do candidato deverá ser comprovada durante as diversas fases do processo de seleção, conforme descrito no texto a seguir:

### Quadro 3 - Descrição de vaga para atuar como docente em Inglês

Requisitos: Graduação completa, com formação na língua estrangeira objeto de estudo deste curso ou vivência em país falante nativo da mesma. Preferencialmente com experiência docente em cursos de idiomas. É necessária a comprovação de competências linguísticas avançadas na língua alvo, as quais deverão ser demonstradas durante as diversas fases do processo de seleção de candidatos. É relevante a certificação de proficiência, devido ao dinamismo e conhecimento cultural que se fazem necessários para execução do trabalho em sala de aula.

Fonte: Site da instituição.

Após candidatar-se à vaga, o interessado recebe um comunicado sobre as datas e os procedimentos seguintes. Um guia do processo seletivo, cujo objetivo é “estabelecer a sistemática de recrutamento e seleção dos colaboradores”, também pode ser conferido no portal da empresa, o qual explica, por exemplo, que a seleção para docente de inglês é composto por duas etapas principais: I) etapa eliminatória: consiste na análise dos dados apresentados no cadastro, com base nos requisitos exigidos pela vaga; II) etapas classificatórias compostas de: a) entrevista; b) prova de redação; c) miniaula.

A prova de redação, especificamente, consiste em uma breve dissertação sobre um tema comum aos candidatos interessados à mesma vaga, os quais podem ser os seguintes: o ensino de inglês na atualidade; a importância da Língua Inglesa nos dias de hoje; a

importância do ensino da Língua Inglesa na educação infantil; e a educação na atualidade. A redação deve ter a extensão mínima de 20 linhas, onde o candidato irá mostrar se atende aos critérios estabelecidos de antemão no Manual do candidato, os quais constam no seguinte quadro:

#### Quadro 4 - Orientações sobre a prova de redação

[A prova de redação] tem por objetivo avaliar a capacidade de expressão do candidato no que tange ao tema proposto, utilizando-se de riqueza de vocabulário, aplicação da gramática da língua [inglesa], estrutura de texto com raciocínio lógico, coesão e coerência de argumentos, capazes de demonstrar sua desenvoltura ao apresentar e desenvolver ideias [...]. Critérios de avaliação:

I - Análise Gramatical

II - Abordagem do tema

III - Desenvolvimento do tema

IV - Estrutura do texto

V - Coesão e coerência

É fundamental observar os itens abaixo:

a) A redação deve ser aplicada em formulário padrão, conforme registro deste procedimento, e modelo anexado no S.A;

b) As redações de um mesmo processo seletivo devem ter um tema único e deverão ser entregues aos candidatos já com o tema proposto;

c) O texto deve ter no mínimo 20 linhas, sendo que um número inferior de linhas acarretará em nota zero;

d) As redações devem ser enviadas à consultoria interna de RH na forma original para posterior encaminhamento ao profissional responsável pela correção e guarda do documento na pasta do colaborador selecionado no processo seletivo;

e) O avaliador não tem contato com os candidatos avaliados no processo seletivo, pois são identificadas por um código numérico;

Nos processos de admissão para docentes de idiomas, poderá ser considerada como experiência profissional a vivência no exterior, preferencialmente acima de seis meses, através da apresentação do passaporte devidamente registrado.

Fonte: Instituição de Ensino

Ao observar esse quadro, reflito a respeito das condições particulares que pesam sobre as enunciações dos candidatos cujas redações estão sob análise, como, por exemplo, os contextos específicos em que são produzidas. Tais sujeitos não são quaisquer profissionais, mas sim professores de inglês que buscam oportunidade de emprego em uma instituição de ensino profissionalizante, que além de carregarem marcas dos lugares de ensino em que tiveram suas experiências, realizam as produções textuais nesse contexto bastante específico que é a seleção de emprego. Além disso, é importante salientar que a própria temática proposta na redação direciona sua produção.

Dessa forma, procurei manter presente os questionamentos “quem são esses interlocutores com quem os candidatos dialogam no momento em que produzem as redações?”; “como argumentam sobre a importância de aprender a língua inglesa?” ou seja, o quão livres imaginam que estejam no momento de organizar e sistematizar suas ideias, sabendo que as mesmas serão julgadas e avaliadas por um outrem, esse que tratará de habilitá-los ou não para o exercício profissional? Em outras palavras, os candidatos estabelecem um interlocutor imaginário, que terá como incumbência aceitar ou rejeitar suas ideias. Assim, é provável que se preocupem em estar alinhados com ideias amplamente aceitas na sociedade, evitando, do mesmo modo, colidir com os ideais da própria instituição, tendo em mente que a mesma deseja contratar professores que cativem os alunos/clientes e os mantenham altamente motivados e interessados em estudar nos cursos de idiomas ofertados pela instituição.

Nesse sentido, chamo atenção para os critérios de avaliação acima apresentados: I - Análise Gramatical; II - Abordagem do tema; III - Desenvolvimento do tema; IV - Estrutura do texto; V - Coesão e coerência. Eles demonstram que não apenas a fluência do candidato na língua inglesa está sendo avaliada, mas também sua habilidade em desenvolver o tema de forma “coesa e coerente”. Supõe-se, é claro, que não haja apenas uma fórmula correta de escrita da redação. No entanto, ao apresentar os critérios que balizarão sua pontuação, se estabelece a vontade de convergir com a opinião e crenças do avaliador. A forma como o candidato “abordará o tema”, suas ideias condutoras e sua “coesão e coerência” com as premissas da empresa e com as verdades socialmente aceitas, serão determinantes para sua avaliação e efetivação de emprego.

Além disso, a redação, como gênero textual discursivo, é uma das formas de o sujeito se manifestar *na* e *pela* linguagem, escrevendo sobre sua existência e realidade no mundo (PRADO; MORATO, 2016). Como mencionado anteriormente, entrei em contato com essas redações inicialmente na condição de avaliadora. Foi na conversão desses fatores, considerando as condições das produções textuais e a possibilidade de refletir sobre os modos como os candidatos descrevem o mundo em que vivem, bem como as formas que evidenciam a importância de aprender inglês em nossa sociedade, que passei a enxergar nas redações um potencial investigativo. Foi, então, durante as leituras, e na fase de elaboração do projeto desta dissertação, que passei a tratar as redações como possibilidade de pesquisa.

A partir da decisão de utilizá-las como empiria, entrei em contato com a instituição de ensino e pedi autorização à coordenadora do setor de Recursos Humanos, que era também a pessoa responsável pelo processo seletivo. Recebi orientações para elaborar um documento expondo minhas intenções de pesquisa e apresentá-lo em uma reunião com o Núcleo de Educação Profissional da instituição. Após essa reunião, foi verificado que o meu trabalho não demandaria a disponibilização de informações estratégicas e então ficou acordado que eu receberia as cópias das redações digitalizadas, tendo autorização de usá-las em minha pesquisa, mantendo em sigilo a identificação da instituição.

Após receber as redações digitalizadas por e-mail – inicialmente um conjunto de 50 escritas, ao qual se somaram posteriormente mais 20 redações –, procedi ao tratamento das mesmas em três etapas: organização do material, transcrição e tradução. A etapa de organização consistiu na catalogação das redações. Para isso, reuni as cópias das escritas em uma mesma pasta virtual, onde criei também um documento de texto o qual me auxiliou a listá-las e numerá-las.

Levando em conta que as redações são escritas à mão e na língua inglesa – pois a redação consiste em uma forma de avaliar a fluência do candidato no idioma –, as etapas seguintes do tratamento das mesmas marcaram o processo de “transformação” (BREDEMEIER, 2010) do material empírico. Assim, foi necessário, inicialmente, realizar as transcrições das redações, as quais chegavam a mim digitalizadas conforme haviam sido produzidas. Saliento que, no início desse processo, considerei importante reproduzir a cópia exata das redações, sendo extremamente cuidadosa quanto à observação de ortografia,

gramática e pontuação. Conforme a operação analítica sobre o material foi se efetivando, a preocupação em manter os textos tais quais os originais passou a dar lugar à preocupação com a leitura que seria realizada a partir dos excertos. Como a investigação não ocupou um viés direcionado para questões mais pertinentes à área da linguística, passei a considerar desnecessário manter pequenas discordâncias e desvios gramaticais. Foi a partir de então que empreguei pequenas correções, muito mais preocupada com as questões de leitura do texto. Ainda, considerando que esta dissertação é escrita na Língua Portuguesa, achei importante que as redações aparecessem nesse idioma no trabalho. Para tanto, a segunda fase do processo de “transformação” se constituiu em traduzir as redações do inglês para o português.

É nesse sentido que utilizo, emprestada de Maria Luísa Bredemeier (2010), a palavra *transformação* para descrever os procedimentos realizados no *corpus* deste estudo. Em sua tese de doutorado intitulada *O Português como segunda língua nas escolas da imigração alemã: um estudo do jornal da associação de professores teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul*, a autora afirma que o pesquisador deve estar sempre atento para o fato de que sua ação sobre o material de pesquisa, transcrevendo-o e traduzindo-o, consiste sempre na *transformação* do mesmo – ainda antes do início da etapa de análise –, pois se considera que compreensão de texto e tradução sejam processos intimamente ligados.

Em *Quase a mesma coisa*, também Umberto Eco (2007) defende que traduzir não é nada mais do que dizer quase a mesma coisa em outra língua. Para o linguista, pode-se dizer sempre quase a mesma coisa, mas nunca a mesma coisa em uma tradução. A partir disso, defende a noção de tradução como negociação, uma vez que ao tradutor caberá a decisão de cortar ou acrescentar alguma coisa a partir de um texto original. Dessa forma, durante a realização das traduções das redações mantive constante a preocupação de comunicar e reconstruir o sentido dos textos escritos pelos candidatos, atentando para os fatores que poderiam interferir na legibilidade ou na *leitabilidade* (RESENDE; SOUZA, 2011) do texto original, empreendendo, quando necessário, as negociações possíveis na tarefa de compensar perdas e acréscimos e fazê-los, ainda que parcialmente, equivalentes aos textos em inglês.

Mediante as discussões empreendidas neste capítulo, foi possível mostrar os elementos que permearão a análise dos materiais empíricos reunidos neste trabalho. No

capítulo que segue, apresento as análises realizadas neste estudo, as quais dialogarão com a Teoria do Capital Humano e o Empreendedorismo de si.

#### 4 INVESTIR NA LÍNGUA INGLESA: UM IMPERATIVO

Diante do exposto até aqui, com o objetivo de problematizar a asserção escolhida para compor o título acima, este capítulo dedica-se a escrutinar o material empírico por meio da análise do discurso como descrito no capítulo que o antecede. Para esse intento, fiz algumas leituras das redações, primeiramente nelas buscando palavras-chave, como inglês, trabalho e futuro, para depois partir para uma forma de leitura mais detalhada, anotando em um documento separado as enunciações que se mostrassem mais recorrentes. Para tanto, o capítulo está estruturado de acordo com os achados desta pesquisa, os quais apontam para a formação de três eixos principais.

O primeiro eixo, denominado **“A educação é a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros”**, aponta para a importância atribuída à educação, a qual se relaciona com a Teoria do Capital Humano. De forma mais geral, mostro que os candidatos tratam da necessidade de aprender para transformar seus futuros, serem melhores pessoas e se tornarem partícipes da produção de uma nação desenvolvida. Em um segundo momento, aponto a emergência da Língua Inglesa como uma habilidade de capital humano que se torna imperativa em nossa sociedade.

O segundo eixo, intitulado **“Se as pessoas querem se adaptar ao mundo de hoje, o inglês é uma obrigação”**, fala sobre as particularidades da sociedade desenvolvida no século XXI, sobretudo pelos efeitos da globalização e do fenômeno da revolução tecnológica, que convergem para as características hoje esperadas para o mercado de trabalho. Como fundamentação teórica, o eixo baseia-se na Cultura do Empreendedorismo de si, hoje reiterada pelas empresas e mostrando-se como forma exemplar de modo de vida.

Por fim, no terceiro eixo, intitulado **“As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem”**, apresento características do primeiro e do segundo eixos, convergindo para a Língua Inglesa como forma de inclusão a um contexto que não aceita outras formas de sobrevivência a não ser a inclusão no mundo dos “negócios”. Como um imperativo, aprender a língua inglesa dá aos sujeitos aprendizes a ferramenta de que precisam, enquanto afasta aqueles que não são aprendizes do idioma. Para o embasamento desse último eixo, foi realizado um entrelaçamento entre a Língua Inglesa e o neoliberalismo como forma de governamento da população, que instiga práticas

de concorrência e a responsabilização do sujeito. Tendo explicado como está estruturado o capítulo, passo a apresentar seu primeiro eixo temático.

#### 4.1 *A EDUCAÇÃO É A ÚNICA PONTE QUE LEVA AS PESSOAS A MELHORES FUTUROS*<sup>22</sup>

O conceito de Capital Humano está, nos dias atuais, bem difundido na área da economia, significando o conhecimento e as habilidades que os trabalhadores adquirem por meio da educação, treinamento e experiência. Foi, no entanto, a partir da década de 1950, que, na Escola de Chicago<sup>23</sup>, começou a se pensar no Capital Humano como um fator para a produtividade econômica. Theodore Schultz, professor do Departamento de Economia da Universidade de Chicago à época, foi quem primeiro preocupou-se em explicar os ganhos de produtividade gerados pelo “fator humano” na produção (ANDRADE, 2010). Dessa preocupação resultou a Teoria do Capital Humano, na qual o trabalho humano, quando qualificado, se torna um importante meio para a produtividade econômica.

Nessa perspectiva, o trabalho, antes concebido com a aplicação de força bruta por trabalhadores individuais, com capacidades de ações triviais e de formas semelhantes, passa a ser assumido por maquinarias, as quais requerem, para funcionar, os conhecimentos e habilidades específicas do trabalhador. Antes o trabalhador fabril operava em uma hierarquia de divisão de trabalho com funções bem distintas, vigiado pelo cronômetro para executar a atividade com a maior precisão e rapidez possíveis, devendo evitar a comunicação com outros operários, sendo punido quando estava desatento ou interrompia o trabalho (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009).

Dentre outras características, a nova forma de pensar o trabalhador e seus atributos imateriais vê a comunicação não apenas como admissível, mas como necessária, tendo como pressuposto a cooperação entre sujeitos, diferente da divisão de trabalho como na fábrica. Ocorre, nesse sentido, o deslocamento da ênfase da fábrica – instituição de (re)produção de mercadorias padronizadas – para a empresa, cujo foco está na inovação. Do

---

<sup>22</sup> O dizer que intitula esta seção faz parte do conjunto de enunciações produzidas pelos candidatos em análise nesta dissertação.

<sup>23</sup> Originalmente, o termo Escola de Chicago surgiu na década de 1950, aludindo às ideias de alguns professores que, sob influência do paradigma econômico neoclássico e sob a liderança de Theodore Schultz, atuavam junto ao Departamento de Economia da Universidade de Chicago. A teoria do Capital Humano surgiu como um dos principais desenvolvimentos teóricos dessa Escola (GADELHA, 2009a).

mesmo modo, privilegia-se o uso do cérebro ao uso do corpo, marcando a passagem do capitalismo industrial para o capitalismo cognitivo. Como bem explicam Saraiva e Veiga-Neto (2009, p.192), enquanto no capitalismo industrial a inovação era exceção, “no capitalismo cognitivo, a invenção torna-se um processo continuado, a exceção torna-se regra”.

É preciso, portanto, qualificar o trabalho humano por meio de capacidades, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favoreçam a realização do trabalho de modo a produzir valores econômicos cada vez maiores. Com a evolução dessas mudanças, a área da Educação se vê bastante impactada, ao longo dos anos, com a incumbência de formar sujeitos qualificados para o processo produtivo. A partir da década de 1990, sobretudo, tais conhecimentos e habilidades de qualificação passam a funcionar em uma lógica de investimento de capital feito pelo trabalhador em sua educação (KLAUS, 2011). Essa lógica, como proponho discutir, só é possível devido ao *status* de *desenvolvimento* adquirido pela educação ao longo dos anos, a qual se mostrou bastante aparente nas redações que examinei nesta dissertação. Apresento, abaixo, três excertos onde percebo essa relação<sup>24</sup>:

*As pessoas têm, definitivamente, o direito de obter educação tanto quanto desejarem, pois não há limites para isso, não importa a idade. Portanto, a educação é a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros, uma vez que desempenha um papel significativo no desenvolvimento de um país. (R 55)*

*[A educação] é importante para o crescimento pessoal e do mundo desenvolvido. Deve haver mais incentivo, apoio e **compreensão de que a educação é essencial**. Pode haver uma solução para este problema, mas, em primeiro lugar, é necessário educar a mente dos governantes e mostrar-lhes que **a educação é a base de tudo o que pode interessar a um povo e mundo desenvolvidos**. (R 34)*

***Nos dias de hoje, a educação é a chave para o sucesso**. Ela não apenas modifica a maneira como você vê o mundo, mas também o ajuda a pensar sozinho. Devido ao seu **poder e capacidade de transformação**, a educação é um privilégio. (R 56)*

---

<sup>24</sup> Para fins de organização do material empírico, conforme indicado na seção anterior, procedi à numeração de cada uma das redações – a contar do número um – conforme a ordem que passavam a compor o *corpus* deste trabalho. As palavras e expressões sublinhadas foram realçadas por mim, a fim de evidenciar o que está em análise nos excertos apresentados.

Ao afirmarem que a educação é a base de tudo o que pode interessar a um povo e mundo desenvolvidos e que desempenha um papel significativo em um país, os candidatos demonstram que não apenas é importante investir em educação, mas também um dever, justificando que ela seja essencial para o crescimento pessoal e também do mundo desenvolvido. Existe um repertório de interpretações, afirma López-Ruiz (2006), que faz com que os sujeitos pensem sobre si e sobre os outros de tal forma que a imagem do componente humano, conforme propunha Schultz (1967), seja associada à riqueza, ao desenvolvimento e ao progresso do indivíduo e do país, impactando em maior educação, mais saúde e no crescente acúmulo de bens duráveis.

Com pertinência nessa discussão, remeto ao trabalho de Daiane Martins Bocasanta (2013) intitulado *Dispositivo da tecnocientificidade: a Iniciação Científica ao alcance de todos*. Nessa Tese, cujo foco investigativo está na Iniciação Científica endereçada aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Bocasanta realiza, entre outros, a discussão sobre documentos do Governo Federal, entendendo que os mesmos posicionam a educação como “salvação de uma nação que precisa empreender esforços para colocar-se em um cenário competitivo e de acelerados avanços” (BOCASANTA, 2013, p. 25). Assim como proponho discutir o aprendizado da Língua Inglesa como uma ferramenta que se configura como obrigatória em nossa sociedade, a autora investiga um conjunto de fatores e condições de possibilidade que, de acordo com ela, criam uma atmosfera favorável para que circulem enunciações que situam “a centralidade do conhecimento científico no currículo escolar como algo indispensável e inevitável” (Ibid., p. 28, grifo nosso). Em sua análise, a autora identifica que, além de apresentarem a capacidade criativa e o perfil de empreendedor do brasileiro como potenciais a serem explorados, os documentos buscam

[...] oferecer ao brasileiro o que lhe falta – conhecimentos – [que] é significado como empoderar os sujeitos para a construção de um futuro promissor e de um país melhor, [pois] sua baixa escolaridade seria um risco para a competitividade entre os países e requer fortes e eficazes controles para que seja eliminada. Isso conduz a conduta da população, tornando-a mais produtiva e preparada para o mercado de trabalho que hoje se delinea. (BOCASANTA, 2013, p. 112-113).

Nesse sentido, a pesquisadora fala da lógica neoliberal, que como apontarei mais adiante neste capítulo, articula a política, o direito e a economia, produzindo a condução dos comportamentos individuais e coletivos, de modo a responsabilizar cada um e, ao mesmo tempo, a todos pelo desenvolvimento do país. Essa lógica faz surgir dizeres como os que emergem das redações analisadas neste estudo, tais como **[...] a educação é a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros, uma vez que desempenha um papel significativo no desenvolvimento de um país** (R 55).

Outro excerto que representa a forma como os indivíduos pensam a educação como um importante investimento coletivo está em **somente com um bom plano e investimentos em educação, poderemos superar a pobreza e elevar nossa nação a um novo nível** (R 58). Assim como os documentos examinados por Bocasanta (2013, p. 115) “remetem recorrentemente ao papel de todos e de cada um para que, em conjunto, se alcance um estado geral de qualidade de vida, de cidadania plena, de progresso e de desenvolvimento sustentável”, as palavras grifadas nos excertos acima evidenciam que o candidato à docência em inglês se inclui em uma instância maior, convidando a si e a todos, como nação, a investirem em educação como meio de solucionar a pobreza da nação. Ainda, em **algumas pessoas não pensam que é importante estudar, aprender e crescer intelectualmente e isso é tão triste e faz com que o país regrida** (R 34), podemos observar que há, além de uma preocupação, uma forte intenção de que cada um faça a sua parte, ao mesmo tempo em que emerge o sentido de censura de que as pessoas que não investem no conhecimento não colaboram para o progresso do país. Nesse sentido, o candidato lança um olhar repreensor ao comportamento de outras pessoas, o que se compreende como uma forma de condução das condutas<sup>25</sup>, conforme aponta Bocasanta (2013).

Cabe ainda ressaltar que a palavra “investimento” utilizada pelos candidatos não remete a aplicação de recursos para um fim em si mesmo. Pelo contrário, a Teoria do Capital Humano aponta que o desenvolvimento não é medido apenas pelo capital físico, mas também pelo capital investido nas pessoas. Enquanto o capital físico é governado pelo direito de propriedade, podendo ser destruído, vendido, transferido, dado de presente, etc., o capital humano, adquirido por meio da educação, não poderá jamais ser emprestado ou transferido de um indivíduo para o outro. Tampouco é possível vender ou dar de presente o

---

<sup>25</sup> A condução dos modos de vida dos indivíduos é uma discussão de grande contribuição do filósofo Michel Foucault e será abordada na terceira seção deste capítulo.

volume de instrução que uma pessoa possui, é seu esse volume de capital humano. Por isso mesmo, utiliza-se a palavra “investimento”, tão distinta da extinta relação com o “gasto”. Dessa forma, uma pessoa que despense tempo e dinheiro para frequentar um curso de idiomas ou de pós-graduação está realizando um *investimento* em si. Tal noção acerca do investimento pode ser vista no seguinte excerto:

*O mundo e a humanidade são duros, portanto, a educação hoje deve ser ainda mais dura. Não de forma incorreta, mas de uma maneira que permita às pessoas perseguir sua melhor versão, e embora às vezes não atinjamos todos os nossos desejos, em um mundo totalmente conectado, a educação está bem ao lado, se você prefere procurar informações de uma forma mais antiga, como livros e enciclopédias, ou simplesmente navegar pela internet usando dispositivos que se encaixam nas palmas das suas mãos. **A educação está em constante evolução, mas há uma coisa que nunca mudará: o conhecimento que você adquire é seu, e ninguém poderá tirá-lo de você.** (R 22)*

Ao dizer que **a educação que você adquire é sua, e ninguém poderá tirar de você**, o candidato corrobora com a noção que hoje se tem de investimento, sendo esse um bem durável, em contraponto a bens materiais, tal como quando se compra um produto físico em uma loja. Diferente de um aparelho celular, cuja pouca durabilidade nos é familiar, o conhecimento é visto como algo que permanece em nossas vidas, que nos será útil, não importando as circunstâncias.

A despeito das mudanças ocorridas no campo da educação, como aquelas ocasionadas pelos rápidos avanços tecnológicos – que interferem nas formas como os sujeitos aprendizes interagem com o conhecimento (física ou virtualmente) –, o candidato exposto acima argumenta que há uma característica que será sempre mantida: **o conhecimento que você adquire é seu, e ninguém poderá tirá-lo de você**. Assim, despender tempo folheando uma enciclopédia, ou navegar pela internet para encontrar ferramentas que contemplem seus objetivos de estudo não se caracteriza na forma de o sujeito “perder tempo ou dinheiro”, mas sim em um *investimento* em um algo a mais que vai lhe garantir **perseguir sua melhor versão**. Assim, a Teoria do Capital Humano, como teoria econômica, ultrapassa sua preocupação com a lógica de processos ligados à produção, passando a estudar o trabalho exercido pelos indivíduos como uma conduta econômica, e preocupando-

se com os *modos* como essa conduta é praticada, racionalizada e calculada por aqueles que a exercem.

Já em seus primeiros textos, Schultz, pai da Teoria do Capital Humano (LÓPEZ-RUIZ, 2009), toma a diferenciação entre consumo e investimento em capital humano como tema central. Surge, dentre as preocupações do economista, um problema não encontrado antes para a contabilização dos bens de capital físico. Caberia perguntar: *Como distinguir gastos para consumo e gastos para investimento?*

Isso significa dizer que podemos fazer uso dessa teoria para questionar, por exemplo, que significados são atribuídos ao dizer que “[a educação deve permitir ao sujeito] perseguir sua melhor versão”, pois a economia política passa a ter como objeto o comportamento humano, importando aos estudiosos da área entender também a racionalidade interna que anima o sujeito a consumir, a relacionar-se, a fazer escolhas. A partir dos excertos a seguir, proponho observar que existe, como na argumentação dos candidatos, uma espécie de racionalização à qual procedem os sujeitos que desejam fazer investimentos na aprendizagem da língua inglesa, com o objetivo de comprovar que despendido dinheiro, esforço e tempo nesse conhecimento seja verdadeiramente um *investimento*.

*Quando pensamos em educação, geralmente pensamos em educação regular, que compreende, basicamente, nove anos de ensino fundamental, três ou quatro anos de ensino médio e quatro ou cinco anos de graduação. Para a maioria dos alunos, isso é sinônimo de uma **carreira promissora**. O que a experiência nos diz, no entanto, é que existem várias outras coisas que devem ser levadas em consideração, como, por exemplo, outras atividades de aprendizagem, como uma língua estrangeira ou duas. (R 20)*

*Vários estudos e especialistas destacam os benefícios de ter contato com a língua inglesa [...]. Então guiamos nossos filhos e jovens para a língua inglesa com responsabilidade, abordagem apropriada, além de ter certeza de que **estamos capacitando-os para o conhecimento necessário que é o melhor que um ser humano pode ter para a transformação do mundo que nos rodeia**. (R 08)*

A partir da leitura da redação 20, percebe-se que o candidato avalia a educação regular – em seu entender, ensino médio e superior completos – como insuficiente para

garantir uma *carreira promissora*, sendo necessário levar em consideração outros saberes, como *uma língua estrangeira ou duas*. Pode-se ver que há uma racionalização sobre quais investimentos devem ser feitos em seu capital humano, levando em consideração que seu objetivo seja uma *carreira promissora*. Lançando seu olhar para um conjunto de saberes “extrarregulares”, elege a Língua Inglesa como aquela que lhe dará condições de chegar a esse objetivo. Estudar um idioma, como se sabe, exige tempo, dedicação, esforço, e, em grande parte das vezes, um empenho financeiro. Apresentar a aprendizagem de inglês como sinônimo de “carreira promissora”, e como mostrarei adiante, *senha para o acesso a outras culturas, oportunidades de viagens*, entre outros, significa dizer que esse conhecimento se trata de um *investimento*, e não de um *gasto*.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que nos excertos acima transparece uma racionalização de custo/benefício que leva em consideração as dificuldades encontradas no mercado de trabalho, apresentando, ao mesmo tempo, a aprendizagem da língua inglesa como possibilidade de superação aos desafios, e como conhecimento importante para o futuro e para a carreira. Do mesmo modo, os dizeres *a experiência nos diz [que a educação regular não é o suficiente] e hoje em dia o inglês, que é o [idioma] mais falado em todo o mundo* são argumentos que cumprem com o papel de respaldar e justificar tal investimento, ao mesmo tempo em que fortalecem a escolha da Língua Inglesa em detrimento de outras habilidades e competências.

De forma geral, as redações analisadas neste estudo demonstraram que o investimento estimado por aqueles que desejam aprender a língua inglesa possui uma forte relação com as questões de empregabilidade do indivíduo, e, especialmente, com a figura do *profissional de sucesso*, relacionada ao sujeito que fala inglês. Essa relação, vista no dizer detalhado acima, está presente também nos seguintes excertos:

*Hoje em dia é realmente importante para qualquer um conhecer uma segunda língua, especialmente o inglês, que é o mais falado em todo o mundo. É importante não só para a atual situação que os alunos estão enfrentando, mas também para o futuro e as oportunidades de trabalho. (R 02)*

*Na sociedade de hoje, conhecer e até mesmo dominar uma segunda língua faz com que tanto o **desempenho na escola quanto no mercado de trabalho** cresça. Essa preocupação está relacionada às **futuras relações sociais e interpessoais e também à inserção no mercado do trabalho em um futuro próximo.** (R 03)*

Com base nesses excertos, pode-se perceber que os candidatos veem a crescente importância da educação escolarizada, pois afirmam que quanto maior a escolarização, maior a chance de os indivíduos integrarem o mercado de trabalho. Aprender um novo idioma significa, portanto, uma forma de ampliar o capital humano e, conseqüentemente, garantir as **futuras oportunidades profissionais** e **melhor desempenho no mercado de trabalho**, visto que aprender a língua inglesa funciona como um investimento do sujeito em si mesmo.

Outra questão que interessa aos teóricos que estudam o capital humano e que se mostra presente nos excertos refere-se às relações entre presente/futuro e consumo/investimento. Preocupados com a **inserção no mercado de trabalho em um futuro próximo**, os sujeitos não se veem como simples “consumidores” de aulas de inglês, mas como “investidores” que conduzem suas ações presentes de forma a serem recompensados no futuro. De acordo com López-Ruiz (2009, p. 209), essa relação explica a transformação do *consumo* para o *investimento*, pois “[...] as pessoas capitalizam-se consumindo: ‘eu consumo hoje para meu futuro’; ou, o que acaba sendo o mesmo, ‘eu postergo minhas satisfações consumindo agora’.”. Segundo o autor, a redefinição prévia do consumo em termos de investimento permite que façamos a seguinte asserção: “‘eu invisto hoje para meu futuro’, ‘eu postergo minhas satisfações investindo agora’.”.

Investir no aprendizado da língua inglesa significa, portanto, pensar nesse idioma como uma competência que trará ao sujeito aprendiz de hoje uma série de possibilidades no futuro. Fazer com que o capital humano fosse introduzido no campo da análise econômica, portanto, foi uma das grandes contribuições trazidas pela Teoria do Capital Humano, passando-se a considerar, a partir dela, as compensações que as pessoas podem obter da instrução como atributos de *investimento*.

Tais “compensações”, por assim dizer, aparecem com grande recorrência nas redações investigadas neste estudo e são produzidas pelos candidatos como uma forma de

demonstrar o quanto é importante aprender inglês nos dias de hoje, sobretudo guiados por uma lógica que visa ao lucro.

Como proposto por essa teoria, é preciso qualificar o trabalho humano por meio de capacidades, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favoreçam a realização do trabalho de modo a produzir valores econômicos cada vez maiores. Tal como no trecho em que o candidato afirma que **hoje em dia é realmente importante para qualquer um conhecer o inglês** devido a esse ser o idioma **mais falado em todo o mundo**, foi possível observar que os candidatos lançam mão de uma teia argumentativa bastante complexa que estabelece a aprendizagem da língua inglesa como um investimento, evidenciando a impossibilidade de dissociar a relação entre sujeito trabalhador e produção de capital, como nos excertos a seguir:

*O inglês é o segundo idioma mais falado no mundo, sua importância é tão grande tanto para viagens quanto para negócios. [...] Muitas excelentes oportunidades estão disponíveis para os jovens que estudam no exterior com bolsas integrais em importantes universidades como Cambridge e Yale. **Não só estudando, mas trabalhando no exterior também, em empresas como a Emirates, que recruta rapazes e moças para trabalhar como tripulante de cabine e pilotos, tendo como único requisito falar inglês com fluência, e eles fornecem todos os cursos de formação e especialização, oferecendo altos salários e bons lugares para viver em Dubai.***

***No Brasil, muitas empresas multinacionais exigem o inglês para cargos altos. Tem se tornado cada vez mais comum nos anúncios de emprego: "inglês é necessário". (R 51)***

*O inglês tem sido importante desde o final da II Guerra Mundial, quando os EUA se tornaram o maior país do mundo.*

***Desde então, o inglês tem sido usado como língua oficial nos negócios em todo o planeta, e aqui no Brasil, não é diferente. E mais do que isso, usamos o inglês em nossa rotina diária, nos esportes, na música e na TV. Então, estamos sempre em contato com ele.***

***Mas vamos falar sobre negócios. Todo mundo quer um bom trabalho, com um bom salário, em uma grande empresa e hoje em dia, falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não. (R 01)***

*A língua inglesa é uma língua internacional de comunicação usada principalmente para viagens e negócios.*

*Saber a língua inglesa favorece o contato com qualquer parte do planeta Terra.*

*A fluência em inglês pode ser útil no trabalho, em estudos, viagens, conversas com familiares e amigos que vivem em outros países.*

*As pesquisas salariais mostram que o salário de uma pessoa com uma segunda língua é 30% superior ao salário de alguém que possui apenas um idioma. (R 53)*

A partir de dizeres como ***A fluência em inglês pode ser útil no trabalho, em estudos, viagens, conversas com familiares e amigos que vivem em outros países*** ou ***usamos o inglês em nossa rotina diária, nos esportes, na música e na TV***, percebe-se que a necessidade de aprender a língua inglesa é descrita, nas vozes dos candidatos, como uma ferramenta que possibilita ao sujeito *ser, estar e agir* conforme as expectativas presentes na sociedade contemporânea.

Outros exemplos de expectativas presentes na sociedade são as importantes oportunidades que não podem ser deixadas de lado, como as ***bolsas integrais em importantes universidades no exterior*** e as vagas de trabalho em empresas ***que fornecem todos os cursos de formação e especialização***. Já as preocupações concernentes à empregabilidade, como se nota, vão muito além da “simples” oportunidade de trabalho, evidenciando que hoje não se busca um emprego qualquer, mas sim aquele das multinacionais e das oportunidades ditas “superiores”, com maiores salários, melhores cargos, e melhores trabalhos.

Compreendo que, ao narrarem os benefícios acessados aos falantes de inglês, os candidatos produzem um imaginário de sucesso a partir do idioma, Alan Parma (2013, p. 72), explica que o inglês como língua global produz “o efeito imaginário estabilizado na sociedade mundial da necessidade do conhecimento deste para que se tenha maiores e melhores oportunidades.” O autor aponta, em sua pesquisa, que o inglês é visto como garantia de sucesso no futuro profissional e pessoal de todos. Nesse sentido, o sujeito que está em contato com a língua – sem importar o seu nível de conhecimento –, “já teria melhores oportunidades de vencer na vida.” (PARMA, 2013, p. 73).

Consoante a Parma (2013), Raquel Silvano Almeida (2015) compreende que o inglês é construído, nos dias de hoje, como a língua que proporciona trabalho, salário, profissão e melhores condições de vida. Pelo método de Análise de Conteúdo aplicado em sua tese de

doutorado intitulada *A mercadorização do inglês e suas representações por professoras em formação continuada*, Almeida dedica-se a investigar representações sociais associadas ao caráter mercadológico do inglês nos dias atuais. Dentre os resultados apontados, mostra que as professoras participantes do estudo elaboraram representações que reforçam o inglês como a língua da empregabilidade, da oportunidade e da mudança de vida. Para ela, no cenário de economia globalizada, “o uso efetivo, a aquisição e a criação de conhecimento tornaram-se essenciais, uma vez que o próprio conhecimento é, hoje, reconhecido como uma das principais fontes de crescimento e competitividade.” (ALMEIDA, 2015, p. 61). Isso significa dizer que o Inglês é uma das habilidades de capital humano necessárias para que as pessoas possam exercer suas funções laborais em um mercado de economia global. Para a pesquisadora,

o fenômeno da mercadorização do inglês se nos apresenta através de um mercado linguístico unificado, sob funcionalidades eminentemente econômicas, nas quais essa língua opera como um *meio de produção* e é, também, *um produto em si mesma* (ALMEIDA, 2015, p. 83, grifo nosso).

Como uma qualificação importante de capital humano, o Inglês é percebido, portanto, como uma *mercadoria* (ALMEIDA, 2015) que se adquire pelo investimento de recursos econômicos cuja aprendizagem permitirá ao sujeito desfrutar de boas oportunidades de emprego, salário e ascensão socioeconômica. Também os resultados encontrados na pesquisa de Gisvaldo Araújo-Silva (2012, p. 162) apontam que os sujeitos de hoje, “incitados a fazer investimentos constantes e infinitos em seu capital humano”, investem no aprendizado de inglês como forma de se manterem atrativos e desejáveis para o mercado de trabalho. Para o pesquisador, que analisa materiais midiáticos que versam sobre a LI, o conceito de capital humano se mostra produtivo para a problematização da língua inglesa na contemporaneidade. De acordo com os resultados de sua investigação, “a recorrência de termos e expressões em inglês na mídia [...] faz com que ela seja uma das ‘capacidades adquiridas’ mais urgentes na atualidade.” (ARAÚJO-SILVA, 2012, p. 201). *Slogans* presentes nas revistas analisadas por ele, como *Amplie seus horizontes (SMART)*, “incitam os sujeitos a agirem sobre si e a transformarem sua vida ou seu planeta num lugar melhor” (Ibid., p. 175).

Indo ao encontro das coisas que descrevem o universo da Língua Inglesa, asserções que falam sobre a importância de aprender o idioma como requisito para se obter vantagens profissionais tais como “as pesquisas salariais mostram que o salário de uma pessoa com uma segunda língua é 30% superior ao salário de alguém que possui apenas um idioma” apoiam-se na representação do inglês como a língua oficial dos negócios em todo o planeta. Do ponto de vista discursivo, tais dizeres fazem parte da própria construção da premissa “aprender inglês é necessário para o sucesso profissional”, pois as competências, as habilidades e as aptidões de um indivíduo qualquer constituem seu próprio capital e renda.

Sob o imperativo permanente de fazer investimentos em si mesmo e de, conseqüentemente, produzir fluxos de renda, avaliando racionalmente as relações de custo/benefício que suas decisões implicam, é esse mesmo indivíduo que se vê induzido a “[...] a entreter consigo (e com os outros) uma relação na qual ele se reconhece (e aos outros) como uma microempresa [...]” (GADELHA, 2009a, p. 149).

Se é a partir das coisas ditas que constituímos as realidades do mundo, podemos afirmar que asserções como ***falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não*** corroboram para que a aprendizagem da língua inglesa seja projetada como um *investimento* indispensável em um contexto em que características atreladas às expectativas capitalistas e neoliberais como a concorrência, o desejo pelo sucesso e pela ascensão predominam na sociedade. Ao guiar-se a por esses princípios, o sujeito se vê induzido a fazer de sua vida uma gestão empresarial, equivalendo-se a uma nova concepção de agente econômico, o qual assume para si a responsabilidade de ser a pessoa que age; busca qualificação; dispõe de vários saberes e leva adiante esses saberes para outras atividades ao longo de sua vida (TAVARES, 2014).

Quando um dos candidatos escreve que ***as pessoas têm, definitivamente, o direito de obter educação tanto quanto desejam, pois não há limites para isso, não importa a idade e a educação é a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros***, compreendo que a questão de encontrar melhores futuros é dada como natural, como se ao indivíduo não houvesse alternativa enquanto a ficar parado ou se movimentar para mudar sua situação. Também em “falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não” é percebida a responsabilidade que é atribuída pelo sujeito a ele mesmo. Como afirma Almeida (2015), a empregabilidade e a mudança de vida pela educação e, no caso

deste estudo, pela aprendizagem de inglês, “delega ao aluno a responsabilidade pela aprendizagem desse idioma para poder receber em troca emprego, salário e ascensão socioeconômica” (ALMEIDA, 2015, p. 40).

O desejo pela ascensão econômica, como aponto mais detalhadamente no capítulo seguinte, constitui-se como uma das características que forma o perfil do empreendedor de si, ou seja, aquele hoje esperado pelas empresas. Educar os sujeitos para que sejam bons empreendedores de si vem sendo um papel, portanto, colado aos princípios que devem guiar as instituições escolares.

Como afirma Gadelha (2009a), no campo da educação novas discursividades têm ganhado abrangência e poder de persuasão, buscando formar indivíduos-microempresas, que possuam características como pró-atividade, flexibilidade, inovação, senso de oportunidade e notável capacidade de provocar mudanças. Esse novo sujeito, também chamado de *Homo Oeconomicus* trata-se do indivíduo prescrito e desejado pelas novas organizações de trabalho, orientado a agir de acordo com o que Gadelha (2009a) chama de *ethos empresarial*.

No mesmo sentido, López-Ruiz (2004), comentando uma pesquisa que estabelece dez características que o bom candidato deve apresentar, segundo a opinião dos profissionais de recursos humanos das empresas, salienta que as cinco primeiras habilidades destacadas no ranking têm a ver com a personalidade dos candidatos. São elas: 1) persistência, 2) autoconfiança, 3) flexibilidade para se relacionar, 4) ambição de crescer e 5) estabilidade emocional. Dentre elas, destaco, para fins da discussão aqui levantada, a ambição de crescer como uma característica exigida como um dos requisitos mais significativos para ingresso e permanência no mercado de trabalho.

Para tanto, retomo alguns excertos já apresentados, os quais mostram que os candidatos pensam a educação como **a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros; a chave para o sucesso; a qual possui poder e capacidade de transformação**. A partir desse conjunto de dizeres, podemos inferir que a educação é algo que as pessoas objetivam, sem ser, no entanto, um fim que se esgota em si, mas um meio de o indivíduo-trabalhador mover-se em direção a um objetivo ainda maior: a transformação; a ascensão; o “sucesso” profissional e pessoal. Para refletir sobre tal característica da contemporaneidade, passo a descrever o segundo eixo analítico.

#### 4.2 SE AS PESSOAS QUEREM SE ADAPTAR AO MUNDO DE HOJE, O INGLÊS É UMA OBRIGAÇÃO<sup>26</sup>

Como discutido até aqui, o sujeito encontra na sociedade atual muitas peculiaridades que o confrontam. Dentre elas, os fluxos correntes, os avanços tecnológicos, as transformações, a globalização, a necessidade de conectar-se, de estar interagindo e aprendendo constantemente. Para refletir sobre tais características da contemporaneidade, inicio por algumas reflexões inspiradas a partir do sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

Autor que operou com os conceitos de mundo sólido e mundo líquido, Bauman (2005), um dos pensadores mais celebrados das últimas décadas, fala sobre o tempo em que ideias, relações, pensamentos e relacionamentos eram sólidos. O século XX, com suas conquistas tecnológicas, embates políticos e guerras contemplou o declínio desse mundo. A pós-modernidade trouxe consigo a “fluidez” do líquido, ignorando divisões e barreiras, diluindo certezas, crenças e práticas. Analisando a “modernidade líquida”, característica do mundo pós-globalizado, onde a fluidez da tecnologia digital também define as identidades e as relações sociais, Bauman lembra que vivemos em um tempo mutante, no qual as antigas instituições, que antes ofereciam referências de comportamento, estão em fluxo permanente e completamente desreguladas.

Nas palavras do autor, em entrevista a Maria Lúcia Pallares-Burke (2004, p. 322), “[...] a nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições.”. Empregando a metáfora da *solidez* como marca característica da modernidade nas primeiras décadas do século XX (onde as tradições eram postas de lado para ocuparem seus lugares outras tradições potencialmente superiores e mais sólidas), Bauman irá trazer, na transição para o século XXI, o novo aspecto da condução moderna: a metáfora da *liquidez*.

Os autores Felipe Quintão de Almeida, Ivan Marcelo Gomes e Valter Bracht (2009, p. 32), mostrando a crítica de Zygmunt Bauman à sociedade moderna, afirmam que “se a solidez era a argamassa do projeto ordenador, a fluidez é o que melhor caracteriza as estratégias de vida na sociedade contemporânea.” Em outras palavras, nossa sociedade presencia a permanente desmontagem das tradições, dos relacionamentos, dos empregos,

---

<sup>26</sup> O dizer que intitula esta seção faz parte do conjunto de enunciações produzidas pelos candidatos em análise nesta dissertação.

que tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desregulados e flexíveis. Ou seja, por serem líquidos, são incapazes de manter as formas. “Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘autoevidentes’ [...]”. (PALLARES-BURKE, 2004, p. 322).

Nesse sentido, apresento redações, com o objetivo de discutir as formas como os candidatos à vaga de docência em inglês alinham a necessidade de aprendizagem do idioma a fenômenos tipicamente modernos como a globalização e a constante evolução dos meios de comunicação e informação, convergindo para a *fluidez* descrita por Bauman.

*Atualmente, o ensino de línguas estrangeiras ocupa uma posição de extrema importância e é bem aceito por uma grande parte da sociedade.*

*Muitos são os benefícios que envolvem o indivíduo que domina outras línguas.*

***Em um mundo tão globalizado e aberto a novas situações de convívio, uma linguagem universal está presente e ocupa o lugar entre alunos de várias idades e culturas em um único objetivo que deve ser estar conectado com o resto do mundo.***

***Quanto ao fato de escolher a segunda língua não se pode negar o papel econômico acerca da Língua Inglesa, uma vez que negócios e tratados com outros países são efetivos com o inglês como idioma padrão, um ato que acontece com clareza ao redor do mundo, dando mais um papel de extrema importância para o idioma em questão.***

*As maiores razões de escolher o inglês para ser o segundo idioma são: qualificação educacional, conhecer outras culturas e viajar. Música, filmes, livros e jogos em inglês geralmente estão presentes no cotidiano, sendo excelentes aliados para o processo de ensino e leitura. Assim, a língua inglesa assume um papel de união diante deste gigante mundo cultural cada vez mais globalizado e acessível a todos. (R 60)*

***O inglês é o segundo idioma mais falado no mundo, sua importância é tão grande tanto para viagens quanto para negócios.***

***A globalização tornou mais fácil a comunicação e o contato com todas as culturas e com os países de todo o mundo. No entanto, para que isso aconteça, o inglês é a principal ferramenta.***

*Pesquisas médicas também podem ser compartilhadas. Um bom exemplo é a gripe que prejudicou drasticamente a China uns anos atrás. Os chineses realizaram estudos sobre a gripe e depois os traduziram para o inglês, tornando o conteúdo acessível a outros médicos e cientistas quando tivessem que lidar com o problema.*

*[...] No Brasil, muitas empresas multinacionais exigem o inglês para cargos altos.*

Tem se tornado cada vez mais comum nos anúncios de emprego: **“inglês é necessário”**. Isso porque a sociedade está evoluindo para o nível mundial, as crianças pensam em tecnologia o tempo todo e o centro de toda a tecnologia não está em um país único, então a língua comum é o inglês. Para ampliar as oportunidades e pensar grande, o inglês é essencial hoje em dia. (R 51)

“Não é a mais forte das espécies que sobrevive, ou a mais inteligente, mas a que pode se adaptar” - Charles Darwin. Estou começando este texto com esta citação porque considero o inglês parte da adaptabilidade no mundo de hoje. Considerando o desenvolvimento de alta velocidade de novas tecnologias, negócios no exterior e internalizações de empresas, o inglês tornou-se não apenas importante, mas uma ferramenta essencial para a vida de hoje.

Por exemplo, em algumas empresas, o inglês é tão básico quanto conhecer o Excel. Por isso, as pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às pessoas que sabem. Essas pessoas, que não consideram o inglês importante, logo terão que mudar sua mentalidade e começar a aprender a se adaptar ao novo mundo, caso contrário, estarão fora do mercado.

O inglês não é apenas importante para os negócios, também é necessário para a comunicação. Todo mundo tem aquela "viagem dos sonhos", Paris, EUA, Londres ou qualquer outro lugar, e para ir para o exterior, o inglês é muito necessário. **Se você não sabe como pedir comida ou fazer qualquer pergunta, a viagem dos sonhos pode se tornar um pesadelo.**

Então, se as pessoas quiserem resistir e se adaptarem para o mundo de hoje, o inglês é uma obrigação. (R 66)

**Durante as últimas décadas, com o mundo se tornando mais e mais conectado, a língua inglesa nunca foi tão importante como é agora.**

Empresas e universidades de todo o mundo têm o inglês como uma ferramenta essencial, exigindo um alto nível de linguagem para funcionários e alunos.

Seja viajando a negócios ou simplesmente como turista, você deve conhecer as estruturas básicas em inglês, aeroportos, restaurantes, cafés, farmácias, etc.

A fim de obter uma bolsa de estudos no exterior, isso pode mudar o seu futuro para sempre, a língua inglesa é absolutamente necessária também.

Ter o emprego dos seus sonhos em uma grande empresa também dependerá de quão competente você está falando inglês. A globalização veio para ficar, então cabe a você se adaptar ao mercado de trabalho e melhorar suas habilidades de comunicação em um idioma estrangeiro.

Além disso, muitos artigos, estudos e ajuda profissional podem ser encontrados na Internet, usando o inglês como língua comum para obter essas informações.

Seja um trabalhador dedicado e adicione Inglês à sua vida, as chances são: você estará um passo mais perto do sucesso! (R 68)

Destacam-se nas redações uma série de enunciações que apontam para a língua inglesa como uma ferramenta para o sujeito ser, estar e agir no mundo líquido. Um dos excertos em que é possível ver essa relação é o seguinte: ***Em um mundo tão globalizado e aberto a novas situações de convívio, uma linguagem universal está presente e ocupa o lugar entre alunos de várias idades e culturas em um único objetivo que deve ser estar conectado com o resto do mundo.*** Por efeitos da globalização como fenômeno que redimensiona as fronteiras culturais e espaço-temporais em conjunto com as tecnologias de informação e comunicação, percebo que os candidatos enxergam em nossa sociedade a necessidade de falar inglês com base em outros dois imperativos: ***conhecer outras culturas e estar conectado com o resto do mundo.***

Há cinco décadas, o intercâmbio cultural dependia, basicamente, do cruzamento de fronteiras geográficas ou do acesso aos produtos que os meios de comunicação nos propiciavam – é o caso do rádio, do cinema, da mídia impressa e, a partir dos anos 50, da televisão (REIS, 2004). Em tempos de globalização, somado às combinações multimidiáticas e aos suportes tecnológicos, o intercâmbio cultural acontece em tempo real, de uma esfera a outra do planeta, sem que os indivíduos precisem sair de casa. Bauman (2005) explica a globalização como um fenômeno dado, tendo chegado a um ponto em que não há volta. Profícuo na criação de metáforas, o sociólogo diz que “[...] não se pode ser ‘contra a globalização’, da mesma forma que não se pode ser contra um eclipse do sol.” (BAUMAN, 2005, p.94). Ou seja, não há como desfazer a unificação do planeta. Queiramos ou não, vivemos todos em um mundo globalizado.

É por meio da LI, afirmam os candidatos, que poderemos nos relacionar com pessoas de diferentes nacionalidades e diferentes visões do mundo. Nota-se que, ao afirmar que ***o mundo globalizado está cada vez mais acessível a todos***, se revela uma carga de responsabilização daqueles sujeitos que ainda não jogam sob as regras desse fenômeno. Nesse caso, conhecer outras culturas estaria supostamente ao alcance dos sujeitos. Não partilhar desse conhecimento significaria cometer um deslize, uma vez que esse sujeito não cumpriria com o objetivo maior: *estar conectado com o resto do mundo*. Assim, percebe-se a incumbência de o sujeito manter-se conectado, pois uma vez que o acesso é para todos, não estar conectado é uma culpa individual do sujeito. A expansão das barreiras geográficas não

é apenas uma questão de vontade, como acaba por tornar-se uma imposição ao sujeito contemporâneo.

Além da transposição das barreiras econômicas e culturais, assistiu-se, nas últimas décadas, o acelerado desmoronamento das barreiras de restrições à livre circulação de informações, que se instala no século XXI como questão central da vida social. Tanto para pesquisas como para qualquer tipo de informação, seja para aprender piano através de tutoriais disponíveis no *Youtube*, ou para acessar o manual de um aparelho eletrodoméstico, até mesmo para procurar receitas que antes procuraríamos nos livros caseiros feitos pelos avós, ou consultar a bula de um medicamento. Esse ciberespaço permite tanto as trocas culturais, envolvimento entre culturas, como a troca da livre informação, do conhecimento científico, das notícias, das tendências mundiais.

A Língua Inglesa é vista não apenas como uma ferramenta essencial para o contato entre todas as culturas, mas também para o acesso à informação qualificada. Dessa forma, o inglês se mostra como língua código para o acesso à produção acadêmica “de ponta”, visto que é a partir dela que é publicada 90% da bibliografia mundial para formação em nível superior (informação verbal)<sup>27</sup>. Os estudantes de um curso superior que não dominam a LI não acessarão os conhecimentos produzidos nos grandes centros, ficando à margem do processo, pois *é preciso ter acesso ao conhecimento científico produzido mundialmente*, como aponta o candidato da redação 51, ao citar o caso das pesquisas sobre a gripe desenvolvidas pela China. De acordo com ele, a globalização é a responsável por tornar mais fácil o contato com os países de todo o mundo, possibilitando que os mais diversos países possam acessar os achados de estudos médicos, desde que os mesmos sejam traduzidos para o inglês. Uma vez compartilhados, eles poderão trazer resultados e benefícios *globais*. Fica subentendido, entretanto, que as pessoas que não dominam a LI não poderão acessar os conhecimentos produzidos mundialmente, ficando à margem dos avanços das ciências, e, por conseguinte, deficitários em sua formação.

Na sociedade da informação, em que as últimas tendências, avanços da ciência e acesso à erudição são mediadas pelo uso da internet, e estão ao alcance de todos que a ela têm acesso, o conhecimento da língua inglesa se mostra como uma dessas ferramentas que proporciona a fruição de diversos benefícios. A partir disso, observa-se a potencialidade da

---

<sup>27</sup> Dados anotados a partir da *Jornada de Políticas Linguísticas para Internacionalização*, ocorrida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em março de 2017.

internet para acessar informações, bem como para viabilizar e incentivar os processos de comunicação intra e interculturais.

Assim, os destinos dos diferentes povos ao redor do globo estão cada vez mais interligados e imbricados uns nos outros, globalizando culturas e economias (RAJAGOPALAN, 2003). Pensando nos excertos dos candidatos à docência em inglês, é possível observar que a noção de que a língua inglesa nos cerca em nosso dia a dia se mostra bastante evidente em uma grande parte das redações. “A língua inglesa está nos filmes, nos telefones, nos programas de TV, nas músicas”. Ela está em toda parte, afirmam os candidatos, reafirmando sua onipresença.

Mesmo que o sujeito não esteja viajando no exterior, ele vê refletida em seu cotidiano a necessidade de aprender inglês pela influência desses produtos culturais que nos interpelam a todo momento. Tal influência, como propõe Araújo-Silva (2012), se dá a partir de um arsenal de produtos estrangeiros como livros, revistas, filmes e jogos “originais” em inglês; da proeminência de músicas em inglês nas rádios FM e do cinema estadunidense; da presença maciça dessa língua nos produtos de grife; da exibição de séries norte-americanas na TV; do uso de termos em inglês nas novelas.

As redações demonstram, ainda, que há uma preocupação dos candidatos em acompanhar um fluxo bastante intenso de informações e produtos midiáticos que estampam a LI seja no trabalho, nas prateleiras do supermercado, seja no lazer, no carro, ou em casa. Percebo, também, que essa preocupação se relaciona com a intenção de *status* que o sujeito adquirirá por estar por dentro das últimas novidades em termos de músicas, filmes, séries e *reality shows*, entre outros que demonstram o quão “atual”, “descolado” e “moderno” ele pode ser.

Dadas essas características da contemporaneidade, cabe dar atenção para a enunciação que intitula este eixo analítico: ***Se as pessoas querem se adaptar ao mundo de hoje, o inglês é uma obrigação***. Pelo já exposto, poder-se-ia ler tal asserção da seguinte maneira, conforme proponho argumentar a seguir: **se tudo é movente em nossa sociedade, então precisamos nos adaptar!**”. Para tanto, lanço mão de uma passagem de Zygmunt Bauman em *O mal estar na pós-modernidade* (2001), onde o sociólogo explica três importantes conceitos que guiam os sujeitos modernos:

Socialmente, a modernidade trata de padrões, esperança e culpa. Padrões — que acenam, fascinam ou incitam, mas sempre se estendendo, **sempre um ou dois passos à frente dos perseguidores**, sempre avançando adiante apenas um pouquinho mais rápido do que os que lhes vão no encalço. E **sempre prometendo que o dia seguinte será melhor do que o momento atual**. E sempre mantendo a promessa viva e imaculada, já que o dia seguinte será eternamente um dia depois. E **sempre mesclando a esperança de alcançar a terra prometida** com a culpa de não caminhar suficientemente depressa. A culpa protege a esperança da frustração; a esperança cuida para que a culpa nunca estanque. (BAUMAN, 2001, p. 91, grifo nosso).

Conforme mostra o sociólogo, a existência humana é uma forma sempre inacabada: ela é sempre uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Em outras palavras, ser moderno significa estar em movimento. É nesse cenário que os sujeitos se sentem obrigados a investir na aprendizagem da língua inglesa, pois ela é percebida como uma ferramenta indispensável para ser e agir em um mundo em que se está sempre um passo atrás.

Consoante com essa noção, a dissertação de mestrado de Fabiane Langon Lorenzi (2014) analisa a revista de negócios *Você/SA*, evidenciando a circulação de um discurso que desqualifica de forma geral os profissionais, evidenciando a necessidade de que estejam em constante qualificação. Intitulada *Um herói contemporâneo em Você S/A: problematizando a produção do sujeito empreendedor*, a pesquisa apontou que as ideias contidas em quase todas as reportagens do material analisado (capas e matérias da revista, no período de 2012 a 2013) reproduziam algo referente a uma ideia de que o sujeito é entendido como permanentemente desqualificado e devendo ao mercado movimento constante. Para esse sujeito, que “se constrói endividado, imbuído de culpas e remorsos por não conseguir alcançar aquele lugar (inexistente) que se pede que alcance” (LORENZI, 2014, p. 76), “o pior erro é permanecer parado” (Ibid., p. 06). Refletindo sobre tais apontamentos, por ora apresento os seguintes fragmentos:

*[...] quanto mais aprendemos, mais estamos conscientes de que sempre há margem para melhorias, que é um ponto de vista positivo, pois sempre podemos ir mais longe e **aprender algo para a nossa carreira ou para o nosso próprio crescimento pessoal.** (R 20)*

*Estamos vivendo tempos políticos difíceis e, mais do que nunca, está na hora de a educação [...] proporcionar às pessoas a oportunidade que elas precisam e merecem: **serem elas mesmas, alcançando o crescimento pessoal e profissional.*** (R 70)

*Nos tempos modernos, vivemos em um mundo rodeado por todos os tipos de mudanças, seja em um nível macro ou micro, e **espera-se que possamos superar tais dificuldades para sermos bem sucedidos.** Embora muitas pessoas acreditem que manter o poder econômico ou político é um fator chave para **subir na vida**, nada é mais importante hoje em dia do que ter uma educação sólida. [...] Espera-se que a educação seja dinâmica, mostre coisas que você pode encontrar no mundo real, além de ter que **prepará-lo para enfrentar qualquer disputa ao longo do caminho.***  
[A educação deve permitir às pessoas] perseguir **sua melhor versão** [...]. (R 22)

Retomando os conceitos de padrão, esperança e culpa, como propostos por Bauman (2001), proponho desprender dos excertos postos em evidência que o crescimento do indivíduo em sua carreira profissional é o próprio *padrão*, ou seja, aquilo que o sujeito cobiça e que o incita, sob a promessa de que haverá sempre futuros melhores. Sob a crença de que a educação é uma das ferramentas dessa engrenagem, o sujeito se vê constantemente na obrigação de aprender, pois, conforme demonstra o sociólogo, o padrão está sempre a um ou dois passos de ser alcançado. Não basta, portanto, possuir de forma estanque um conhecimento ou habilidade, ao contrário: **sempre há margem para melhorias**, como afirma o candidato 20, justificando que os investimentos em educação devem estar sempre em andamento.

Assim como a promessa de um futuro melhor é eterna, também o é a responsabilidade de fazer o máximo de esforço possível para persegui-lo. É o que se observa na enunciação **estamos conscientes de que [...] sempre podemos ir mais longe para aprender algo para a nossa carreira ou para o nosso próprio crescimento pessoal**, pois, pesa sobre o sujeito a responsabilidade de cumprir com esse movimento que é característico de nossa sociedade, e que, como a ambição, é um dos requisitos indispensáveis para o sujeito moderno.

Em contraposição à figura do irmão mais velho, explica Bauman (2001, p. 74), com quem o irmão mais novo pode contar para protegê-lo, e longe das utopias da boa sociedade,

vivemos em um tempo em que o indivíduo é o responsável por “[...] descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que a capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível.” Concentrando-se na tarefa de querer sempre mais, é o indivíduo que se responsabiliza por investir em habilidades e competências de educação que lhe possibilitarão chegar o mais longe que pode para satisfazer suas ambições.

Investir em si mesmo não significa necessariamente mudar de lugar, mas sim investir em constante mudança, nem que seja para conseguir se manter no mesmo lugar, pois, “nesse mundo poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final.” (BAUMAN, 2001, p. 78). Dessa forma, o sujeito é responsável por uma gestão de si, a qual envolve o empreendedorismo, o empresariamento de si mesmo, a criação de inúmeros projetos de curto prazo e a inovação, pois, tal qual uma empresa, o sujeito empreendedor de si pode quebrar, falir, entrar em colapso, fazendo com que se sinta o único responsável por seu fracasso (LÓPEZ-RUIZ, 2009).

[...] Em um mundo de inúmeras incertezas, não temos a garantia do retorno dos investimentos feitos. Porém, diz-se que os sujeitos inovadores, flexíveis, abertos para as mudanças, sujeitos da contemporaneidade, devem fazer investimentos constantes no seu capital humano. Caso os projetos não deem certo, é preciso novos projetos, estar em constante movimento. (KLAUS, 2011, p. 179).

Gadelha (2009b) diz que não é exagero dizer que se cultua o empreendedorismo como panaceia para os males do país e do mundo. Em um momento histórico em que a organização social é marcada por problemas como o desemprego, a má distribuição de renda, a desigualdade e a violência, investir no empreendedorismo parece ser a melhor solução.

No mundo capitalista, onde o profissional é visto “essencialmente como o gestor de sua própria carreira” (LÓPEZ-RUIZ, 2009, p. 12), resulta que os investimentos realizados em si mesmo sejam sua principal responsabilidade e que o desejo de autopromoção e os cuidados de si sejam uma obrigação constante. Alcançar o crescimento pessoal e profissional é, portanto, uma **oportunidade que as pessoas merecem e precisam** (R 70), o que significa

dizer que, apesar da liberdade<sup>28</sup> para gerenciar sua vida, o sujeito contemporâneo não tem outra escolha diferente de pautar seus anseios e decisões na busca de qualificação.

Uma das mudanças conceituais que surgem no campo da economia a partir da Teoria do Capital Humano, como referenciado na seção anterior, refere-se ao investimento. Isso significa dizer que a representação de conhecimentos que, como a língua inglesa, são hoje considerados indispensáveis ao mercado de trabalho constitui-se em um processo que não é imparcial (e nem poderia ser), pois está intimamente ligado a relações de poder que regulam nossa sociedade, pois o processo de produção e acúmulo do capital humano não pode ser dissociado do vasto campo de poder em que está imbricado. Nas palavras de López-Ruiz (2009, p. 226),

Para se transformar num investimento, o gasto deve se enquadrar numa normativa que discrimina qual gasto é ou não é um investimento. Quem gasta deve obedecer a uma ordem normativa/valorativa externa – imposta por “outro”, determinada pelo mercado – que estabelece que um curso de línguas, por exemplo, é um investimento se a língua escolhida for o inglês ou o espanhol, mas que pode ser um simples consumo se for francês, alemão ou tupi-guarani, porque a exposição no *currículo* destas últimas pode não acrescentar nada ou, inclusive, mostrar uma desaconselhável dispersão de interesses (e, também, de recursos).

Dessa forma, os atributos humanos adquiridos por meio da educação são abstraídos daquelas pessoas que os detêm para se articularem em função de um fim externo a elas, o que significa dizer que as aptidões próprias do “humano” só tornam-se um capital quando apresentam um valor de mercado.

Fazendo de sua educação uma espécie de competição desenfreada – na qual os sujeitos são julgados de acordo com os investimentos que são permanentemente induzidos a fazer para se valorizarem como microempresas –, os sujeitos se sentem na obrigação de realizar investimentos constantes em si, buscando por aquelas qualificações que o colocarão em posição de vantagem em situações de concorrência, tal como nos trechos em que os candidatos afirmam: por meio da educação, cada um *deve* encontrar ***sua melhor versão***; é

---

<sup>28</sup> A liberdade, como entendida na perspectiva de Michel Foucault, serve como condição de existência para a governamentalidade, pois funciona mais como “um leque de possibilidades estabelecido para cada sujeito, a partir do qual é possível escolher, do que a uma suposta ausência de poder ou de interferências externas (NUNES; THOMAZ, 2017).

necessário estar preparado para ***enfrentar qualquer disputa ao longo do caminho e ser bem sucedido***.

O que antes era acesso à educação se transformou em “capacitação” para o trabalho ultracompetitivo do dia a dia. O objetivo, conforme ensina López-Ruiz (2009, p. 220), “é ter sempre o que oferecer no mercado: tornar o seu produto sempre vendável”. Nessa perspectiva, traduz-se o progresso em índices de produtividade, o qual o autor compara a um esquema de “acúmulo de pontos de milhagem”. Ir a um congresso, conhecer novas pessoas, saber discorrer sobre roteiros turísticos, tudo faz parte do bom desempenho dessa “empresa” nova, que Gadelha (2009b) chama de *Você S/A*, que só é competitiva se apresenta uma alta dose de “capital humano”, isto é, conhecimentos e habilidades de “ganhadores”.

Assim, ao afirmar que estará preparado para ***enfrentar qualquer disputa ao longo do caminho***, o candidato expressa uma preocupação constante enfrentada pelos sujeitos contemporâneos, que é buscar sua capacitação, formação educacional e profissional como elemento estratégico, sem os quais não estariam aptos a competir em um mercado de trabalho regido pela dinâmica competitiva.

Sob a luz do neoliberalismo e do capitalismo contemporâneo, um emaranhado de discursos a respeito de um modo de ser e viver dos sujeitos pós-modernos nos inspiram a aspirar por um estilo de vida do sujeito estudado, viajado, conhecedor de outras culturas, altamente qualificado e apto para competir em nível global por empregos de ponta, capazes de produzir e também consumir constantemente. Essas são algumas das características do estilo de vida que o sujeito empreendedor de si deve possuir para obter o tão chamado “sucesso profissional”.

A noção de globalização faz com que orbitem ao seu redor uma série de outros imperativos que funcionam *com* e *a partir* dela, somando-se umas às outras. Ao mesmo tempo em que é preciso conhecer novas culturas, é preciso estar conectado às informações e às pessoas, sendo isso possível por causa do avanço da tecnologia e dos meios de comunicação disponíveis. Na ponta desse complexo de imperativos, encontra-se a Língua Inglesa, que, de acordo com o candidato 60, “assume um papel de união diante deste gigante mundo cultural cada vez mais globalizado e acessível a todos”. Estar por dentro

desse universo hoje é um imperativo, afinal de contas, o sujeito precisa se diferenciar da concorrência.

Nesse sentido, espero ter mostrado ao longo desta seção que a língua inglesa, dado o seu universo de atuação, constitui-se em uma das senhas de acesso necessárias para interagir no mercado de trabalho globalizado. Na próxima seção, pretendo tratar das questões ligadas à Língua Inglesa como ferramenta que privilegia o regulamento dos indivíduos como espécie de governamentalidade neoliberal. Da mesma forma, pretendo argumentar que as características de individualização do sujeito e sua responsabilidade de manter-se sempre em movimento impactam seu interesse por aprender o idioma, ao mesmo tempo em atribui ao indivíduo que não aprende o idioma o rótulo de sujeito falho.

#### 4.3 AS PESSOAS QUE NÃO SABEM INGLÊS ESTÃO EM DESVANTAGEM EM RELAÇÃO ÀS QUE SABEM<sup>29</sup>

Seguindo a ideia central da seção anterior, de que a Língua Inglesa é uma ferramenta que permite aos indivíduos se adaptarem ao mundo moderno, esta seção tem o objetivo de discutir algumas das questões acerca da asserção “As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem”. Nesse intuito, recuo mais um pouco a outra asserção bastante recorrente em um grande número das redações analisadas, a qual seja: “O inglês abre muitas portas para o mundo”.

Retomo brevemente que, dentre as “portas” que a língua inglesa promete abrir, nos deparamos com a possibilidade **de viajar, e fazer a viagem inesquecível** (R 66), **obter uma bolsa de estudos no exterior e ter o emprego dos sonhos** (R 68), afinal, **os profissionais que sabem inglês têm salários maiores e maiores oportunidades** (R 67). É dessa forma que o inglês se torna **tão básico quanto saber Excel** (R 66), sendo considerado, ainda, **um passaporte para realizar sonhos e ter uma vida melhor** (R 67).

O agrupamento de enunciações acima, já discutidas ao longo do trabalho, tem o objetivo de demonstrar alguns dos benefícios apontados pelos candidatos para os sujeitos falantes de inglês. Os mesmos servem de embasamento para que afirmações como “O inglês

---

<sup>29</sup> O dizer que intitula esta seção faz parte do conjunto de enunciações produzidas pelos candidatos em análise nesta dissertação.

abre portas para o mundo”, sejam realizadas, atribuindo ao idioma o *status* de obrigatoriedade em nossa sociedade.

O que proponho discutir, no entanto, é que, ao mesmo tempo em que se cria uma complexa rede discursiva para descrever os atributos referentes à aprendizagem da língua inglesa, há, na evidência dos mesmos dizeres, a emergência da construção de um universo de possibilidades do qual ficam de fora todos os demais sujeitos que não se instrumentalizam na língua. Para esses indivíduos, haverá consequências, como não desfrutar dos melhores empregos, não obter ajuda profissional, ou, simplesmente, não conseguir consultar artigos e informações na Internet (R 68). Conforme o caso, as consequências podem ainda ser mais devastadoras, tais como nunca obter o tão desejado sucesso pessoal e profissional, ou ***ter a viagem dos sonhos transformada em um pesadelo*** (R 66).

Sem mais me deter nos sentidos atribuídos às “portas que se abrem” para os aprendizes de inglês – uma vez que venho, ao longo deste trabalho, os descrevendo –, passo a apresentar algumas possibilidades de discussão acerca de sua face oposta: “as portas que se fecham” para os sujeitos não-aprendizes do idioma.

Quando se diz que há um conjunto de pessoas as quais têm domínio da língua inglesa, compreende-se que sua existência só é possível face à existência de outro conjunto no qual se agrupam aqueles a quem o universo da língua inglesa não está disponível. Como afirma o candidato na R 67, ***segundo pesquisas do Instituto Data Popular, [...] menos de 3% do Brasil tem o domínio da língua inglesa***. Ou seja, enquanto alguns jovens irão usufruir de ***oportunidades de estudo no exterior***, e ao passo que alguns trabalhadores irão atuar em ***empresas que exigem a fluência em inglês*** (R 68), incluindo-se nesse universo dito de prestígio, tantos outros jovens e trabalhadores ficarão a sua margem, em um processo excludente, o qual passa a ***limitar suas possibilidades de sucesso*** (R 67).

Como consequência, não saber o idioma implicaria na perda de oportunidades de trabalho oferecidas pelo mercado, como, por exemplo, quando os candidatos falam que ***é necessário saber inglês com fluência para desfrutar de altos salários e bons lugares para viver em Dubai*** (R 51), trabalhando em empresas que exigem como único requisito saber inglês, e por isso, ganham cursos, viagens, hospedagem (R 51).

Ao afirmar que a aprendizagem e a não-aprendizagem da língua inglesa demarcam a posição dos sujeitos dentro de uma sociedade, segregando de um lado o conjunto de pessoas as quais têm compreensão da língua inglesa, e do outro agrupando todos aqueles a quem o universo da língua inglesa é negado, fala-se de inclusão e exclusão. Apoiada em Loureiro e Lopes (2015), refiro-me, aqui, à inclusão de forma ampla, significando a inclusão de qualquer natureza, seja ela a inclusão econômica, digital, por deficiência ou por raça/etnia. Dessa forma, é importante pensar e problematizar as formas como as práticas inclusivas são operadas, pois “[...] se entende que a inclusão é uma invenção da Modernidade e, como tal, está constantemente sendo modificada, atualizada e resignificada”. (LOUREIRO; LOPES, 2011, p. 330).

Dessa forma, a enunciação que intitula esta seção – ***As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem*** –, possibilita a compreensão de que não é uma coisa boa não fazer parte desse universo em que o idioma é requerido. É necessário que os indivíduos evitem se deparar com as situações de desvantagem. Para não correr o risco de terem as portas do mundo fechadas a eles, é preciso aprender inglês. Assim, o sujeito terá sua inclusão feita no mundo de sucesso o qual tanto objetiva. É nesse sentido que as discussões que seguem situam a inclusão como uma técnica de governamento.

No texto *Políticas de Inclusão e Governamentalidade*, Maura Corcini Lopes (2009), compreende que a educação, em sentido amplo, torna-se condição para que as pessoas possam operar com a lógica da inclusão em todas suas ações. Com base nos últimos cursos de Michel Foucault no *Collège de France*, Lopes (2009) sustenta o argumento de que a inclusão e a exclusão são constituídas também no jogo econômico de um Estado neoliberal. Para que o jogo neoliberal funcione, segundo a autora, é preciso que o sujeito assuma a responsabilidade de fazer investimentos constantes em si mesmo, de se comportar como um aprendiz permanente e de entender a sua vida como um empreendimento constante. Quando o candidato afirma que ***As pessoas que não sabem inglês estão em desvantagem em relação às que sabem***, refere-se às condições de emprego que estão em jogo, sendo indispensável ao sujeito investir no aprendizado da língua para conquistar cargos altos, em grandes e importantes empresas.

Loureiro e Lopes (2015) explicam que, na lógica do neoliberalismo, a ênfase das escolas pende para o ensino de outras formas de comportamentos, dentre elas as formas de *conceber a si mesmo*, as formas de *ser*, de *se relacionar*, de *se comunicar*, de consumir, de competir e de interagir. Dessa forma, a capacidade do sujeito de se manter em contínuo processo de aprendizagem é um dos principais motores para que esses comportamentos se desenvolvam, por dois motivos:

Primeiro, para que os sujeitos aprendam a fazer investimentos em si mesmos e com isso aumentarem as suas condições de empregabilidade. Segundo, espera-se que, assumindo tal responsabilidade, o sujeito também se torne responsável pela condução das suas condutas e dos outros, desonerando, ou pelo menos minimizando paulatinamente, o Estado de determinadas obrigações para com a população. (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 334).

A partir do Estado neoliberal, espera-se que o sujeito se sinta responsável por todas essas condições de empregabilidade e outras mais, como a qualidade de vida e o sucesso. Dessa forma, a Língua Inglesa, no caso deste estudo, torna-se um objetivo claro aos sujeitos que participam dessa sociedade, no sentido de que consideram o investimento na aprendizagem de inglês como uma forma de construir uma carreira e de se tornar mais competitivo no trabalho, tal como expõem os dizeres ***No Brasil, muitas empresas multinacionais exigem o inglês para cargos altos e Tem se tornado cada vez mais comum nos anúncios de emprego: “inglês é necessário”.***

Na contemporaneidade, encontramos com facilidade exemplos de indivíduos que buscam sua capacitação, formação educacional e profissional como **elemento estratégico para participarem do mercado competitivo**. É devido à educação ser uma constante necessária que a busca pelo capital humano é compreendida como uma modalidade de governamentalidade. Essa forma de governamentalidade, que, segundo Gadelha (2009b, p. 178), é engendrada pelo novo espírito do capitalismo, tem como princípio central a busca estratégica das atividades e dos comportamentos dos indivíduos, ao mesmo tempo em que busca “programá-los e controlá-los em suas formas de agir, sentir, pensar e de se situar diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem”.

É nesse sentido que, a partir da Teoria do Capital Humano, determinados valores do campo da economia “disseminam-se socialmente e instituem processos e políticas de

subjetivação que transformam sujeitos de direitos em indivíduos microempresas [...]” (GADELHA, 2009b, p.172). O que antes eram diretrizes para gerenciar empresas de forma a competir efetivamente no mercado – tais como novas tecnologias gerenciais no campo da administração, práticas e saberes psicológicos voltados à dinâmica e à gestão de grupos e das organizações, propaganda, publicidade, marketing, *branding*, e literatura de autoajuda – transformam-se em princípios normativos de toda a sociedade. Assim, afirma Gadelha (Ibid.), os princípios econômicos que antes orientavam as empresas passam a fazer parte do “manual de como sobreviver na sociedade”. Uma das consequências dessas transformações, por exemplo, é a forma como os indivíduos absorvem, em suas relações interpessoais, a característica de concorrência.

Nesse sentido, reforço que em enunciações já mencionadas, tais como ***você deve estar preparado para enfrentar qualquer disputa ao longo do caminho***, o candidato expressa uma preocupação constante enfrentada pelos sujeitos contemporâneos, que é buscar sua capacitação, formação educacional e profissional como elemento estratégico, sem a qual não estariam aptos a competir em um mercado de trabalho regido pela dinâmica competitiva.

Na aula de 14 de fevereiro de 1979, no curso dado no *Collège de France*, Michel Foucault (2008b) explica que o princípio regulador no mercado em que pensam os neoliberais não é tanto a troca das mercadorias, e sim os mecanismos de concorrência. Nas palavras do filósofo, os mesmos devem ter o máximo de superfície e de espessura possível, e ocupar o maior volume possível na sociedade. “Vale dizer que o que se procura obter não é uma sociedade submetida ao efeito-mercadoria, é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial.” (FOUCAULT, 2008b, p. 201). Ao avaliar o “deslocamento conceitual-valorativo” operado pela Escola de Chicago, por meio do qual o investimento é acentuado em detrimento do consumo, Foucault alerta, ainda, para o papel de regulação social ocupado pelo mercado:

Ora, em relação a essa sociedade que se tornou, portanto, agora, o próprio objeto da intervenção governamental, da prática governamental, o que o governo sociológico quer fazer? Ele quer fazer, é claro, que o mercado seja possível. (FOUCAULT, 2008b, p. 201).

Se o mercado era antes, por excelência, lugar de massa ou de consumo, ele transmuta-se em espaço para investimento. Daí sua excelência para uma nova racionalidade política cuja essência seja a instituição de uma dinâmica concorrencial. Em uma lógica onde os indivíduos se sentem constantemente na obrigação de assumir riscos e a se responsabilizarem sozinhos por eles mesmos, veem-se inseguros em um mercado que oferece cada vez mais números altos de desemprego, ao mesmo tempo em que criam situações de rivalidade com todos a sua volta. Guiados por processos e políticas de subjetivação, os indivíduos estão cada vez menos capazes de se desvencilhar de tais valores apregoados pelo mercado. Tendo o mercado como princípio normativo, resta ao Estado estar constantemente ativo na lógica neoliberal, estimulando, ao mesmo tempo a participação da sociedade.

Discutindo a racionalidade política da arte de governar neoliberal, a partir de Foucault, sobretudo das obras *Segurança, território, população* e *Nascimento da Biopolítica*, Márcio Fonseca (2007) lembra que a economia de mercado funcionará como um princípio de inteligibilidade das relações sociais e dos comportamentos individuais. No entanto, não apenas a sociedade e os comportamentos individuais são governamentalizados economicamente, mas também o próprio Estado sofre a ação desse processo, pois,

enquanto no liberalismo clássico pedia-se ao governo para respeitar a forma de mercado, no neoliberalismo, o mercado não é apenas um princípio de autolimitação do governo, mais do que isto, é um princípio normativo que se invoca constantemente diante dele (FONSECA, 2007, p. 160).

Longe de tornar supérflua a necessidade de um governo, o mercado antes o convida a atuar como seu árbitro. Um governo é essencial para a determinação das 'regras do jogo' e para pô-las em vigor, uma vez que o mercado reduz sensivelmente o número de questões a serem decididas por meios políticos, minimizando a extensão em que o governo tem de participar diretamente do jogo (FRIEDMAN, 1984). Aos indivíduos, por outro lado, é oferecida uma vasta gama de opções, às quais eles respondem tornando-se responsáveis por suas conquistas e fracassos. Alguns excertos que ecoam essa noção são os seguintes:

*Educar tornou-se um constante desafio nas vidas dos professores, pois eles devem se atualizar constantemente. (R 21)*

*O mundo e a humanidade são difíceis, portanto, a educação hoje deve ser mais difícil, não de forma incorreta, mas de uma maneira que permita às pessoas perseguir sua melhor versão [...] (R 22)*

*Ter o emprego dos seus sonhos em uma grande empresa também dependerá de quão competente você está falando inglês. [...] **Seja um trabalhador dedicado e adicione inglês à sua vida, as chances são: você estará um passo mais perto do sucesso!** (R 68)*

Os excertos apontam para a responsabilização do sujeito, pois, de acordo com os candidatos, são *os professores* que devem se atualizar constantemente e é *cada indivíduo* que deverá perseguir (individualmente) sua melhor versão. Da mesma forma que se atualizar constantemente é uma maneira de permanecer atrativo para o mercado, é uma necessidade não se deixar excluir do universo de possibilidades que se abrem por meio da LI. Ou seja, se você quer sucesso, deve investir no inglês e trabalhar duro para isso! Ao dizer que “ser competente em inglês define se você terá o emprego dos sonhos”, o sujeito toma a responsabilidade para si, em uma composição de sentidos que lhe mostra que cabe a ele optar por fazer a escolha certa e tornar-se bem-sucedido, ou fazer a escolha errada e arcar com as consequências do fracasso.

Outra característica intrínseca à racionalidade política e econômica da lógica neoliberal é a necessidade de incluir a *todos* na construção de “uma sociedade regida pela concorrência e que tem o mercado como única forma social válida [...]” (LOUREIRO; LOPES, 2015, p. 331-332). Na obra *Políticas de in/exclusión de las personas con discapacidad*, Adriana Thoma e Graciele Kraemer (2017) analisam os discursos presentes em documentos que tratam de questões educacionais relacionadas à deficiência no Brasil. Por meio da apresentação de ações, políticas, planos e legislações referentes aos direitos educacionais dirigidos a essa população, as autoras destacam três formas de inclusão ao longo dos anos, sendo elas: inclusão como reclusão, inclusão como integração e inclusão como direito e imperativo do Estado.

Ao discutir a inclusão, as autoras não pretendem fazer juízo de valores, e sim “desnaturalizar alguns conceitos que são entendidos como se estivessem sempre lá, mostrando como eles estavam sendo montados e desmontados para pensar em outras formas de ver e se relacionar com a diferença.” (THOMA, KRAEMER, 2017, p. 20, tradução nossa)<sup>30</sup>. A partir das políticas que colocam a inclusão nas escolas como direito, por exemplo, o Estado passa a apresentar a diversidade como elemento indispensável na convivência social e nos processos de aprendizagem, convidando a esses espaços um público que a eles tinha acesso restrito.

A instituição escolar, a qual se vê com o papel de instrumentalizar os alunos para o mercado de trabalho, torna-se um local obrigatório por onde *todos* devem passar, incluindo a *todos* nos jogos do mercado, fazendo com que *todos* possam fazer parte das complexas redes de produção e consumo. Segundo as autoras, é na inclusão como imperativo que o Estado convoca aqueles que antes não eram considerados adequados para seu objetivo econômico. Tem-se a intenção de formar sujeitos aprendentes por toda a vida, inovadores, responsáveis pelo seu progresso individual, flexíveis e produtivos. O que propõem as autoras é que

A inclusão como estratégia governamental articula uma série de procedimentos, cálculos estatísticos e conhecimentos voltados para a organização social e o exercício do poder sobre a vida das pessoas. A inclusão não é, portanto, nem boa nem má, mas é necessária para por em movimento o tipo de sociedade em que vivemos. (THOMA, KRAEMER, 2017, p. 20, tradução nossa)<sup>31</sup>.

Em outras palavras, tais políticas buscam formar sujeitos que se adequem à maneira pela qual a vida contemporânea foi projetada e, que correspondam à lógica do mercado, sendo, portanto, empreendedores de si mesmos. Assim, o Estado está cada vez mais onipresente, articulado-se às relações de mercado, sendo investidor em políticas que frisam a importância do empresariamento de si, incentivador de políticas sociais de assistência,

---

<sup>30</sup> Original em espanhol: “desnaturalizar algunos conceptos que se entienden como si estuvieran siempre ahí, mostrando cómo estaban siendo montados y desmontados con el fin de pensar otras formas de ver y relacionarse con la diferencia.”

<sup>31</sup> Original em espanhol: La inclusión como estrategia de gobierno articula una serie de procedimientos, cálculos estadísticos y conocimientos dirigidos a la organización social y el ejercicio del poder sobre la vida de las personas. La inclusión no es, por lo tanto, ni buena ni mala, pero si necesaria para poner en marcha el tipo de sociedad en la que vivimos.

educacionais e inclusivas e mais voltado para o *Homo Oeconomicus* (LOPES, 2009). O neoliberalismo, como forma de vida do presente, institui normas que posicionam os sujeitos dentro de uma rede de saberes que criam e conservam o interesse de cada um para que se mantenha constantemente atrativo para o mercado.

Se por meio de práticas e regras implícitas somos conduzidos a entrar e nos mantermos no jogo econômico do neoliberalismo, este estudo apresenta uma série de evidências que apontam para a Língua Inglesa como uma dessas regras que auxiliam na regulação do mercado, convidando a todos para fazer parte desse jogo, e, ao mesmo tempo, criando suas próprias formas de in/exclusão.

Enunciações como ***Se você souber falar inglês, você estará anos à frente dos outros*** (R 65) mostram a vontade de participar em um jogo de mercado que seleciona apenas alguns. Além de enfatizar a possibilidade de concorrência, esse dizer evidencia desejo pela mudança, de possuir algo que antes não se possuía, como uma posição que o sujeito alcançará após aprender a língua inglesa, pois, como vimos, o sujeito moderno se sente em necessidade constante de movimentar-se, de querer sempre mais.

Ao projetar a Língua Inglesa como uma senha de acesso às empresas de ponta e às organizações flexíveis, cujo perfil de empregado é o indivíduo capaz de aprender novas capacitações, e que seja inovador, dinâmico e pró-ativo, os candidatos legitimam o idioma como um dos atributos de capital humano que servirão como uma forma de selecionar “talentos” em potencial para a instituição. No livro “A cultura do novo capitalismo”, Richard Sennet (2008) afirma que as empresas testam e avaliam os empregados para que sejam admitidos, ou, em muitas vezes, recompensados pelos seus talentos. No entanto, os mesmos testes e avaliações servem também de forma mais decisiva, para que o fracasso seja atestado e, portanto, legitimado. Nas palavras do autor:

Na sociedade moderna, especialmente em instituições dinâmicas, a busca do talento efetivamente funciona num contexto de inclusão social. Os mesmos testes, avaliações e datas importantes que recompensam os melhores servem de base para descartar outros, abaixo deste nível de elite. [...] As burocracias costumam tentar legitimar a dispensa de camadas ou categorias de empregados alegando que permanecem apenas os mais capazes. (SENNET, 2008, p. 106).

Nesse caso, os mais capazes seriam aqueles que se comportam como verdadeiros empreendedores de si e acompanham as necessidades formuladas pela sociedade, como estar conectado, saber fazer duas ou mais atribuições ao mesmo tempo, sendo flexível, dinâmico, movente, empreendedor (LORENZI, 2014). Em suma, o fantasma material da inutilidade de que fala o autor revela um pesado drama cultural. Como tornar-se importante e útil aos olhos dos outros?

A partir da análise empreendida neste trabalho, pôde-se constatar que o inglês opera, nos dias atuais, de economia globalizada, amparado em um discurso econômico de investimento, em uma lógica em que os falantes de inglês são colocados em posições hierárquicas superiores aos que não se instrumentalizam na língua, estabelecendo relações de poder sustentadas, sobretudo, pela lógica capitalista de competição entre sujeitos. Isso significa que, movidos por sentimentos de concorrência, os indivíduos são guiados na busca pelo sucesso e pela sobreposição aos demais. Tais desejos podem ser atingidos pela língua inglesa e o que ela oferece como produto de seu conhecimento: o sucesso, o dinheiro e a dominação (PARMA, 2013). Dessa relação, depreende-se a noção de que os sujeitos, guiados pelo sistema capitalista – esse constituído pela noção do “dever profissional” – são movidos pela necessidade sempre crescente do lucro e do sucesso. Santos (2009, p. 52), ao analisar esse movimento, afirma que podemos pensar que

se o trabalho incessante passou a ser uma necessidade dos homens, então o estudo de línguas, por exemplo, não seria um objetivo intelectual, parte do projeto do homem culto e distinto [...], mas sim, uma parte da árdua tarefa de ganhar sempre mais.

Formulações como ***conhecer e até mesmo dominar uma segunda língua faz com que tanto o desempenho na escola quanto no mercado de trabalho cresça*** (R 03) corroboram com os motivos descritos pelos candidatos para aprender a LI como um meio de se obter o emprego desejado. Fazendo deslizar os sentidos, poderíamos entender que, ao mesmo tempo em que inclui os trabalhadores falantes de inglês no competitivo mercado de trabalho, mostra que seria quase impossível para os trabalhadores não falantes da LI o acesso a um futuro com oportunidades de trabalho, visto que ***falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não*** (R 01).

Os excertos demonstram que é preciso saber inglês para tomar o lugar que o *outro* não pode ocupar porque não possui conhecimento do idioma, gerando a exclusão daqueles que não o falam. Assim, o grupo de trabalhadores que não se dispuser a aprender a língua inglesa estará fadado a manter-se à margem do mercado de trabalho, “pois não há chance de ascensão, dentro do sistema capitalista, para aqueles que não se submetem às suas regras” (SANTOS, 2009, p.61). Dessa forma, aprender a ***língua oficial nos negócios em todo o planeta*** (R 01) seria uma das regras que atuam em nosso sistema capitalista contemporâneo.

É possível reconhecer em nossa sociedade o sucesso profissional e a ascensão financeira alinhados com um discurso capitalista da globalização e do trabalho. O grupo de trabalhadores que não possui tal predicado estará, no entanto, à margem do mercado de trabalho, cabendo a esse grupo de excluídos os empregos menos importantes, em empresas igualmente menores. Isso significa dizer que no mundo do trabalho da era globalizada, uma das regras ditadas é a de que o sujeito deve dominar a LI.

Assim, a inclusão nesse grupo “privilegiado” de quem fala inglês implica na existência de exclusão por aqueles que não buscaram a oportunidade de aprendê-lo. A “boa” oportunidade de emprego, como referida em algumas redações, está condicionada ao recrutamento de trabalhadores sob o único requisito de falar inglês com fluência. Fazendo uma leitura do que aqui não está dito, resta interpretar que os maus empregos são aqueles que não exigem o conhecimento do idioma. Ou seja, entende-se que os empregos obtidos sem o requisito de conhecer inglês serão empregos de má qualidade.

A predicação “altos” para qualificar os substantivos salários e cargos, por seu turno, também recorrentes no material empírico, movimenta os sentidos na direção de empregos economicamente melhores do que aqueles obtidos por quem não fala a língua inglesa. Caberão, a este grupo, os empregos com remuneração menor, em cargos igualmente menores.

Poderíamos perguntar, então: Que emprego é esse que o sujeito deixará de conseguir se não souber falar inglês? Bem, explico: um imaginário de emprego onde as forças do imperativo da globalização atuam. Aquele da grande multinacional, do “mundo acelerado”, da “concorrência”, do “aprender continuamente”. Como diz o candidato da redação 60, “muitos são os benefícios que envolvem o indivíduo que domina outras línguas”.

Dentre esses benefícios, destaco a recorrência com que aparece a associação entre *saber a LI e obter o emprego desejado*, sendo essa relação sempre embasada pelo pano de fundo *globalização e avanço dos meios de comunicação e informação*.

É nesse sentido que descrevo a aprendizagem da língua inglesa como um imperativo, pois essa língua se destaca como uma ferramenta que age em consonância com o “mundo de hoje”, ao qual o sujeito precisa se *adaptar para sobreviver*. Alinhada com a lógica de concorrência neoliberal, a LI permite, de acordo com o material analisado, que o indivíduo esteja em posição de vantagem em situações de emprego. Dadas essas características e o universo da Língua Inglesa descrito neste trabalho, no próximo capítulo apresento um breve relato sobre uma experiência recente envolvendo o uso de inglês e algumas reflexões sobre o desenvolvimento da dissertação com o objetivo de tentar responder às perguntas que me guiaram nesta escrita.

## 5 CAPÍTULO FINAL: TECENDO CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Em 29 de agosto deste ano, embarquei em uma viagem à Europa, mais precisamente à Grécia. Uma *oportunidade* ímpar: enquanto servidora da UFRGS, fui selecionada para participar de um programa de mobilidade com a *University of the Aegean*. Escrevo sobre essa experiência, pois ela ocorreu no período de conclusão deste trabalho, fazendo-me refletir, mais uma vez, sobre como as oportunidades que busco pessoal e profissionalmente, e também enquanto pesquisadora, são atravessadas pela possibilidade de falar inglês.

Como menciono na parte inicial deste estudo, meus primeiros empregos deram-se em escolas de idiomas, um caminho que me foi apresentado enquanto ainda cursava bacharelado em Letras, com habilitação em Tradução. Como muitos colegas do curso, eu tentara me inserir nesse mercado, procurando, sem sucesso, um estágio em editoras, em empresas e em agências especializadas em tradução. Então, apesar de não cursar licenciatura, o aquecido mercado dos cursos de idiomas mostrou-se um caminho atrativo: além de ser seguro, pois os cursos recrutam profissionais frequentemente, é também uma forma desafiadora de experimentar a utilização da língua inglesa como ferramenta de trabalho.

Adquirindo muito carinho pelo ensino, e realização pessoal com essa atividade, fui mais uma vez surpreendida pela possibilidade de ministrar inglês para uma turma de servidores da UFRGS quando fui aprovada em um concurso público que me habilitou a ingressar como técnica-administrativa na instituição. Outra coincidência foi quando um aluno dessa turma me indicou para avaliar redações escritas na língua inglesa para uma instituição de ensino que seleciona profissionais para ministrarem as turmas de idiomas oferecidas.

Nos três casos que selecionei para narrar, além de outros que por ventura contarei em outros momentos, compreendo que saber a língua inglesa foi um determinante para que eu aproveitasse situações que considero *oportunas*. Para mencionar um exemplo, houve colegas, que também souberam da possibilidade de realizar a viagem à Grécia e não se submeteram à vaga porque não sabiam falar inglês. Enquanto viajava, pude vivenciar diversas situações em que o inglês era imprescindível: para transporte, para alimentação, para hospedagem, para pedir informações, para compreender sinalizações, e, sobretudo,

para o que esse intercâmbio tinha como principal objetivo: a troca de experiências entre os membros das universidades e a enriquecedora aprendizagem mútua sobre seus países e culturas. Além disso, desconhecer o alfabeto daquele país me colocava *literalmente* diante do desafio de ler o mundo ao meu redor em grego. Isso me dava a impressão de que o inglês era a minha língua materna, ou, pelo menos, nela encontrei um conforto, uma tranquilidade. Essa rápida experiência me motivou, então, a escrever esse relato como encerramento desta dissertação.

Com a compreensão de que, assim como são geradas as “verdades” encontradas pelos estudos investigativos, entendo que também os resultados a que chegamos são fabricados, e que os mesmos jamais poderão ser conclusivos. Dessa forma, os caminhos que me conduziram foram marcados por experiências como essas, as quais, por sua vez, contribuíram para que eu enxergasse nas redações que analisei os resultados encontrados neste estudo. Ao longo deste capítulo, pretendo retomar algumas ideias centrais que embasaram esta dissertação e que foram importantes para movimentar a sua escrita, descrevendo os achados da pesquisa e relatando minha experiência enquanto mestrande no Programa de Pós-Graduação em Educação.

No primeiro capítulo deste trabalho, realizei uma apresentação inicial sobre o assunto que seria abordado na dissertação e direcionei algumas das discussões que pretendia alcançar. Com o título *Senso de oportunidade: como chegar lá*, busquei problematizar a questão de como se constitui uma “oportunidade”, antecipando também o questionamento sobre os objetivos que são traçados ao longo da vida: *chegar lá aonde? Aonde preciso chegar? Por que preciso chegar a algum lugar? E ainda, Não posso ficar parado?*

Propositalmente, iniciei este capítulo falando sobre a *oportunidade* de viajar a trabalho para a Grécia. Quando, pela primeira vez, li o edital publicado pelo departamento de Relações Internacionais, o meu *senso de oportunidade* alarmava: *conhecer pessoas, viajar, aprender sobre novas culturas, acrescentar essa experiência ao meu Currículo Lattes, contar aos amigos, estabelecer novas parcerias, publicar artigos, escrever sobre essa experiência para o jornal da universidade, fazer novos contatos...* Esses anseios, como discuti no quarto capítulo da dissertação, são característicos de uma sociedade permeada pelo que

Zygmunt Bauman (2001) denominou de *modernidade líquida*, e que retomo na escrita deste capítulo.

Quando me candidatei ao programa de mobilidade, não tive a preocupação de comprovar a proficiência em língua inglesa. A dissertação, porém, me faz refletir sobre os conflitos que a falta de fluência no idioma pode gerar. A responsabilização individual do sujeito, por exemplo, foi um dos pontos encontrados nas redações. O dizer ***[é preciso saber inglês para] realizar sonhos e ter uma vida melhor*** (R 67) demonstra uma preocupação latente nas redações em procurar constantemente por novas possibilidades. Do mesmo modo, entende-se que é o sujeito quem deve lançar mão de esforços para adquirir uma qualidade melhor de vida, a qual se mostra disponível a partir dos investimentos em educação. Outro dizer que mostra essa relação é o seguinte: ***[...] sempre podemos ir mais longe para aprender algo para a nossa carreira ou para o nosso próprio crescimento pessoal [...]***.

Autores como Richard Sennett (2008) e Saraiva e Veiga-Neto (2009) apontam que mudanças contemporâneas advindas da passagem do capitalismo social para o capitalismo cognitivo foram determinantes para compor o que hoje se tem como o perfil do trabalhador desejado nas grandes corporações: flexível, inventivo, com senso de oportunidade, e em constante movimento. O que antes era acesso à educação se transformou em “capacitação” para o trabalho ultracompetitivo do dia a dia. Assim, passamos a administrar nossas próprias vidas a partir da lógica da empresa na busca de lucros. Tudo faz parte do bom desempenho dessa “empresa” nova que só é competitiva se apresenta uma alta dose de “capital humano”, isto é, conhecimentos e habilidades de “ganhadores”. Isso significa dizer que essas mudanças trouxeram consigo um novo estilo de vida, com valores que orientam o indivíduo a entender-se como um empreendimento e, com isso, a alterar sua rotina de trabalho, sua carreira, suas relações pessoais, em todos os âmbitos de sua vida.

Intitulado *Aprender a Língua Inglesa: um imperativo para o sujeito empreendedor de si*, este trabalho teve, portanto, o objetivo de examinar sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa na contemporaneidade, a partir de redações de candidatos à vaga de docente de inglês em uma instituição de ensino profissionalizante no Rio Grande do Sul. Foi na esteira de Michel Foucault, compreendendo o discurso como um fenômeno que modela os sujeitos e constitui o universo de que fala, que o trabalho dedicou-se à análise do discurso

a partir de três perguntas centrais, sendo a primeira delas a seguinte: a) Quais enunciações estão presentes nas redações dos candidatos à docência em inglês relacionadas à importância da aprendizagem dessa língua?

Associo tal questão à discussão que o trabalho realiza acerca das “portas” que a língua inglesa promete abrir àqueles que se dedicam a aprendê-la. Assim, o enunciado “O inglês abre portas”, presente em diversas redações, e também nos materiais publicitários apresentados no capítulo II, soa como um enunciado guarda-chuva, o qual contempla um conjunto de enunciações que falam sobre a Língua Inglesa como a ferramenta necessária para viajar, fazer negócios, obter um emprego e condições diferenciadas de estudos, conhecer outras culturas e agir no dia a dia, dentre outros. Tais benefícios atribuídos ao idioma encontram-se em enunciações tais como as seguintes: “É importante aprender inglês porque é o idioma mais falado em todo o mundo” (R 02); “O inglês é importante para o futuro e para as oportunidades de trabalho” (R 02); “Os negócios e tratados com outros países são efetivados com o inglês como idioma padrão” (R 60); “As maiores razões de escolher o inglês são: qualificação educacional, conhecer outras culturas e viajar” (R 60); “O inglês não é apenas importante para os negócios, também é necessário para a comunicação”(R 66); “Todo mundo quer aquela viagem dos sonhos, Paris, EUA, Londres ou qualquer outro lugar, e para ir para o exterior, o inglês é muito necessário”(R 66); e “Muitos artigos, estudos e ajuda profissional podem ser encontrados na Internet, usando o inglês como língua comum para obter essas informações” (R 68).

O agrupamento de enunciações acima, já discutidas ao longo do trabalho, tem o objetivo de demonstrar alguns dos benefícios apontados pelos candidatos para os sujeitos falantes de inglês. Os mesmos servem de embasamento para que afirmações como “O inglês abre portas para o mundo”, sejam realizadas, atribuindo ao idioma o *status* de obrigatoriedade em nossa sociedade. Apesar de a educação ser uma “escada” para a obtenção de um emprego, ou para ir para a universidade, para viajar, para conhecer outras culturas, etc., ainda se vê, a partir das escritas dos candidatos, que não basta ser qualquer educação, mas sim aquela que vai destacar-se na obtenção do sucesso profissional e pessoal. Dessa forma, o trabalho deu sequência às questões centrais com a seguinte pergunta: b) São evidenciadas, nessas enunciações, marcas que associam a Língua Inglesa com o sucesso pessoal e profissional? Quais?

Em um primeiro momento, para responder a tal pergunta, foi necessário problematizar a noção de sucesso, demonstrando que os candidatos procuram na aprendizagem da língua inglesa uma forma de se manterem qualificados em um mundo que descarta tudo aquilo que é de ontem, agindo, portanto, sob o constante imperativo de investir em sua educação. Assim, buscam na língua inglesa o conhecimento necessário, que é aquele que levará o indivíduo a se diferenciar e estar pronto para enfrentar qualquer disputa, como evidenciado nas seguintes enunciações referentes à realização profissional: "No Brasil, muitas empresas multinacionais exigem o inglês para cargos altos" (R 51); "Tem se tornado cada vez mais comum nos anúncios de emprego: inglês é necessário" (R 51); "Os profissionais que sabem inglês têm salários maiores e maiores oportunidades" (R 67).

Em relação à realização pessoal, destacaram-se enunciações como: "Você precisa do inglês para fazer aquela viagem inesquecível" (R 66) e "O inglês é importante para obter uma bolsa de estudos no exterior e ter o emprego dos sonhos" (R 68). De modo geral, acredito que a aprendizagem da língua inglesa como sinônimo de sucesso, nas palavras dos candidatos, possa ser sintetizada, ainda, nos seguintes dizeres: "O inglês é um passaporte para realizar sonhos e ter uma vida melhor" (R 67); "Para ampliar as oportunidades e pensar grande, o inglês é essencial hoje em dia" (R 51).

Assim, a análise evidenciou que os professores de inglês indubitavelmente enxergam o idioma como uma ponte que dá acesso ao mundo dos executivos de grandes empresas, que ganham altas quantias de dinheiro, que viajam e têm sucesso e acesso a tudo o que precisam. De acordo com López-Ruiz (2009) a primeira preocupação dos profissionais nas grandes corporações é o desenvolvimento da carreira pessoal. Ao problematizar o que seria o sucesso, o estudo demonstrou que ele só pode ser alcançado por aqueles que nunca param de se mover, pois seus objetivos estão sempre um passo à frente.

Em um mundo em que tudo é flexível e descartável, não há tempo para perder fazendo-se um trabalho com zelo e perícia, como demonstra Sennett (2008)<sup>32</sup>. Ao contrário, é preciso dispor de várias competências (mesmo que superficialmente) para dar conta de três ou quatro tarefas ao mesmo tempo. Aí se explica dizer por que algumas pessoas são

---

<sup>32</sup> Sennett (2008) explora, na obra *A cultura do novo capitalismo*, as nuances do trabalho, que antes era regido pela perícia – entendida como arte de autocrítica – sendo hoje substituída pela meritocracia, ou seja, pela aptidão de um talento em potencial adquirido por meio de investimentos do indivíduo em seu capital humano.

consideradas aptas para um trabalho e outras não, provocando uma ambivalência entre os sujeitos “capacitados” (produtivos, portanto, *úteis*) e “incapacitados” (improdutivos, portanto, *inúteis*). Nesse sentido, a discussão do trabalho convergiu para que se refletisse sobre sua terceira questão: c) Pode-se visualizar nas redações dos candidatos atributos que associam a aprendizagem da língua inglesa a um investimento? Se sim, que investimento seria esse?

Nesse ponto, também foi possível trazer as experiências da viagem à Grécia como reflexão para esta conclusão. Apaixonada por aprender idiomas – na época da faculdade cursei as disciplinas do primeiro e do segundo semestre de Alemão e Francês Instrumental, além de estudar espanhol por conta própria sempre que possível –, fiquei fascinada pela língua, pela cultura, pela história da Grécia. Fiquei eufórica com a ideia de aprender o idioma! A realidade dessa ideia quando voltei ao Brasil, no entanto, não foi a mesma. Apesar de ter expectativas de retornar àquele país, a minha versão *empresária de mim* me apresentou muitas dúvidas sobre a importância de aprender grego. Afinal, eu me pergunto: *Em que esse idioma seria útil para mim?* Acredito que seja a essa pergunta, ao fim e ao cabo, que os candidatos em análise neste estudo também endereçam suas argumentações. Discorrendo sobre os inúmeros benefícios de aprender inglês, é dessa forma que os professores constroem a representação dessa língua como um investimento indispensável, como no seguinte excerto: "Essas pessoas, que não consideram o inglês importante, logo terão que mudar sua mentalidade e começar a aprender a se adaptar ao novo mundo, caso contrário, estarão fora do mercado." (R 66).

Com a finalidade de produzir sempre mais, o empreendedor de si é movido pela ambição e pelo desejo de sucesso, optando por escolhas cotidianas cada vez mais marcadas por análises de utilidade econômica. Novamente dialogando com Mirandola, como na epígrafe que abre o capítulo inicial desta dissertação, lanço a seguinte pergunta: sabemos, afinal, apreciar as pequenas coisas da vida? Nuccio Ordine (2016) auxilia nessa reflexão:

No mundo em que vivemos, dominado pelo *homo œconomicus*, certamente não é fácil compreender a utilidade do inútil e a inutilidade do útil (quantas mercadorias desnecessárias são consideradas úteis e indispensáveis?). Dói ver os seres humanos, que ignoram a desertificação crescente que sufoca o espírito, consagrarem-se exclusivamente a acumular dinheiro e poder. Dói ver triunfarem, nas redes de televisão e na mídia, as novas representações

do sucesso, encarnadas no empresário que consegue criar um império blefando ou no político impune que humilha um parlamento fazendo votar leis de interesse pessoal. Dói ver homens e mulheres ocupados numa corrida louca em direção à terra prometida do lucro fácil, enquanto tudo que está ao seu redor – a natureza, os objetos, os outros seres humanos – não lhes suscita interesse algum. (ORDINE, 2016, p. 117 - 118).

O que se vê é que os sujeitos alinhados a propostas de análises econômicas em variados âmbitos da vida se enredam em uma grande rede discursiva, a qual lhes propõe pensar na utilidade de cada passo que irão tomar para o crescimento das empresas que constituem individualmente (LORENZI, 2017). Nesse sentido, foi possível verificar, por meio do estudo empreendido, que a LI se mostra como uma ferramenta que torna o aprendiz mais útil, pois o qualifica como mais produtivo e mais em harmonia com as características exigidas pela nossa sociedade: mais movente, mais conectado, mais atrativo, mais inovador, mais online, mais informado, mais desenvolvido em habilidades étnico e culturais, mais global, mais aberto a novas culturas, mais flexível. Dessa forma, saber a língua inglesa possibilita ao sujeito empreendedor *encontrar suas melhores oportunidades*.

Como apontado pelo trabalho, a responsabilidade de buscar pelas melhores oportunidades, na empreitada rumo ao tão esperado sucesso, recai sobre o indivíduo. Em tempos onde o Estado-Nação não mais tenta eliminar as ambiguidades, de definir o que é certo e errado, amigo ou inimigo, vizinho ou estranho, as escolhas e decisões passam a ser enfrentadas individualmente, no âmbito privado. Potencializadas pela sociedade de consumo, as ambivalências, os erros e acertos são colocados nos ombros de cada indivíduo. Existe um deslocamento do controle social, anteriormente exercido pelo Estado, mas que agora se encontra mediado pelo mercado, dando espaço para que o discurso neoliberal se legitime como um guia das ações individuais. Como consequência da privatização da ambivalência, a individualização leva a um número cada vez maior de homens e mulheres a uma liberdade sem precedentes para experimentar, mas também uma tarefa sem precedentes para enfrentar as suas consequências (BAUMAN, 2001).

Nesse sentido, discutiu-se a educação enquanto elemento estratégico do capitalismo, que tem como princípio central a regulação das atividades e dos comportamentos dos indivíduos, buscando “programá-los e controlá-los em suas formas de agir, sentir, pensar e de se situar diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem” (GADELHA,

2009b, p.178). É nesse contexto, mostrando-se como a língua-código para que o sujeito usufrua de diversos benefícios, que o imperativo de aprender inglês vem se produzindo em nossa sociedade, inscrevendo os sujeitos que falam inglês em um quadro de posições privilegiadas em relação aos sujeitos que não falam o idioma.

Como apontado no estudo, à época de sua inserção no Brasil, a língua inglesa já era destacada como um idioma importante para o mercado de trabalho. Com o passar dos anos, o idioma tornou-se mais forte, se fazendo presente nas políticas de ensino e, sendo destacada pelos anúncios publicitários das escolas privadas como indispensável para uma série de benefícios. Dessa forma, o trabalho tentou demonstrar que a LI permanece sendo vista como uma língua extremamente relevante, passando a absorver a responsabilidade de lidar com um panorama bastante latente em nossa sociedade: das interlocuções planetárias, da força devastadora do fenômeno da globalização, do apelo por conhecer o que é diferente; da necessidade de acompanhar o que é de amanhã e esquecer o que é de ontem. Enfim, características assumidas pela sociedade pós-moderna, que se mesclam e também atualizam características como o imperativo de que cada pessoa seja sua própria gestora.

Linguistas como Rajagopalan (2003) e Moita-Lopes (2006) apontam que um dos fatores que levam a crer que a LI seja um passaporte de acesso ao mundo globalizado e à ascensão social é o da visão da língua como instrumento único de comunicação, significando, portanto, assumir sua neutralidade. No entanto, a língua não cumpre apenas o papel de meio de comunicação. Nela, ao contrário, estão implícitas maneiras de ser, agir, pensar e ver o mundo. Junto à língua, são transmitidos valores e culturas, o que comprova que a neutralidade não passa de uma tentativa de apagar as diferenças com a idealização de uma “língua universal” (REVUZ 1998).

Assim, tem-se que a globalização reforça a ideia de que a língua “neutra” serve de “instrumento de comunicação” universal, colocando a língua inglesa nesse lugar de “união dos povos”. Como visto junto a excertos das redações, subentende-se certa necessidade de aprender sobre novas culturas, tal como em: ***Não há nada mais natural que, desde a infância, a criança tenha contato com a forma de linguagem do mundo externo, considerando essa aprendizagem que levará ao conhecimento de novas culturas, adquirindo novos valores.*** Acredito que caberia, em um projeto de continuidade deste trabalho, discutir de quais formas a Língua Inglesa é representada nos materiais didáticos

como aquela que tem o papel de “unir os povos”. Considerando, ainda, as crescentes ondas de migrações internacionais e a expansão do turismo mundial, seria interessante pesquisar de forma mais aprofundada os modos como “conhecer a cultura do *outro*” se torna um imperativo na contemporaneidade.

A partir desta dissertação, busquei indagar os regimes de verdade que falam sobre a Língua Inglesa e operam a naturalização de sua concepção como “investimento imprescindível para o mercado de trabalho”, tentando sempre ter em mente o seu caráter “fabricado” (BUJES, 2007, p. 25). Tratava-se mais precisamente de buscar me colocar num outro ponto focal, de assumir outro registro, sair em busca de novas perspectivas. Convicta de que existem muitas possibilidades de olhar para a temática apresentada por esta pesquisa, espero que a investigação produzida possa contribuir para as discussões sobre o ensino/aprendizagem da língua inglesa e suas representações em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Silvano. **A mercadorização do inglês e suas representações por professoras em formação continuada**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ANDRADE, Rita de. **Teoria do Capital Humano e a qualidade da educação nos estados brasileiros**. 2010. 75f. Monografia. (Graduação em Economia) – Faculdade de Ciências econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ARAKI, Ligia Enomoto. **A disciplina Inglês Instrumental no Ensino Superior e as representações de seus professores: um estudo de caso**. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ARAÚJO-SILVA, Gisvaldo Bezerra. **Língua inglesa: um universo imperativo na constituição de sujeitos contemporâneos**. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

BOCASANTA, Daiane Martins. **Dispositivo da tecnocientificidade: a iniciação Científica ao alcance de todos**. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). **Diário Oficial da União**, Brasília, D.F, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005. Revogada pela Medida Provisória nº 746, de 2016. Presidência da República. Casa Civil. **Diário Oficial da União**, Brasília, D. F., 08 ago. 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BREDEMEIER, Maria Luísa Lenhard. **O Português como segunda língua nas escolas da migração alemã**: um estudo do Jornal da associação de professores teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul (1900-1939). Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

BRITISH COUNCIL BRASIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**. São Paulo: [s. n.], 2014. Disponível em: <[https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas\\_de\\_aprendizagempesquisa\\_completa.pdf](https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisa_completa.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2017.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13-34.

CAPUANI, Rafaela Spezzia. **Análise do discurso das políticas para o ensino de inglês: tensões entre público e privado**. 2013. 180 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade da Região De Joinville, 2013.

CARNEIRO, Fernando Henrique Fogaça. **O ensino da matemática para alunos surdos bilíngues**: uma análise a partir das teorizações de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, ano V, n. 08, p. 125-144, mar. 2012.

DAL MORO, Marília Bervian. **O Exame Nacional do Ensino Médio e a constituição do estudante nota 1000**: seja qual for a sua escolha, preste o ENEM! Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

DIAS, Gustavo Ferreira. **Tecnologias digitais na sala de aula: percepções e práticas de professores de língua inglesa de João Pessoa**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EDUCATION FIRST. **Índice de Proficiência em Inglês da EF para Empresas**. São Paulo: Education First, 2016. Disponível em: <<http://www.ef.com.br/epi/reports/epi-c>>. Acesso em 27 ago. 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Luis, v. 8, n.114, p.197-223, 2001.

FONSECA, Márcio A. Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema das artes de governar. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, p.155-163, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978 - 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

GADELHA, Sylvio. Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**, v. 34, p. 171-186, 2009b. [Nome do autor na publicação original: Sylvio de Sousa Gadelha Costa. Alterado em função de cadastro no portal ORCID].

GILENO, Rosângela Sanches da Silveira. O ensino das línguas estrangeiras no Brasil: uma perspectiva histórico-metodológica. In: MONTEIRO, Dirce Charara; NASCENTE, Renata Maria Moschen. (Org.). **Pesquisa, ensino e aprendizagem da Língua Inglesa**: olhares e possibilidades. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p.13-44.

GLOBAL ENGLISH. **Heightened Urgency for Business English in an Increasingly Global Workforce**. Brisbane, USA: Global English, 2013. Disponível em: <[http://static.globalenglish.com/files/case\\_studies/GlobEng\\_BEIreport%202013\\_EN\\_A4\\_FINAL.pdf](http://static.globalenglish.com/files/case_studies/GlobEng_BEIreport%202013_EN_A4_FINAL.pdf)> Acesso em 30 ago. 2017.

HERNANDEZ, Maria Inês de Oliveira. **O discurso de materiais digitais de ensino de inglês para negócios**: conflito de vozes na constituição de subjetividades do sujeito corporativo num mundo globalizado. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Discurso Editorial, 2009.

KLAUS, Viviane. **Desenvolvimento e governamentalidade (neo)liberal**: da administração à gestão educacional. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LEITE, Patrícia Mara de Carvalho Costa. **Yes, vamos correr para “dominar” a língua**: como a língua inglesa é representada em dois textos da veja. 2013. 247 f. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013.

LONGARAY, Elisabete Andrade. **Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna**. Tese (doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

LOPES, Maura Corcini. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 153-169, mai./ago. 2009.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. 2004. 385f. **O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. O consumo como investimento: a teoria do capital humano e o capital humano como *ethos*. **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 217-230, jul/dez. 2009.

LORENZI, Fabiane Langon. **Um herói contemporâneo em Você S/A: problematizando a produção do sujeito empreendedor**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

LOUREIRO, Carine Bueira; LOPES, Maura Corcini. A promoção da inclusão digital e a constituição do Homo oeconomicus accessibilis. **Educação**, v. 38, n. 3, p. 329-339, set./dez. 2015.

MIRANDA, Nilva Conceição. **Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica**. 2015. 112 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Curitiba, 2015.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

NUNES, Polliane Trevisan; THOMAZ, Rafaela Silva. Quando crescer quero ser cientista: uma análise do programa Novos talentos. In: **7º SBECE e 4º SIECE**, Canoas, 2017.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: Um manifesto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORTH, Priscila Steffens. **Tramas discursivas em cena: o espetáculo da língua inglesa em uma instituição universitária**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Entrevista com Zigmunt Bauman. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 16, n. 1, jun. 2004.

PARMA, Alan Febrão. **Ensino infantil da Língua Inglesa no Brasil: uma análise discursiva da evidência do “quanto mais cedo melhor”**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

PRADO, Daniela de Faria; MORATO, Rodrigo. A redação do Enem como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão. **Cadernos CESPUC de pesquisa: série ensaios**, Belo Horizonte, n. 29, p. 205-219, 2016.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética.** São Paulo: Parábola, 2003.

RECUERO, Ana Lúcia Pederzoli Cavalheiro. **Por que (não) ensinar espanhol no Brasil?** As políticas linguísticas e a gramatização no ensino do espanhol a partir da glotopolítica. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: Signorini, Ines. (Org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

REIS, Hiliana. Globalização, comunicação intercultural e mediações tecnológicas. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 254-263, jul./dez. 2004.

RESENDE, Nair Rodrigues; SOUZA, Ana Cláudia de. A atividade tradutória e a relevância da leitura: legibilidade e leiturabilidade de textos humorísticos traduzidos. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, ano 7, v. 13, set. 2011.

SANTOS, Marla Soares dos. **Relações de poder: análise do discurso de duas escolas idiomas.** 2009. 105 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SARAIVA, Karla Schuck; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação & Realidade**, v. 34, n.2, p. 187-201, 2009.

SCHULTZ, Theodore William. **O valor econômico da educação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TAVARES, Larissa Ferreira. **Condenados a vencer: a atuação do SEBRAE na produção discursiva do indivíduo empreendedor de si mesmo.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

THOMA, Adriana da Silva; KRAEMER, Graciele Marjana. **Políticas de in/exclusión de las personas con discapacidad.** El caso de Brasil. Barcelona: Editorial UOC, 2017.

TOLEDO, Neila de Toledo e. **Educação matemática e formação do técnico agrícola: entre o “aprender pela pesquisa” e o “aprender a fazer fazendo”.** Tese (doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

TOMASEL, Soraia. **To be or not to be: A produção da docência de Língua Inglesa em documentos legais.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

TILIO, Rogério. **Língua estrangeira moderna na escola pública**: possibilidades e desafios. *Educação & Realidade*, vol. 39, n.3, p.925-944, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Desenvolvimento de Servidores da UFRGS. **Apresentação**. Porto Alegre, [2018]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/edufrgs>>. Acesso em 21 mar. 2018.

VARGAS, Paulo Roberto Ribeiro. **Um estudo sobre a educação financeira e instituição escolar**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo, cultura e sociedade. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, vol. 8, n. 15, p. 157-171, jul./dez. 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VIAN JR, Orlando. O ensino de inglês instrumental para negócios, a linguística sistêmico-funcional e a teoria de gênero/registo. **The ESpecialist**, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 1-16, 2003.

## **ANEXO A – REDAÇÃO 01**

English has been important since the end of the II World War, when the USA became the greatest country in the world.

Since then, English has been used as the official language in business all over the planet and here at Brazil it is not different. And more than that, we use English in our daily routine, in sports, in music and TV. So we are always in touch with it.

But let's talk about business. Everybody wants a good job, with a good salary, in a big company and nowadays speaking English is something that can decide if you will get the job or not.

Unfortunately, people hadn't noticed how important English is and how important the English teachers are. More than that, people sometimes forget that the way the language is taught makes a huge difference.

However, we, the teachers, we have the obligation of opening the eyes of our students to all those important things, showing them how great it is speaking a second language and how it can change our lives.

We can do it with funny classes and showing them where all that stuff they are studying will be used in their real lives. I think the new teachers have been doing this for a little time and I also think that we will change those people's thoughts.

## ANEXO B – REDAÇÃO 02

Nowadays it is really important to anyone to know a second language, specially English, that is the most spoken all over the world.

It's important not only for the current college situation that the students are facing, but for the future and job opportunities as well.

For the early childhood, it is a very nice challenge as we need to teach in a different way, due to their age and assimilations. As the child develops abilities from real situations and intuitive, the teaching should be in a ludic method.

The natural approach is the most efficient way to teach the children, as they are in a developing process, as they will be learning with the mother tongue language.

The brain is being formed, so the assimilation will be easier. They love to learn different things and they are not afraid of making mistakes, but they need to be comfortable to learn. This process will be natural to learn the second language.

However, even if there are many games, videos, music in English for their age, it's important for the parents to understand that they're able to go to an English school and learn English since early childhood in a correct way.

### **ANEXO C – REDAÇÃO 03**

In today's society, knowing and even mastering a second language makes to improve both school and the market performance. This concern is related to the future social and interpersonal relations and also the insertion in the market of children's work in the near future.

There is nothing more natural that since early childhood the child has contact with the form of language of the external world, considering this learning that will lead to the knowledge of new cultures, acquiring new values. The researches have, therefore, the objective of raising related aspects with the teaching of a second language, in the English language case, in child education. Such studies are justified by the great importance that the theme has mainly due to the need to extend the command of new languages for people. In an environment of high technological advancement, with the planet communicating through the most varied means, who before dominates other languages will have better conditions to learn and know more.

## ANEXO D – REDAÇÃO 08

Today in an increasingly globalized and connected world English has become one of the main tools for communication in all types of activities.

Learning a second language has become indispensable and extremely important because we are inserted in this technological world in which the use of words in English is something natural.

This way, schools, institutions, teachers, parents and all the professionals involved in the educational world must seek and acquire knowledge about this teaching-learning process that occurs all the time especially in the childhood, which is a phase full of discoveries and possibilities, in which the acquisition and learning of the English language can be encouraged in an appropriate engaging, easy and playfull way. Thus for this language acquisition to be carried out properly in the childhood, it is necessary to use several approaches such as: games, music, stories, games, theater, etc.

Several studies and experts point out the benefits of having contact with the English language as soon as possible, since the child will be able to express himself/herself easily, improving his/her ability to solve problems, to concentrate and pay attention.

So let us guide our children and young people towards the English language with responsibility, appropriate approach, as well as being sure that we are enabling them the necessary knowledge that is the greatest wealth a human being may have for the transformation of the world around us.

## ANEXO E – REDAÇÃO 20

When we think about education we usually think about regular education, which comprises, basically, nine years of elementary school, three or four years of high school, and four or five years of undergraduation. For most students, that's a synonym for a promising career. What we have experienced, though, is that there are several other things that should be taken into account, such as, for instance, other learning activities, e.g. a foreign language or two.

We all live in a globalized world, so we are supposed to overcome some boundaries, and the best way to achieve this goal is being always up for continuous learning. Due to technological development, our generation can easily access several online platforms that offer different subjects, that is not redundant to say that these opportunities of continuous learning lay at the palm of our hands.

In the meantime, the more we learn, the more we are aware that there is always room for improvement that is a positive standpoint, since we can always go further and learn something for our career or for our own personal growth.

Last but not least, learning and education – teaching – are interchangeable, since it is a unique experience. I learn at the very moment I teach.

## **ANEXO F – REDAÇÃO 21**

Education in the 21st century has the challenge of attracting attention from students increasingly connected to technology. Increasingly the teachers have to use these means to hold the attention and arouse the interest of the students, who have their lives turned to the immensity of available applications.

Educating has become a constant challenge on teachers' lives as they have to be constantly updating themselves.

Another important factor is that the teacher enjoys teaching. He needs to love his profession, because without love there is no motivation to work and this way will have students disheartened and often angry, which makes it difficult to love in the classroom.

To educate in the present time is always being in search of new knowledge to heal the learning needs of the students and to like teaching, because to educate is also to love!

## ANEXO G – REDAÇÃO 22

In modern times, we live in a world surrounded by all kinds of challenges, be it in a macro or micro level, and it is expected that we are able to overcome such difficulties in order to be successful. Although many people believe that holding economic or political power is a key factor to rise to the top, nothing is more important nowadays than having a solid education. Not that it wasn't fundamental in the past, but in this fast paced Earth that is presented for us today, those who are willing to sacrifice/invest time into acquiring knowledge are usually the ones who go further.

We have become more and more competitive, as a demand of society in general, we want to learn things fast and absorb as much content as possible in a few amount of time, and exactly because of this, education today had to change abruptly. Education is expected to be dynamic, it is supposed to show the things you may find in the real world, it has to get you ready to face any challenges along the way. In short, more than ever, education has to be at the top of the game. But then a simple question may rise: how? There are many possible answers but it is safe to say that as awesome education comes from the ability of the teacher/coach into sharing knowledge, the sensitivity he or she has to notice when a student is having trouble with a subject and also how open the pupil is to learn new things. Education must be a two-way road.

It sounds simple and utopic when we put things like this, but it is extremely necessary to know that not everything is as we expect, especially in countries where education is poor or in development, such as in Brazil. We have great schools and universities in our country, however, most of them are private and a great amount of the population cannot afford to pay them. Of course we have very good public institutions, but sometimes they are very competitive or do not get the investment they should, which is a pity, since sometimes we have great minds around us that aren't able to take off because they lack resources.

The world and mankind is tough, so education today must be tougher, not in a bad way, but in a way that allows people to pursue their best version, and although sometimes we don't have all the tools we want, in an almost all-connected Earth, education is right next door, whether you prefer to look for information in a more "old school" way, like books and encyclopedias, or just surf around the internet using devices that fit at the palm of your

hands. Education is constantly evolving, but there's one thing that will never change: the knowledge you gather is yours and no one can take it away from you.

## ANEXO H – REDAÇÃO 34

Nowadays, the education in Brazil is precarious. It's not so easy to teach here. Maybe it's not easy to teach in all the world, but in Brazil there is a very big difficulty facing the few resources and lack of preparation of the teachers and educational leaders.

Brazil is going through a crisis and this situation causes problems too. There is not incentive to schools, to teachers, and mainly, to the students. Some people do not think it is important to study, to learn and to grow intellectually and this is so sad and makes the country regress.

There is another problem, regarding this. Teachers are not well paid and this causes, sometimes, sloppiness on the part of educators who could make something in relation to this, maybe don't think it's important but education is important. It's important for the personal growth of the developed world, if there is not incentive, support and understanding that education is essential.

There may be a solution to this problem, but, first of all, it's necessary to educate the mind of the rulers and show them that education is the bases of everything that may interest to a developed people and world.

## ANEXO I – REDAÇÃO 51

English is the second language most spoken in the world, its importance is so great as for traveling or business.

Globalization made it easier to communicate and know every single culture and country around the world but for this to happen English is the main tool.

Medical studies can be spread too, a good example is the flu that hurt China so badly years ago, they started reasearches on it and translated into English, making it easier for doctors and scientists when they had to deal tiwh the disease later.

Many great opportunities for young people are available, studying abroad with full scholarships in great universities as Cambridge and Yale. Not only studying but working abroad too, in companies like Emirates, that recrute girls and boys to work as cabin crew and pilots, the only requirement is to speak English fluently, and they provide all the formation courses and specializations offering high salaries and nice places to live in Dubai.

In Brazil, many multinational companies require English in their high positions, it's becoming more and more common in jobs announcements "English is required", because the society is evolving to a world level, the kids think about technology all the time, and the center of all technology is not in one unique country, so the common language is English.

To wide the opportunities and think great, English is essential nowadays.

## **ANEXO J – REDAÇÃO 53**

The English Language is an international language of communication used mainly for travel and for business.

To know the English language favors contact with people from any part of planet Earth.

Fluence in English can be compensated at work, in studies, travel, conversations with family and friends living in other countries.

Salary surveys show that the salary of a person who has a second language is 30% more than the salary of someone who knows only one language.

With globalization, many Brazilians have benn abroad for studies, business and vacation. At this time the most common language we use to communicate with foreigners is English.

In addition, to know the English language helps to know different cultures.

## ANEXO K – REDAÇÃO 55

Education is nowadays part of a delicate constitution as it involves many people taking part in this matter. Nevertheless, how important is education at all?

People definitely have the right to get education as much as they desire as there is no limitation for it, no matter how old people might be. Therefore, education is the only bridge that leads people to better futures once it plays a significant role in the development of a country.

As a noticeable thing, education cannot be segregated from human's life. On one hand, it is also seen as a key to widen knowledge among people once they are in touch with other cultures, technology and arts as well as history.

Also, education is better seen when it is a two-way communication tool as it helps people to be more confident and not to be introspective. Secondly, it also gives people the opportunity to show their opinion about different subjects. Hence, people are expected to tolerate more and to become good critics. Not to mention how large the perspective about life they might have.

Thinking about education in the past, we are about to find out how one-way communication worked – mainly at schools – and how upsetting it could be. Fortunately, people learnt that investing in education is profitable in both meanings: educational and economically.

## ANEXO L – REDAÇÃO 56

On these days, education is the key to succeed. It not only changes the way you see the world but it also helps you to think by yourself. Due to its power and capacity of transformation, education is a privilege. By comprehending that, it is possible to give more value to the opportunities to learn once you have it.

The more we grow and develop as people and countries, the more knowledge is required in order to get a job or to go to university. Since the flow of information is too big, technology is everywhere and people tend to spend less time paying attention to old ways to teach, it's necessary a method's change, specially when talking about languages. The best way to learn a new language is to find how to use it on your routine, for example, when playing computer games or watching movies on original audio.

Although it is not that easy to have access to education, either because it's expensive or because you don't have enough time, today it is easier than it was twenty years ago. there are several public schools and universities so people can have the chance to graduate, also, there are online courses and websites that have books and other types of material to amplify your knowledge.

## **ANEXO M – REDAÇÃO 58**

Education is one of the most important things for the development and progress of a country and its people. It's the reason why South Korea has come from zero to such a great and developed nation. They understood that in order to recover what they had lost during the war, they should put education in first place. It took about fifty years to become what they are today. A country with some of the best and biggest companies of engineering and IT in the world.

Now, in Brazil we can see that whoever wants to have a good education needs to pay an expensive price. The schools and colleges are not ready to give the education we need to stay on the top and to be considered a really developed country. The biggest part of our people lacks in education and stay in misery, depending on the government to give them money to buy some food and to have a really bad place to live.

More than ever, education must come first. Only with a good plan and investments in education we can surpass poverty and take our nation to a new level.

## ANEXO N – REDAÇÃO 60

The foreign language teaching nowadays takes a position of extreme importance and is well accepted by a large part of society. Many are the benefits that involve the individual who masters other languages.

In a world so globalized and opened to new situations of conviviality, a universal language is present and takes its place among students of various ages and cultures at a single goal that is to be connected with the rest of the world.

As for the fact of choosing the second language cannot deny the economic role that is involved in speaking English, since business and treaties with other countries are effective with English as the default language, an act that happens with clarity around the world, giving more a role of extreme importance for the language in question.

Most reasons for choosing the English to be a second language are: educational qualification, to know other cultures and traveling. Music, movies, books and games in English are usually present in the daily life, being great allies to the process of teaching and learning. Just like this, English language assumes a role of union in front of this giant cultural world increasingly globalized and accessible to all.

## **ANEXO O – REDAÇÃO 65**

Today the English language is a universal language and very present in our daily life. Many people wear clothes or words in English, but they don't know what they mean, so we should study it.

Nowadays it is more and more common to find a person that comes from another country in the street, in the company where we work. It's an extra point that requires at least a basic knowledge of the English language, not to mention the technology and products that are coming into our lives from abroad more and more.

In addition, people have invested more and more in higher education, which requires knowledge of languages.

In the same way, English has often seen a differential for a position in large companies that are increasingly looking for growth.

## ANEXO P – REDAÇÃO 66

“It is not the strongest of the species that survive, or the most intelligent ones, but the ones that can adapt” – Charles Darwin. I’m starting this text with this quote because I consider English part of adaptability in today’s world. Considering the high speed development of new technologies, business overseas and internalizations of companies, English has become not just important, but an essential tool for today’s life.

For example, in some corporations, English is as basic as knowing Excel, so people that don’t know English are in disadvantage comparing to people that know. Those people, who do not consider English important will have to change their mindset soon and start learning to adapt themselves to the new world, otherwise they will be out of the market.

English is not just important for business, it is also necessary for communication. Everyone has that “dream trip”, Paris, USA, London, or any other place, and to go abroad English is very much required. If you don’t know how to order food or ask any question that dream trip may become a nightmare. So if people want to resist and adapt themselves for today’s world English is a must.

## ANEXO Q – REDAÇÃO 67

Nowadays, according to researches of Instituto Data Popular at the request of British Council, less than three percent of Brazil has the mastery of the English language, in a country over than 200 million people.

Day by day the importance of English increases due to business market and academic devolvement. The control over the language is the same thing that having a “passport” to make dreams come true and achieve goals.

Studies show that in many countries professionals that have fluent English have bigger wages and more opportunities in many fields. Speaking English is extremely necessary for everybody that wants to get a better life.

On the other hand, people who don't possess it are limited in a lot of areas. To do an exchange program or to access the most recent internet search English is the key that creates bridges between countries and connect different cultures.

Unfortunately, just a small group has the access to this knowledge. The best solution to this problem is to set English as the number one priority, like when a person has a disease and needs treatment, because it is the transformation tool that can change lives.

## ANEXO R – REDAÇÃO 68

During the last decades, with the world becoming more and more connected, the English language has never been so important like it is now.

Companies and universities all around the globe have English as an essential tool, demanding a high level of the language for employees and students.

Whether travelling on business or simply as a tourist, you must know the basic structures in English, at airports, restaurants, stores, cafés, drugstores, etc.

In order to get a scholarship abroad that may change your future forever, the English language is utterly necessary too.

Having the job of your dreams in a huge company will also depend on how competent you are speaking English. Globalization has come to stay, so it's up to you adapting yourself to the job market and improve your communication skills within a foreign language.

Furthermore, plenty of articles, studies and professional help can be found on the Internet, using English as their common language to share this information.

Be hardworking and add English to your life, chances are: success will be one step closer!

## ANEXO S – REDAÇÃO 70

English is the most spoken language in the world. English makes itself present everywhere: movies, series, songs. The entertainment industry made English necessary, developing USA's economy working as a really strong influencer, the American brands are known in the whole world making English more powerful than it was.

Every year the USA is in the top of the entertainment ranking. The American songs make everyone dance and you always can see that the American songs are in the top 10 of the TV programs. Even in Brazil it is easier to find someone who knows all the lyrics of Beyoncé's songs than somebody who knows a Chico Buarque's song. The cinema also suffers it. Hollywood is the most important film producer. And that's not just in the entertainment.

The USA has a really great economy, the country gets some of the most well-known companies of the globe. Mc Donald's, Nike, Apple, Facebook, Google, Coke... These are just some of them. Having a lot of such common and popular brands help the language to run around the planet once that we use buy and want to have these products. And now, with all the technology improvement we can contact with the foreign language every day.

As we can see, English is everywhere. It can be on TV, on internet or even in the box of the sandwich you are eating. If you know how to talk in English, you will be years ahead others. English is not a luxury more, it is essential.